

ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

ALEXANDRE RODRIGUES GUIMARÃES

**PERSONAGEM SEM NOME: O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ROMANCE MALDITO FRIO**

Porto Alegre  
Ano

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica  
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
MESTRADO EM ESCRITA CRIATIVA

PERSONAGEM SEM NOME E O PROCESSO DE CRIAÇÃO  
DO ROMANCE “MALDITO FRIO”

ALEXANDRE RODRIGUES GUIMARÃES

Dissertação apresentada como requisito para obtenção  
do grau de Mestre em Letras - Escrita Criativa pela  
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Ricardo Araújo Barberena

Porto Alegre

2018

## DEDICATÓRIA

Para Simone e Dora.

## AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a realização desta dissertação de mestrado e não poderia deixar de manifestar meu profundo agradecimento a todas elas.

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pelo apoio financeiro para a realização deste trabalho possibilitando o custeio do curso, no caso da Capes, e minha dedicação exclusiva, no caso do CNPq, ao mesmo.

Aos funcionários, alunos e professores do PPGCC pela convivência, amizade e experiências compartilhadas ao longo do curso de mestrado.

Aos colegas e amigos do grupo de pesquisa pelo ótimo ambiente de trabalho e ótima convivência que me proporcionaram durante os anos que faço parte deste grupo.

Em especial, a meu orientador, Ricardo Araújo Barberena, pelas conversas, os caminhos e a paixão, demonstrada dia após dia, pela literatura.

# PERSONAGEM SEM NOME: O PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ROMANCE MALDITO FRIO

## RESUMO

Este estudo trata de duas experiências desenvolvidas ao longo do processo de escrita do romance Maldito Frio, desenvolvido no Mestrado em Escrita Criativa, entre 2016 e 2018. Trata-se, primeiro de uma consideração a respeito do anonimato de alguns personagens na literatura a partir do surgimento do realismo. Este tema, que tanto preocupou autores da grandeza de Dostoievski, Kafka, Joyce e Saramago, é um elemento dos mais presentes na literatura contemporânea. Autores continuamente utilizam personagens sem nome, com efeito mais ou menos acentuado em suas escolhas narrativas. Diante disso, surge a indagação de em que medida e de que modo este recurso tem servido à criação de algumas obras. Assim, guiado pela vontade de entender a importância ou não de nomes na narrativa, empreendo um percurso pela escrita de outros buscando entender a minha própria. Incorporo assim elementos e descobertas. Também com a intenção de oferecer entendimento sobre as escolhas que norteiam esta obra literária, faz parte deste trabalho dissertativo um diário de percurso, permitindo ao leitor acompanhar como se deu a resolução de algumas questões-chave da criação. Os dois trabalhos buscam iluminar e esclarecer, apostando na circulação da palavra como forma de colaborar com a (trans)formação crítica a respeito da construção de uma obra literária. À luz das lentes teóricas, especialmente de Ian Watt, evidencia-se o encontro este trabalho das ideias propostas. O romance propriamente dito oferece ainda a possibilidade de tratar de alguns temas caros a este autor, notadamente as transformações políticas verificadas no Brasil a partir das Jornadas de Junho de 2013. Sem incorrer na máxima de que toda obra é política, esta pretende sê-lo. À sua maneira, como este autor acha que deve ser, inscreve-se numa tentativa de entender seu país e seu tempo, sem abandonar as questões teórico-literárias.

**Palavras-chave:** Literatura; Anonimato; Narrativa; Jornadas de Junho; Política; Criação.

## **CHARACTER WITHOUT NAME: THE CREATION PROCESS OF THE NOVEL DAMN COLD**

### **ABSTRACT**

This study deals with two experiences throughout the writing process of the novel *Maldito Frio*, developed in the Master's Degree in Creative Writing, between 2016 and 2018. It is, first, a consideration regarding the anonymity of some people in the literature from the emergence of realism. This theme, which so preoccupied authors with the greatness of Dostoevsky, Kafka, Joyce and Saramago, is an element of the most present in contemporary literature. Authors continually use unnamed characters with more or less accentuated effect on their narrative choices. Faced with this, the question arises to what extent and in what way this resource has served to create some works. Thus, guided by the will to understand the importance or not of names in the narrative, I undertake a journey through the writing of others seeking to understand my own. So I incorporate elements and discoveries. Also with the intention of offering an understanding of the choices that guide this literary work, part of this dissertation is a diary of course, allowing the reader to follow how some key issues of creation were resolved. Both works seek to illuminate and clarify, betting on the circulation of the word as a way of collaborating with the (trans) critical formation regarding the construction of a literary work. In light of the theoretical lens, especially of Ian Watt, it is evident the encounter with this work of the ideas proposed. The novel itself also offers the possibility of dealing with some of the most expensive themes for this author, especially the political transformations that have taken place in Brazil since June 2013. Without incurring the maxim that every work is political, it is. In his own way, as this writer thinks he ought to be, he insists on trying to understand his country and his time without abandoning theoretical-literary questions.

**Keywords:** Literature; Anonymity; Narrative; Days of June; Politics; Creation.

## SUMÁRIO

1 – Maldito Frio.....	4
2 – O narrador sem nome.....	90
2.1– Um breve histórico.....	85
2.2 Saramago e os personagens sem nome.....	94
2.3 – O aporte teórico de Maldito Frio.....	98
2.4 – Escrevendo <i>Maldito Frio</i> .....	101
3 – Diário da produção.....	113

## **MALDITO FRIO**

Uma coisa que podia fazer com o carioca:

Podia apertar a base do seu pescoço, pressionando os ossos até ouvir um estalo ou ter certeza de que ele deixou de respirar. Alguns golpes na barriga com a mão livre serviriam para dar um jeito qualquer reação, deixando enquanto isso a outra livre para colocar a força necessária e liquidar o assunto. Não seria um exagero supor que mesmo assim o carioca iria querer opor resistência e tentar fugir; assim é o instinto de sobrevivência humana e nesse caso ninguém podia culpá-lo por ser firme. Antes de estrangular alguém pela primeira vez, leu em algum lugar que um estrangulamento dura em média de quatro a cinco minutos, um processo bastante demorado. O que o texto, ele aprendeu depois na prática, é que tudo depende de um bom posicionamento de pernas. Mas talvez, querendo ser prático, o melhor fosse sacar agora mesmo a .22 na cartucheira em sua panturrilha esquerda e, sem nem pensar, esvaziar no carioca.

Na poltrona ao lado, o carioca ignora seus pensamentos, sorrindo para ele não só com os dentes, como as demais pessoas, mas com o rosto inteiro, franzindo a pele numa máscara como é quase impossível para todo mundo, mas muito fácil para os cariocas. Sempre achou idiota este hábito de algumas pessoas que gostam de rir sem razão, mas no caso do carioca a impressão negativa é neutralizada desde que se conheceu com as ondas de simpatia, emanadas sem parar, que o ficar ouvindo mesmo quando, como agora, o carioca continua a repetir quase só a mesma frase:

“Então, cara, o que acha?”

Na companhia de outros quinze passageiros e do motorista, o ônibus, um bólido de metal prateado de dois andares com o nome de uma das mais conhecidas empresas nacionais, corre numa estrada do sul do país e dentro dele, sentado na poltrona 33, ele acaba de chegar à conclusão de que, para levar seu plano adiante, seria preciso lidar com algumas complicações. Por exemplo, eliminado o carioca, o que

fazer com as testemunhas? A solução para isso é retirar a mochila no bagageiro e, de dentro, enrolada numa toalha grossa, a submetralhadora uzi, nove milímetros, precisando apenas ser liberada a trava para ser acionada. Mas como se livrar dos corpos?

E o ônibus? O que aconteceria assim que alguém se desse conta de que não chegou ao destino?

O que o leva a se afundar na poltrona com desânimo: depois de tudo, ainda teria que roubar um carro.

“Cara fala logo. O que acha?”

Ele se estica na poltrona, sentindo a dureza da espuma na base das costas. Olha depois para o carioca, entrelaçando os dedos. O carioca não dá a impressão de que vai desistir. As rugas em seu rosto parecem causadas por risadas. Não tem tempo de notar mais do que isso, pois logo o carioca volta à carga:

“Cara...”

Quase vinte e quatro horas atrás, ele ouviu pela primeira vez sobre os planos. Não comentou nada a respeito, saindo com uma evasiva quando, sem muito jeito, o carioca tentou cobrar dele uma posição. Continuou a insistir e, apesar de suas tentativas de deixar claro a impossibilidade de opinar, a seguiu uma forma de fazê-lo concordar. Sem se importar demais com o interlocutor, pelo menos não tanto quanto seu (o dele) direito de estar ali fazendo perguntas, agora, quando o sol avança novamente, faz mais um esforço para extrair alguma opinião, razão pela qual, desviando os pensamentos para um novo cenário, ele reage passando a imaginar que desta vez o carioca, em vez de continuar a perturbá-lo, suplica pela própria vida. A cena se modifica, fazendo o mesmo como o seu humor. Sem a vitalidade e otimismo inerentes, a voz lamuriante, cheia de súplicas, do carioca provoca uma onda de alívio. Com a expressão passiva, imagina o carioca gritando e perguntando ao céu. Quando

enxerga um cenário completo, de olhos fechados, vem uma onda de satisfação tão intensa que por um tempo consegue ignorar a voz do verdadeiro carioca a insistir:

“Vai dizer ou não vai?”

Sem reconhece nenhuma intenção de exasperá-lo ou irritá-lo ou provocar nele o menor desagrado, muito menos levá-lo, como agora, à beira do desespero, aposta ainda assim: a culpa é dos resquícios da juventude. Os cabelos do carioca são de um preto forte enquanto nos seus os fios grisalhos predominam. O sorriso é do tipo contagiante, que faz você gostar de alguém sem ao menos saber por que. Precisa lutar consigo mesmo para, apesar de tudo, não acabar cheio de simpatia por ele.

"E então?", o carioca insiste uma vez mais, fazendo com que decida por uma nova estratégia: ignorá-lo, se virando olhando para o lado de fora para observar o gado pastando à beira da rodovia. Depois, de novo, para seu companheiro de viagem e então o desânimo: por mais que esteja irritado, não consegue odiar o carioca.

Vinte e quatro horas mudam você. Um dia antes, não seriam seus estes seus pensamentos. Na Rodoviária Novo Rio, antes do embarque, nada do que aconteceu foi diferente das outras viagens. Ele chegou mais cedo e comeu um Big Bob sozinho na praça de alimentação. Aquele era um cenário associado a revistas do Recruta Zero, compradas na loja bem no meio do salão e dezenas de dramins ingeridos em diversas idades, horários e datas, a grande maioria, quando ainda era criança, em esperas intermináveis na companhia dos pais, que tinham a mania de chegar três horas antes do ônibus. Pelo menos tinha liberdade de circulação e, assim que ajudava os pais a reunir todas as malas em volta de duas cadeiras, começava a perambular muito por ali. Havia outras lojas, como o fliperama e a loja de discos usados e aquelas outras, com lembrancinhas no estilo I Love Rio ou Fui ao Rio de Janeiro e lembrei de você, razão para a produção de dezenas de camisetas, porta-lápis e réplicas do Cristo Redentor e também aqueles monóculos onde você botava o olho e via uma paisagem carioca. Um cenário ao qual era mesmo grato enquanto não tem a menor simpatia pelo outro

cenário que ficou no lugar. Plástico asséptico, artificial, tão feio (de maneira diferente) quanto antes. Com esta qualidade de pensamentos, oprimiu as expectativas, se dirigindo primeiro às escadas até o andar de baixo e depois à plataforma. Procurou um banco discreto para aguardar sentado a chegada do ônibus. Até aí tudo continuava igual e quando foi a vez de embarcar, se acomodou na poltrona 33, observando a lógica que em caso de acidente o mais provável é que sobreviva o ocupante justo daquele lugar. E, com satisfação, observou o ônibus encher apenas até a metade.

O barulho dos motores ligados. Pode dizer qual é a sensação? Ele pôs os fones de ouvido, acionando em seguida a primeira música da playlist organizada de maneira predeterminada. Os primeiros acordes de Mingus o fizeram se recostar na poltrona, repassando mentalmente o pouco que sabia do plano. Não deixava de se sentir um pouco angustiado com a falta de informações. O contato o esperava na chegada. Tinha planos de voltar na quinta ou sexta-feira. Três dias costumam ser suficientes para o trabalho. Mesmo fazendo planos de voltar na quinta-feira, dali a quatro dias, não se distraiu a ponto de ignorar os amortecedores sendo testados pelo motorista, nem o jovem de formas sólidas que, com passos decididos, assim que apontou na porta, começou a andar pelo corredor conferindo os números das poltronas com o pedaço de papel nas mãos.

“Acho que vamos juntos, hein?”, ouviu ele dizer depois de parar bem diante da poltrona vazia ao seu lado.

Quando dois estranhos se encontram por acaso, ninguém espera que um vá logo começar a soterrar o outro de informações. As pessoas têm, pelo menos no começo, a propensão de não cansar e nem incomodar os outros, um certo pudor de ser um incômodo. É assim que funciona em geral, mas não com o carioca. Assim que terminou de guardar a bagagem, verificando mais uma vez os lugares vazios em volta, sentou-se ao seu lado na poltrona e, sem qualquer advertência, passou a despejar de maneira inclemente e de uma só vez uma torrente de informações a respeito de si e da

viagem que está fazendo. Não bastasse a primeira, fez o mesmo muito antes da Serra das Araras e depois no topo daquela que, segundo o noticiário, é um dos pontos mais mortais e perigosos das estradas brasileiras. Enfrentando as curvas oblongas, ficou preocupado demais para se importar com o relato, assim como um engarrafamento obrigou a todos a passar quatro horas olhando a cidade de São Paulo quase do mesmo lugar. Finalmente, depois que o ônibus parou em Registro, procurou um lugar solitário, carregando na bandeja um risole de carne meio morno e um arrependimento por tudo. Vinte e quatro horas mudam tudo, mas, destas, o melhor momento foi quando conseguiu dormir e depois, ao acordar, a sensação de que começava a esfriar de verdade.

Com pequenos olhos encolhidos, observou do lado de fora ao acordar. A paisagem não havia mudado e não seria agora que iria fazer. Não tinha certeza sobre se o carioca continuou ou não a falar enquanto dormia, só que agora continuava falar:

“Minha mãe se mudou um ano atrás e abriu uma loja de roupas femininas”, .

Já sabia o roteiro: o negócio deu certo e, sentado a seu lado, ouvindo o carioca ponderar sobre esta possibilidade, não podia mais ter dúvidas: a compra e venda de roupas femininas é um dos negócios mais promissores. Foi o que disse ao carioca e desde então não entendia o que faltava ainda dizer. O carioca, no entanto, ainda queria mais, insistindo por mais algum comentário que, podia adivinhar, só podia ser positivo.

“Cara, vai mudar cem por cento. Você vai ver”.

As chances de alguma forma acompanhar esta mudança são tão remotas quanto ser tragado por um buraco negro às onze da manhã numa rua movimentada, mas, mais de vinte e quatro horas depois, tendo ouvido de maneira incessante a mesma coisa, a voz do carioca não deixa dúvida: o carioca realmente acredita na informação. Vasculha seu rosto, esperando qualquer sinal de sinal de desespero. Encontra a aparência de um homem comum. Marcas precoces de idade e alguns sinais de acne no passado. O traço mais marcante, todavia, é o sorriso, cheio de confiança, Ele mesmo estaria com um sorriso desses ou pelo menos se importaria em torcer pelo carioca não fosse o fato de

que o carioca, por alguma razão, também insiste em saber o que acha a respeito e, sem muita sutileza nisso, o efeito é de que agora não se sentiria nada mal em saber que todo o negócio do carioca e sua mãe deram muito errado.

Dentro do ônibus, se esforça para continuar indiferente. Não importa o que o carioca fale, os ouvidos estão fechados e o olhar vaga em busca de um lugar para se fixar, porém, pela janela a paisagem continua imutável. Uma sequência de indústrias de diferentes portes, imagens bucólicas, propriedades rurais, pequenas e grandes cidades quase se alternando ao longo de um dia e uma noite e que agora, confrontada de vez em quando por um ferro-velho, uma parada de ônibus com alguém à espera ou visitas breves aos restaurantes de beira de estrada no caminho, lança dúvidas sobre a proclamada tese de que o Brasil, mais do que um país, é um continente. Está a ponto de acreditar nisso quando avista no instante seguinte uma grande estrutura de metal.

Uma segunda aparece uma segunda. E então uma terceira. Ele vê se aproximar um campo de grandes ventiladores de metal, girando lentamente à beira da estrada. Imóvel, cada hélice vai para cima e para baixo feito um gigante que dá cambalhotas no mesmo lugar.

O carioca ignora todo isso, concentrado em ainda insistir.

“Vai dizer ou não?”

De novo:

“E daí?”

Uma terceira vez:

“Cara”.

Ao mesmo tempo em que insiste em envolvê-lo, o carioca insiste em omitir elementos cruciais da história. Por exemplo: a mãe já tinha parentes na cidade ou é apenas do tipo aventureiro, capaz de se estabelecer em um lugar que nunca visitou e onde tampouco tem raízes para formar do nada um novo círculo social? É possível acreditar na possibilidade vendo a habilidade do filho para travar amizade não só com

o estranho ao lado como o restante do ônibus. Mas e quanto aos relacionamentos amorosos? Nas palavras do carioca, nenhum outro detalhe parece relevante, a única obsessão é obter a validação a respeito de se mudar de cidade, estado e região do país, talvez confiando que no espaço de uma vida não exista tanto tempo assim para estar no mesmo lugar, mesmo que a mesma cidade ou mesmo no mesmo tempo e com as mesmas pessoas, sendo necessário experimentar qualquer mudança ou se acomodar. Mas se era isso, as possibilidades pelo menos até agora se resumiam ao fato de que os negócios iam bem, com uma nova carga de trabalho e possibilidades infinitas de prosperidade (concreta) e, dada a beleza (concreta) das mulheres locais, uma vida sexual ativa (sugerida).

“E você, o que está indo fazer lá?”, o carioca pergunta.

“Vou matar uma pessoa”, ele responde.

Uma sombra de tensão no rosto do carioca. Nota depois a expressão se desfazer em alívio. É lógico que só pode estar brincando. Ninguém confessa aos outros algo assim, ainda mais nessas palavras. No entanto, percebe que talvez o carioca não esteja satisfeito com a conclusão.

“Certo”, o carioca diz.

Aproveita para acrescentar: é o dia de sorte do carioca:

“Se você tiver alguém que deseja ver morto, faço bom preço. Promoção”.

Seria diferente este tipo de oferta no tempo dos pistoleiros ou dos samurais ou, indo mais longe, dos cavaleiros medievais. Eram tempos que recompensaram a habilidade e o estilo de tirar a vida de outro ser humano. Dentro deste ônibus em dois mil e treze, porém, nenhuma ideia soa mais estranha na imensa comunidade de criaturas pacíficas que a maior parte dos lugares se tornou. Antes que o carioca faça perguntas, ele mesmo se encarrega de esclarecer:

“Na verdade, sou representante de uma marca de tintas”.

Dez minutos de explicações sobre as variedades de tintas e o mercado de pigmentos. O rosto do carioca acompanha seus movimentos apenas nos primeiros

minutos, passando da animação à progressiva falta de interesse. Mesmo assim segue falando. A maioria parte das informações foi aprendida com o pai de um amigo, um vendedor de tintas de verdade, muito tempo atrás. Explica as variações de cores e tendências, um conhecimento acumulado através de um mostruário de tintas, que ganhou dele de presente, através dos quais aprendeu milhares de combinações e possibilidades, que guardou por anos. As mesmas informações que agora trata de lembrar e de contar ao carioca.

“As pessoas hoje querem sua cor própria. Customizar”, ele explica.

O pai desse amigo um dia deixou a família, mulher e três filhos, para viver com um homem na mesma rua, a menos de dois quarteirões. Numa noite, quando discutiam, a ex-mulher foi até o quintal e ateou fogo ao próprio corpo com álcool, agonizando e gritando até não ter mais vida. Os vizinhos contavam que o ex-marido, enquanto isso, apenas se sentou numa cadeira para assistir. Não conta nada disso ao carioca porque não são fatos relacionados. Segue em vez disso na história das tintas, cujo enredo vai inventando à medida que avança. Apesar de importante em outras regiões, a marca ainda não emplacou quase não vende no sul. Ele é o encarregado de mudar isso, razão de estar, portanto, com os próximos dias lotados.

Mas se tivesse levado a sério a informação, seria sua vez de ficar na defensiva. Pode ser imaginado assim: o carioca acha natural ele dizer que mata pessoas e depois, da maneira mais casual, pergunta:

“E quem é a vítima?”

É quando teria de responder:

“Não sei”.

Quando o advogado faz contato, o procedimento normal é passar todas as informações para possa planejar o trabalho. Desta vez, no entanto, a aparência hesitante do advogado na tela era um sinal de que as coisas não estavam no lugar.

“Como assim não tem um nome?”.

“O serviço paga mais”, ouviu a voz do advogado dizer. “Muito mais. Não te preocupa, estou cuidando dos nossos interesses”.

“Foda-se o dinheiro. Não é assim que eu trabalho”.

“Exigência do cliente”.

“Quem é o idiota?”

“Você sabe que não posso dizer”.

“Não gosto disso.”

“Nem eu. Mas estão pagando bem”.

Uma semana depois, o carioca ao seu lado, revisa cada frase do diálogo em busca de algum sentido oculto. Nesse ramo, é fácil fazer inimigos e as armadilhas estão em toda parte. Para um assassino de aluguel, além de tudo, saber quem será morto faz parte da lista básica de informações, “Você não faz planos” – ele iria explicar ao carioca – “sem saber disso. Não faz porra nenhuma, em resumo”.

Se quisesse ser ainda mais sincero, talvez fosse o caso de contar ao carioca que quando o advogado ligou para falar do serviço, o combinado foi de que pelo menos ele saberá das informações na chegada.

“Pensa no dinheiro”, o advogado sugeriu por último, encerrando o assunto com o mais antigo dos argumentos. Isso o irritou, fato que, percebeu, não escapou do advogado, cuja voz ficou ainda mais suave.

“Você não confia em mim?”.

“Esse é justo o problema” e poderia ter dito isso não só ao advogado como ao carioca. “Nada pessoal, mas o fato é que não dá para confiar em ninguém”.

Talvez o carioca oferecesse depois algum tipo de consolo ou alternativa. Nem sempre as pessoas que parecem superficiais o são realmente. Mas o mais provável, considerando o comportamento dele até aqui, seria ouvi-lo quase por obrigação, como se só estivesse esperando a vez de voltar a falar de si mesmo, o que acaba acontecendo.

“Porra, vai dizer ou não?”

Ele olha uma vez mais para o carioca. Um olhar sério. Com os músculos tensionados, acaba dizendo tudo de uma vez. O carioca não responde enquanto fala.

Fica também em silêncio por quase um minuto depois e quando reage, finalmente, é para dizer:

“Você é maluco, cara”.

Levanta-se em seguida e vai falar com os outros passageiros. Ele fica observando-o à distância antes de colocar os fones novamente e aumentar o volume da música.

O ônibus ainda se encontra a quase cem quilômetros do destino, ele verifica no GPS. Está em noventa, oitenta, setenta. Em sessenta, ele vê o passageiro duas poltronas à frente se erguer, vindo até o seu lugar. Reconhece o homem de um casal que segue viagem desde o começo. São dois locais que, após uma viagem à Bahia, voltam agora a tempo do aniversário da filha.

“Preparado?”, pergunta a ele.

“Preparado para o quê?”

“Para o frio. Está de, como dizem na minha terra, de renguear cusco”.

Exibe em resposta o pulôver dobrado sobre os joelhos.

“Mas só isso?”

Só então nota: o outro carrega um tablet. Um toque no aparelho e surge a notícia: a cidade, informa, será a mais fria do mundo hoje.

“Aqui dentro o aquecimento funciona. Mas lá fora um pulôver não vai dar conta”, o velho vaticina.

“Tem mais na mala”, ele explica.

A lembrança vai por um instante para a mala, repleta de roupas, mas também do outro conteúdo: guardada nos bolsos: munição, uma baioneta e pequenos artefatos de trabalho.

E se o outro passageiro agora à sua frente e também o carioca perguntassem: por que um assassino viaja de ônibus?

Resposta: você já imaginou levar tudo isso em um avião?

Ainda agora passaram pelo gado pastando, ignorando a existência da civilização em volta. Mas depois é vez das áreas urbanas se tornarem mais frequentes. E depois os grandes galpões, situados à beira da rodovia, pequenos negócios, padarias, casas, sempre com uma placa: escritório de contabilidade, Armando corretor, Aulas particulares. As pessoas nas calçadas fazem seu trajeto cotidiano, todas envoltas em grandes camadas de roupas. Quando o ônibus passa ao lado delas, iluminadas pelo sol, ele vê as pequenas nuvens de vapor que saem de seus corpos e, coincidência ou não, algumas são as criaturas mais bonitas que viu na vida.

Uma hora depois, à sua esquerda, um estádio de futebol brota do chão quase no meio do nada. Sua aparição tem efeito sobre os outros passageiros, que se levantam para ver. Vem então a sequência de bairros decadentes, quase todos iguais às mesmas regiões vistas em outras cidades, como se todas pudessem ser uma só. Não demora e uma parte dos passageiros começa a se levantar e a mexer no bagageiro. O carioca reaparece com a mochila nas costas, ficando logo à sua frente. De repente, diz:

“Escuta, acha mesmo isso?”

Acaba dizendo o que o companheiro quer ouvir. O carioca faz cara de satisfeito. Cada uma das palavras tem um efeito e o efeito é deixá-lo sem ter o que dizer.

O ônibus estaciona e as portas se abrem no momento em que o carioca informa: não sabe como é a mulher que vai buscá-lo. A mãe não pode comparecer por causa da loja, uma funcionária estará à espera.

“Tomara que seja aquela”, o carioca diz.

Aponta para uma garota bastante jovem e muito bonita, sentada de modo nada acanhado numa cadeira. Vestida de preto, observa o ônibus parado de um jeito que parece olhar para o nada. Repetindo um clichê muito popular, de que na cidade, assim como em todo o estado, as mulheres são todas muito bonitas, o carioca se despede assim que chegam à plataforma. Ele o vê cruzar o percurso desviando das pessoas. Dali até onde a garota está sentada são menos de duas dezenas de metros, que percorre com passos rápidos, indo então falar com a garota. Ela, numa atitude desafiadora, fica

de pé, dizendo algo ao carioca, que fica sem ação. Deixa então de dar atenção a ele, voltando a sentar no banco. Mas assim que o vê, perdido ao lado do ônibus, a garota fica de pé novamente. O rosto dela iluminado e a expressão do carioca, de quem acaba de levar um choque, produzem uma alternância divertida. Ela tem um sorriso caloroso, que oferece a ele enquanto, de maneira irônica, ele se dá conta de que nunca sentiu tanto frio.

“Com fome?”, ela grita à sua frente na passarela.

Na tampa em caracol, se esforça quase sem fôlego para segui-la garota. Tenta responder alguma coisa, mas o frio o impede de pensar. Ela se adianta com os passos firmes, não dando chance, deixando-o para trás. Quase todos que passam por eles têm os rostos assustados e gelados, se escondendo com toucas na cabeça. Talvez a temperatura seja uma surpresa também para eles, embora os grossos casacos compridos digam que não. De qualquer forma o faz odiar o funcionário do bagageiro da rodoviária e a maneira como, minutos atrás, ele deu a notícia.

“Como não está aqui?”

“Alguém pegou. Só pode ser”, respondeu o funcionário do bagageiro.

“Minha mala?”

“É. Não falta ladrão na estrada. Está tudo perdido. Talvez tenham aberto o bagageiro numa parada. O que tinha dentro?”

“Uns casacos”.

“Ugh. Vai passar frio”.

Quando o funcionário do bagageiro se ofereceu para anotar sua reclamação, ele apenas virou as costas e saiu atrás da garota. “Tomar no cu”, ele diz para si mesmo, revivendo a cena. A garota mantém com passos firmes a dianteira. Tem uma bela bunda, mas, como muitos jovens de sua idade, uma maneira preguiçosa de andar.

O centro não difere do centro de qualquer outra cidade que já tenha visto. É como se todos os centros de todas as cidades, pelo menos neste país, fossem parte de um único lugar, marcado pela sordidez e onde o ar é sempre irrespirável. Na passarela

quase vazia, ele vê também o espelho de água brilhando com a luz do sol, que a garota disse ser um rio cujo nome ele reconhece de incontáveis reportagens televisivas.

Andam os dois por uma rua com cara de decadente. No final da quadra, ela, sem dar qualquer satisfação, agarra sua mão, puxando-o para o lado de dentro. Acaba descobrindo que estão em um restaurante, agradecido pelo ar condicionado ligado no quente. O salão ainda está quase vazio, porém o buffet já está servido.

“Nossa, está mesmo gelado”, ela confere com a ponta dos dedos a pele do rosto.

O garçom se aproxima. Usa só uma camisa de manga comprida. Ambos pedem as bebidas, mas antes que o garçom se afaste, ele pede para esperar.

“Alugar meu casaco?”

“Você tem um, não tem?”

Sai por instante, voltando com uma jaqueta bege. É uma das coisas mais horríveis que já vestiu e, além de tudo, dois números maior. Mesmo, depois de vesti-la, fica tomado por uma onda de felicidade ao se sentir aquecido. Uma sensação que melhora ainda mais quando, após se servir, toma as primeiras colheradas de sopa quente. Em poucos minutos, está mais disposto a conversar.

“Depois vamos comprar umas roupas para você”, a garota diz com o ar despreocupado. “Já conhecia a cidade?”

“Quem mandou você aqui?”

“Vai saber na hora. Mas não posso contar nesse momento. Quer ou não comer?”

Depois do almoço, as pessoas continuam a passar como se estivessem em fuga. São os únicos parados ali. .

“O que está achando?”, ela diz. “Do quê?”

“Da cidade”.

A resposta poderia estar nos prédios encardidos à distância, mas de longe não é difícil se enganar sobre qualquer lugar.

“Não dá para saber ainda”.

“Bem, vamos achar um hotel. Me disseram que tu faz questão de escolher”.

Então é sua vez de parar.

“É uma piada?”

A garota não consegue conter o espanto.

Ambos olham para cima. Numa placa, que parece ter muitos anos, as letras, presas numa estrutura de metal, formam a palavra contra o azul: H-O-T-E-L. Na fachada recoberta de tijolos, a única entrada é uma portinha pouco acima da altura da rua. Está aberta só pela metade. Na parte fechada, o vidro embaçado e coberto por adesivos com as bandeiras de cartões de crédito não deixa ver do lado de dentro. No lado escancarado, ele olha para cima: vê apenas uma escada de madeira que leva até a parte de cima, interrompida na metade por uma grade branca.

“Tem certeza?”, a garota o cerca. “Essa pocilga deve ser o pior hotel da região. Da cidade toda até”.

“Gostei da placa”.

“Não brinca. Sério, tem hotel melhor até na outra quadra”.

Possivelmente está certa.

“Só preciso de uma cama. Sem insetos”, ele contemporiza, tentando convencer a garota.

“Nisso aí, não posso garantir”.

Uma rajada de vento desarruma os cabelos dela. Tenta arrumá-los, mas fracassa.

“Cada um com seus problemas”, a garota diz, dando de ombros antes de anunciar: “Tenho que ir agora. Um compromisso”.

Tenta ir embora sem se despedir, porém grita o seu nome e ela se vira:

“Quem te mandou?”

“Vai saber na hora certa”, a garota responde.

“Agora”.

“Não posso dizer. Eu volto pelas cinco, pode ser?”

Ele a observa atravessar até a outra calçada e caminhar até o fim da rua antes de dobrar a esquina e desaparecer. Fica ali parado, com a intenção de esperar um pouco mais. Uma rajada de vento gelado, contudo, expulsa-o para o lado de dentro.

Depois que ela vai embora, faz questão de bater os pés na escada de madeira, produzindo o maior barulho possível. Quando chega à grade, está trancada. Aperta a campainha, uma, duas vezes. Ninguém aparece. Produz também uma série de pigarros, tossidas e outros ruídos que visam chamar atenção. Nada. Está pronto para ir embora quando se dá conta: uma cabeleira loura o observa do alto.

“O que foi?”

Demora um pouco mais até o barulho de metal anunciar a fechadura á sendo destrancada. A cabeleira confere vigilante enquanto sobe os últimos degraus com passos tão secos como batidas de tambor. Mas só quando já chega ao último se dá conta de que o observador é uma mulher. Tem os traços inexpressivos.

“Um quarto”, ele diz.

Ela o leva até uma porta aberta no canto oposto ao balcão. Do lado de dentro, a TV na parede, quatro camisinhas em retângulo sobre a colcha. As paredes, recobertas por uma camada irregular verde cor de grama, precisando de uma pintura. O cheiro forte de mofo o leva a duvidar que vá conseguir passar uma noite ali. Mesmo alguns minutos parecem impossíveis. Além de sombrio e triste, frio feito uma caverna. Como se tivesse adivinhado seus pensamentos, ela aciona um interruptor e ambos ouvem um barulho muito alto vindo da parede. Não demora para a temperatura começar a subir dentro do quarto.

Ele vai até a cama. Ao se deitar, libera uma nuvem de ácaros. O colchão ao menos é confortável. Olha depois para os próprios pés: se dá conta de que o único espelho do quarto está pregado na horizontal na altura da cama. Desta posição, ele vê o reflexo de si mesmo no fundo, mas também, em primeiro plano, da sola dos próprios sapatos.

“Vai querer ou não?”, se dá conta de que a mulher da recepção ainda está parada na porta.

“Vou”.

“Não toleramos merda aqui”, ela diz em seguida.

“Ok”, eu digo.

“É sério. No primeiro problema, rua. Sem devoluções”.

“Ok”.

“Café das oito às dez”, a atendente diz quando se afasta.

“Ok”, ele responde sem se virar.

Depois de trancar a fechadura, ele vai até o banheiro para lavar as mãos. Atrás da cortina do quarto, cinco minutos depois, descobre uma porta. Está destrancada. Do lado de fora, ele encontra uma sacada. É como estar numa câmara frigorífica. Como as pessoas aguentam viver nesse lugar? – esfregar os braços enquanto faz perguntas não ajuda a encontrar mais rápido uma resposta. As pessoas que passam embaixo tampouco oferecem algum tipo de elucidação. Continuam a quase correr para não congelarem. Com as mãos frias e dormentes, permanece apenas o tempo de fumar um cigarro e observar um pouco mais a vizinhança. Diante da sacada, identifica o segundo andar de um estacionamento, sem nenhum movimento naquela hora. Apesar do rio estar duas quadras adiante, um galpão bloqueia a visão. Uma sinfonia de motores de ônibus passa acelerando na rua abaixo.

Quando não aguenta mais, ele volta para o lado de dentro. Deita-se na cama com ar gelado, esfregando os braços para parar de tremer. Escreve então uma nova mensagem para o advogado, sem obter resposta.

A garota reaparece pouco depois das cinco. Traz nos braços uma pilha de roupas.

“Peguei emprestado. Espero que sirva”.

De volta ao quarto, experimenta primeiro o blusão de lã, depois o resto: camisas, casacos, até ceroulas e meias. Continua com frio. Descobre na pilha um casaco ainda mais grosso. Deixa o quarto aparentando o dobro do meu tamanho. A garota não para de rir.

“Parece uma armadura”, debocha.

“O que achou da atendente?”, pergunta quando descem juntos a escada.

“Cara de poucos amigos”.

Na rua, comunica a ela: precisam voltar ao restaurante. Imagina a cara do garçom quando devolver o casaco. “Na certa, suspeita que não vou aparecer mais”. Antevê com satisfação a surpresa, o comentário de que ainda existe alguém confiável no mundo (sendo esse alguém, além de tudo, ele próprio). Quando chegam ao local, encontra a porta fechada. Um aviso colado na madeira informa que faltam quase duas horas para reabrir para o jantar.

Todos surgem e desaparecem no caminho deixando nuvens no ar feito máquinas a vapor. Ele também libera um monte de fumaça enquanto fala:

“Ninguém me ligou”. “Eu disse que iria?” “Disse”.

“Não, não disse. Não sei quando vão fazer contato, só que vão fazer. Possivelmente mais tarde. Ou amanhã”.

“Eu posso fazer você falar”. Olha para ele irritada:

“E o que adiantaria?”

“Posso fazer só para ter certeza”. “Pois faça. Sou tua escrava”.

O gesto a seguir, de oferecimento, o deixa desconcertado. Caminham mais duas quadras em silêncio. De repente, sem aviso, ele a faz entrar numa sapataria. Ela o olha sem entender.

“Meus pés estão gelados”, diz.

O vendedor tem cara de cretino. A negociação não demora e ele volta para a rua com um novo par de sapatos, marrons e acolchoados:

“Não é daqui, não é?”, o vendedor não o deixa sair antes de perguntar.

“Não”.

“Logo vi”.

Além do casaco do garçom, leva numa sacola os antigos sapatos. Vai até um mendigo em frente à loja. Está enrolado numa pilha de cobertores, recostado em um orelhão. Aos seus pés, um cachorro vira-latas branco é o chamariz ideal para as pessoas que passam olharem o cartaz, apoiado numa tampa de privada, pedindo esmolas para ambos. Entrega o par de sapatos ao rapaz, orgulhoso de passar adiante algo e bom estado. O mendigo examina os calçados à luz do dia por um momento, depois os devolve com a cara plácida.

“Grandes demais”, o mendigo diz.

“Talvez fosse melhor dar dinheiro”, a garota ao seu lado sugere enquanto caminham novamente.

“Ele não tem amigos?”

“A questão não é essa”

“Foram sapatos caros”.

“E daí?”

Seguem por uma rua comprida e cheia de gente, que ela diz ser a mais importante da cidade. De fato, assim que ouve o nome da rua, assim como dos times de futebol da cidade, reconhece o que é praticamente tudo que poderia dizer do lugar antes de entrar no ônibus e o carioca começa a falar principalmente do negócio de roupas femininas. A maioria dos olhares vai primeiro para a garota, depois para ele, nessa sequência e direção. Identifica em quase todos a mesma questão: será o pai dela (simpática de maneira razoável) ou (opção recebida com olhar de censura que não quer se esconder) um perverso, um tarado, um homem que gosta de novinhas, ambos os olhares que ele responde com a face mais inexpressiva que consegue produzir.

Depois de três quarteirões, ela o faz parar diante de um prédio. A garota tem a chave da entrada, mas só quando já estão no elevador, acha conveniente explicar:

“É de uma amiga. A chave tá comigo porque viajou”.

A viagem termina no último andar. Para subir ao terraço, passam primeiro por uma escadinha. Assim que chega à parte da frente, olhando para baixo, tem uma bela visão do rio, quase de um lado ao outro da paisagem. Descobre também a existência das ilhas.

“Tinha que te mostrar”.

O sol começa a perder a batalha diária para o entardecer, dando a impressão de que em breve irá mergulhar na água, criando uma imensa nuvem de vapor alaranjado. Não é à toa que para tantas culturas o resultado da simples rotação da Terra resultou em fábulas de batalhas renhidas entre a ordem e do caos. Um sentimento de melancolia também se planta nele nessa hora, porém a noite não demora, anunciando uma nova e breve era das trevas, seu período favorito.

“E então, o que está achando?” “O que estou achando do quê?” “Da cidade”.

“Você já fez essa pergunta”.

“Diz agora”.

“Não vim aqui fazer turismo”.

“Camus não gostou daqui, sabia?”

“O quê?”

“O escritor. Caus. Veio aqui, viu o por do sol, achou tudo uma merda”.

Não sabe o que dizer a respeito. Em um fim de tarde, os trabalhadores do prédio de escritórios quase em frente ainda agem como se nada acontecesse do lado de fora, ignorando o por do sol que pinta o céu nas formas e tonalidades de um creme de morango com baunilha. Apesar disso, inveja todos eles no momento. Ele lembra de quando também tinha um emprego e depois outro e outro e em cada um a vida era lógica e organizada. Agora, apesar de muito mais emoção envolvida, é um ambiente caótico, se encontra o tempo todo

lutando para respirar e buscar energias em sol agonizante.

“Como é a sensação de matar?”, a garota pergunta como se estivesse dizendo qualquer outra coisa.

“Que pergunta é essa?”

“Você mata pessoas, não mata? Como é matar alguém?”

“Como o quê?”

“A sensação. Teu coração acelera?”

“Eu não mato pessoas”.

“Mentiras só fizeram Jesus chorar”.

“O quê?”

“Esquece”.

“O que você sabe sobre isso?”

“Faz ou não faz?”

“Garota, não te mete com o que você não quer se meter”, tenta fazer a voz ameaçadora daquele matador velho de um filme brasileiro que viu não faz muito tempo. Um tom cansado.

Depois que o sol desaparece de vez, voltam ao elevador sem falar um com o outro. As ruas estão mais movimentadas do que antes, sem chegar a uma multidão. A ideia de que é possível me misturar àquelas pessoas e desaparecer para sempre parece tentadora. Talvez seja esta a solução: abandonar o que for necessário, vivendo como o novo. Se pudesse se dissolver entre eles, o que aconteceria depois? Talvez viesse a ser localizado. Pensando bem, com toda certeza, seria. Nesse ramo, as pessoas não desistem.

Ela insiste em fazer uma pausa no vendedor de churros, que também reconhece o seu sotaque, perguntando igual: “O amigo não é daqui, não é?”. No caminho, comendo e sujando as mãos.

“Quer fazer algo mais tarde?”, ela pergunta quando voltam ao hotel.

“Hoje não”.

“Tem umas pessoas que querem te conhecer”. “Quem?”

“Uns amigos”.

“Algum deles faz parte do trabalho?”

“Não”.

“Então não”.

“Tu é sempre mau humorado assim?” Ele muda de assunto:

“Diz a quem te mandou aqui que se até amanhã também não entrar em contato, o contrato está cancelado”.

“Ok, sargento”, faz um gesto de continência com ar marcial-debochado.

Assim que ela desaparece, retorna à esquina. Desta vez encontra o restaurante aberto.

“Acho que não ia devolver”, ele diz ao garçom.

“Achei que ia”, o garçom diz.

Se despede, porém o garçom pede para esperar. “O que o amigo está achando da cidade?”

“As pessoas perguntam se não sou daqui o tempo todo”.

“Já é alguma coisa”.

No quarto, deitado na cama, consulta mais uma vez o celular. O advogado também não leu a mensagem anterior, o que não o impede de escrever uma nova.

Na manhã seguinte, acorda com o barulho do telefone.

“Anota um endereço”, a voz da garota ordena.

Antes mesmo de se dar conta, percebe algo errado pelo olhar de alarme da mulher da recepção. O cheiro o atinge logo em seguida. Sem mal conseguir respirar, o ar é fétido e insuportável.

“Estourou um cano”, a mulher da recepção diz.

Escuta em seguida o barulho de bomba d’água sendo acionada. Ao chegar à porta de um quarto no lado oposto do seu, um homem opera agachado o aparelho, enfiado em um buraco no chão. Uma faxineira, com movimentos desesperados do esfregão, promove a redução de danos. Tudo parece estar dando errado e, no meio da água, pedaços de merda disputam uma regata igual aos barcos em um balneário.

Ele desce a escada acompanhando a água correndo. O frio é pior do que antes e quase congela no mesmo lugar. É salvo por um táxi que passa. Dá o endereço, batendo a porta com felicidade. Se fosse o caso de pegá-lo desprevenido, o certo seria colocar no banco do motorista um assassino experiente, como ele, e fazer o serviço, mas nesse caso o motorista parece alguém que, de fato, vive de dirigir táxis.

No banco de trás, tenta entender a própria letra com o endereço. O motorista o tranquiliza.

“Pode deixar. Todo mundo sabe onde fica. Me desculpa perguntar, mas o amigo não é daqui, não é?”

“Não”.

“Logo vi”.

Depois que atravessam um túnel, a paisagem se depara com uma longa fileira de árvores, que o motorista, feito um guia turístico, explica ser um parque. Em menos de um minuto, ele desembarca numa rua movimentada, apontando para uma porta aberta na outra calçada.

Precisa lutar com uma porta de correr empenada, que resiste ao primeiro impulso. Acaba cedendo diante de um empurrão mais firme, deslizando de uma vez para dar passagem. Do lado de dentro, as pessoas se encolhem nas mesas. Uma mulher solitária usa uma luva sem dedos para tomar sopa.

A garota faz sinal no fundo. Ele se aproxima quando um casal, vindo do banheiro, ocupando duas cadeiras vazias na mesma mesa. A mulher, uma ruiva e alta, fica ao lado da garota. Não chega a ser bonita, mas é inegável que tem uma presença. O homem é um careca de cabeça redonda. Usa uma jaqueta de couro. Com a camiseta branca por baixo, veste-se como a versão decadente de um personagem de *Juventude Transviada*. Assim que chega à mesa, é o primeiro a cumprimentá-lo, de um jeito entusiasmado. “Finalmente”, o careca diz com um sotaque indisfarçável.

“Esse é o chileno”, a garota diz enquanto a interroga com o olhar a respeito daquilo.

“Prazer”, o chileno dá um aperto de mão de um jeito frouxo e inaceitável, utilizando apenas as pontas dos dedos. “Estava ansioso para conhecer”.

Em seguida, introduz a própria acompanhante:

“Ruiva Relevante”.

“Vai se foder”, a ruiva rosna para ele, afastando um abraço. O chileno dá uma gargalhada, depois se ajeita ao seu lado.

“Somos casados”, ele diz.

“Somos nada. Não presta atenção nesse idiota, nem juntos nós moramos”.

Outra gargalhada.

“Somos sim” assegura depois o chileno. O sotaque é tão marcante que é difícil não ser forçado. “Até fui atropelado por causa dela. Quer que eu conte?”

É claro que ele não quer que conte. Mesmo assim o chileno começa. Depois que termina – uma história confusa sobre decidir terminar com a namorada e ser atropelado diante do prédio dela –, se levanta, anunciando que tem um compromisso, mas faz questão de acrescentar:

“Gostei de *usted*. Precisamos nos encontrar novamente”.

Será ele o contratante? Não tem tempo de verificar, o chileno já vai em direção à porta. Ruiva Relevante, que não havia se movido, dá um salto de repente e, com uma despedida rápida, o acompanha.

“O que achou deles?”

“Quem são?”

“Amigos. São ótimos, não são?”

“Contou a eles contou sobre mim?”

“O que acha? Nada, né? Não sou maluca. Tu é só um amigo mais velho que veio do Rio. Mas o que achou?”

“Não vou com a cara de quem usa jaqueta de couro. Não recebi nenhum contato”.

“E eu com isso?”

“Você disse que iriam ligar”.

“Disse o que me disseram pra dizer. Que iam ligar”.

“E o que disseram mais?”

“Já disse, tu espera. ‘Informe o contratado que é para esperar o contato e seguir as atividades da intermediária’”.

“E agora?”

“Tenho que ver dois amigos. Quer ir comigo?”

“Preciso?”

“É rapidinho”,

O apartamento é uma pocilga lotada de garrafas vazias e pilhas de jornais por todo canto. Um forte odor de urina anuncia a presença de um gato, fato confirmado

pela caixa de fezes, que encontra em um canto. Tudo é gelado: não apenas a parede e o ar, mas também o sofá, cheio de buracos.

Quando a garota disse que precisava ver uns amigos, ele ficou em alerta, sensação que piorou ao entrar no prédio, antigo e mal cuidado.

“O que viemos fazer aqui?”, ele perguntou andando ao lado dela em um longo corredor escuro com as paredes irregulares no estilo antigo e portas de apartamentos dos dois lados.

“Pegar um baseado”.

“Estamos indo ver um traficante? Você tem merda na cabeça?”

“Relaxa, são só dois amigos”.

Ambos têm cara de idiotas, como se Débi e Lóide existissem de fato ara estar ali bem na sua frente. O mais alto, apesar de um rosto jovem, já não conta com nenhum fio de cabelo no topo da cabeça, tendo deixado crescer, para compensar, os cabelos que sobraram, adquirindo certa semelhança com o palhaço Bozo. Faz sala para os dois desde que o mais baixo desapareceu por uma porta, minutos atrás. A sensação de que é uma armadilha volta a explodir, ao contrário da garota, que continua a agir como se nada estivesse acontecendo. Mantém, para se precaver, a mão direita sobre a panturrilha direita, onde está a .22. Não sabe se deve temer ou desprezar os dois. Embora tenda à segunda opção, é como se comportaria caso se fantasiasse de idiota para executar um alvo.

Não há uma escola ou treinamento para matadores profissionais. A maioria dos serviços não tem glamour. Desde que começou a trabalhar para o advogado, a maioria dos trabalhos envolveu pegar alguém de surpresa, de diversas maneiras, dando conta do assunto o mais breve possível. Mas se houvesse um manual, no item “Vestimenta”, devia estar escrito: “Evite as roupas grossas e difíceis de manusear”. O contrário da calça, larga, de sarja, cujo tecido acaricia quando o mais baixo deles reaparece. Usa óculos pequenos e tem no geral a aparência de quem se mete o tempo todo em encrencas. Traz um pequeno embrulho na mão, que entrega.

“Pode pagar”, a garota diz.

Ele não entende.

“Põe nas despesas”, a garota repete com um ar entendido.

O mais baixo diz para ele:

“Você não é daqui... Sabia! Jeito de falar”.

Tira algumas notas do bolso, disposto a ver onde isso vai dar. O mais baixo, ele nota agora, tem um ar de maníaco. Recolhe as notas com nervosismo, colocando no bolso antes de tudo começar. Observa sem participar quando os três se reúnem no meio da sala. A brasa viva enche o ar com um cheiro adocicado. Os rituais dos maconheiros nunca fizeram muito sentido para ele. A maneira como precisam usar o isqueiro incessantemente para manter a brasa acesa, a sujeira que produzem em tudo e as sucessivas vezes em que começam a rir sozinhos de qualquer coisa raramente provocaram nele algo além do tédio. Em mais uma sessão destas, confere no celular: são apenas onze e dez da manhã.

Uma nova mensagem para o advogado, também ignorada. Às vezes costuma dar razão a um pensamento: as pessoas são as mesmas em qualquer lugar. As mesmas personalidades parecem estar em toda parte, classificáveis em quatro ou cinco categorias. O advogado, por exemplo, é do tipo enigmático, que nunca mostra os pensamentos.

No restaurante, quase todos os homens usam barbas compridas e têm a pele muito branca, coberta de tatuagens. Um deles, parecido com um halterofilista, está sentado em um canto, sozinho. Parece ao mesmo tempo tão pacífico quanto perigoso. Também as mulheres do lugar são tatuadas, estar no meio deles enquanto não tatuado induz a um tipo de solidão.

“Não respondeu ontem”, a garota interrompe seu devaneio.

“Não respondi?”

“Como é matar alguém?”

O que responder? Que já improvisou com uma caneta, cravando no olho de alguém? Que uma garrafa de álcool vendida em qualquer supermercado e acessível à maioria das pessoas serve muito bem para apagar rastros? Garota, você iria ficar

impressionada sobre como nada disso acontece de verdade. Matar alguém não é tão difícil. As pessoas têm hábitos que não gostam de variar.

“Não quero falar sobre essas coisas”.

“Por quê?”

“Por que você quer tanto saber?”

“Talvez seja o que eu quero fazer também”.

Despedem-se quando já é começo de tarde. Com algumas orientações, aprende como voltar ao hotel.

“Nos vemos de noite?”, ela me diz.

“O que vai ter de noite”.

“Aparece que vai ver”.

“Diga a quem te mandou: o contrato está encerrado”.

“Não vai acontecer”.

“Por quê?”

“É muito dinheiro”.

Sente raiva da garota, mas ela tem razão.

Matar alguém não é difícil. Uma hora se está vivo, na outra, não. Uma hora se enfrenta determinada situação. Outra vez não está mais. Alguém respira a matéria dos sonhos. Esse alguém sofre a explosão do oração, um acidente vascular cerebral, um caminhão que entrou na pista em sentido contrário. Na primeira vez em que matou alguém, tratava-se de um sargento do Exército e ele teve pena. Depois, um antigo colega de farda e não sabia o que sentir. O terceiro morto ele não conhecia até que o encontrou caminhando sozinho numa rua às 10 e meia da noite, como o advogado disse que iria acontecer. Ao ver o revólver, entrou no carro sem demonstrar surpresa. Ficou claro que não era alguém perigoso. Mesmo assim dirigiu atento até o Alto da Boa Vista. Aí se sentiu diferente quando ligou o rádio. Uma voz conhecida – quem era o locutor? – informou que aquele era um programa de flashbacks. Pensou em puxar assunto, como o advogado disse para fazer, mas tinham chegado ao destino.

O homem seguiu caminhando à sua frente pelo meio da mata. Quase o perdeu por duas vezes. Na penumbra, seria difícil de encontrar, porém em ambas descobriu que estava parado à sua espera.

Chegaram finalmente a uma clareira. Era uma noite de céu cinzento, as nuvens pairando sobre os dois, refletiam um brilho tênue da cidade abaixo. Sem precisar de aviso, o homem deu dois passos e então ficou parado.

“É isso”, disse.

Sinalizou que sim. Deu então uma olhada em volta.

“O corpo ia ser encontrado fácil demais”, ele explicava agora ao homem, sentado no banco do carona. Ofereceu um cigarro ao homem, que o homem recusou. Enquanto isso o carro cruzou a Avenida Brasil e depois a Via Dutra, batizada e homenagem a mais um general que virou presidente, virando não muito depois que passaram da fábrica da Granfino.

“Onde vamos?”

“Tinguá”, ele respondeu.

“Onde é isso”.

Seu primeiro emprego: burocrata numa autarquia encarregada de proteger o meio ambiente de uma série de desastres. Um trabalho dos mais perigosos. Ele se enfiava em locais muito ermos e às vezes, como nesse, no interior de Nova Iguaçu, descobria grandes depósitos de produtos químicos despejados ilegalmente pelas indústrias locais. Um trabalho dos mais perigosos, já que muitas descobertas resultavam em multas substanciais.

Quando descobriu o lixão, descobriu também que os matadores da região haviam feito a mesma descoberta antes e que os depósitos azulados também eram cemitérios de várias ossadas humanas. Era um cenário difícil de esquecer e era nele que pensava enquanto dirigia, tentando se manter na estrada irregular e sem iluminação.

O carro avançou um pouco mais. Depois das luzes solitárias, seguiu por um trecho vazio de casas, passando por fim por um bar de madeira, já com as portas fechadas. Seguiram ainda um pouco até que avistou o início de uma estradinha. Estava visível

“Quer dizer alguma coisa?”, ele perguntou antes de parar o carro.

O homem fez que não só mexendo cabeça.

Na viagem de volta, sentiu o coração bater acelerado. Teve de parar à beira da faixa para recuperar a calma enquanto o locutor, na rádio, despejava impropérios de direita contra a criminalidade, apesar de ser início de madrugada, horário em que, imaginava os assuntos ficam mais leves.

Chegou ao hotel com os pedidos de informação do advogado. Ao confirmar o serviço, recebeu uma ligação.

“Acho melhor você sair da cidade. Esse caso pode ter certa repercussão”.

Depois de desligar, cochilou um pouco, esperando amanhecer para não provocar suspeitas. Às seis e meia, fechou a conta. Foi direto até a Rodoviária Novo Rio, que ainda era como sempre foi, embarcando em um ônibus da Cometa, prateado como um foguete espacial de filme. Às duas, pisou em São Paulo pela primeira vez.

Estava gostando da cidade, praticando o turismo, quando o celular virou número do advogado.

“É melhor ficar aí. Deu galho. Leu a imprensa?”

“Melhor, nem leia. Tenho um lugar para ti. Anota o endereço”.

O novo apartamento ficava no bairro de Pinheiros. Logo, pegou a mania de frequentar um boteco não muito distante.

Se o caso é periculosidade, a maior parte dos alvos que o advogado lhe passa não dá a mínima impressão de que oferece perigo. Não deixou por isso de tomar toda a cautela para executar um serviço. Um fator recorrente nessa relação é de que se ele mata pessoas, é o advogado a estar ciente das razões. Da sua parte, é como se fosse uma máquina de matar, destituída de questionamentos sempre que possível.

Tudo que sabe da organização vem da tarde em que, depois de visitar a Cultura, decidiu tomar um café do outro lado, atravessando em seguida na faixa de pedestres, então procurado, nos fundos do shopping, uma loja do starbuck`s, onde seu nome foi pedido para o atendente escrever no copo. Mas não queria seu nome gritado desse jeito, de modo que seu nome era Milton. Quando se virou para também achar uma mesa, reconheceu o rosto redondo do advogado. Na última mesa antes da saída (ou a primeira de quem entra, depende do ponto de vista)

Como sempre, parecia alguém que fugira do expediente. Nenhum dos dois disse nada, mas quando chamaram seu nome e ele foi buscar um copo de café fumegante, o advogado esperou a sua volta para perguntar em tom de pilhéria:

“Milton?”

“Um tio”, ele respondeu.

“O que tem ele?”

“Morreu cedo demais”.

Sentiu que devia dar mais informações:

“Varrendo o quintal”.

“Varrendo?”

“Aos cinquenta e seis. Ataque fulminante. Fumava dois maços por dia”.

O advogado o olha sem saber o que fazer com a informação.

“E eu já te disse no que você trabalha? No que você se meteu”

Você precisa de muita sinceridade para dizer as piores coisas a alguém.

Então, sem nem mesmo ser perguntado, em um jorro irrefreável de sinceridade, o advogado começou a falar.

Na verdade, aquilo tudo não mudou muito as coisas, exceto que agora, como o advogado mesmo dissera, ele sabia no que havia se metido. E no que havia se metido era o que o advogado, com a reverência de que revela um grande segredo, chama de A Irmandade.

“É um grupo de pessoas que presta, bem, serviços”.

O eufemismo se aplica para os vinte e três assassinatos cometidos por ele em três anos e meio, mas também outras ações, como fornecer a segurança em algumas transações em dinheiro vivo.

“Por exemplo, você compra sucata do metrô. Revende no mercado e o pagamento vai para casa em dinheiro. É lógico que nesse caso um policial vai para dar segurança”.

Tampouco estava interessado nas atividades criminosas de agentes das forças da lei e da ordem que trabalhavam para os dois lados.

“E quanto a mim?”, interrompeu o advogado por um momento.

O advogado o olhou sem entender.

“Toda essa gente”, ele finalmente disse.

“Que gente?”

“O serviço”, ele respondeu com irritação.

“Ah”, o advogado não deu sinal de que havia notado algo de errado.

“Você tem que saber”, o advogado disse a seguir, “que uma firma com um escopo tão amplo responde a interesses variados. Ou seja, cada um, cada um”.

O advogado não informa, mas tem a impressão de que as raízes da Organização vão muito além do pouco que vê, talvez chegando a posições no governo.

Talvez a garota se interesse por tudo isso, ele imagina-a fazendo todo tipo de observação sem sentido, mas não sente vontade de compartilhar a informação com ela. O assunto só a faria falar mais e mais. O que quer mesmo é terminar o serviço e ir embora desta cidade. dias. O pensamento o anima, embora sinta que o frio também está pior.

Chega esbaforido ao hotel. A mulher da recepção o olha perturbada. Não dá tempo de imaginar uma razão, escuta em seguida um miado muito fino. Uma bola de pelos pequena e toda arrepiada se remexe e um canto.

“Apareceu aqui vindo não sei de onde”, ela diz.

Ele vai para o quarto sem resposta.

O ar condicionado responde com um ruído até então desconhecido quando aciona o controle remoto. Cinco minutos depois, parece que vai desabar da parede, o que o faz voltar à Recepção.

“Pode ser defeito”, a mulher da recepção informa ao ir até a porta do quarto e ouvir o mesmo barulho.

“Você acha?”

“Acho”, ela diz sem entender a ironia.

Deita-se por cima do cobertor sem tirar os sapatos. Depois de quase uma hora, o ar condicionado volta ao volume normal, restando um barulho de fundo pouco tranquilizador. Ele retira o coldre com a .22, guardando embaixo do travesseiro. Com mais uma passeata, o noticiário é um aliado contra seus problemas. Depois das maiores manifestações, um mês atrás, o movimento perde força. Mesmo ligada no mudo, a TV faz a mesma afirmação, mas em forma de pergunta. Ele muda de canal, zapeando até parar em um seriado antigo.

Às sete, como combinado, ela passa em outro táxi para buscá-lo. Está mais arrumada do que o normal. Será por que vão encontrar seu contratante?

“Ná”, ela responde. “Estamos indo só a um bar”.

O carro aponta numa rua repleta de bares dos dois lados da calçada. Sob as lâmpadas de sódio em postes antigos, as pessoas se divertem, desconjuntadas, entrando e saindo por pequenas portas, em geral, com um segurança parado do lado de fora. A visão não o anima, pelo contrário.

“O que foi?”, percebe algo a garota.

Não responde.

Estacionam diante de uma pequena fila. Sente um calafrio só de pensar em ficar ali parado nesse frio, porém a garota diz alguma coisa ao porteiro, que abre caminho. Entra ouvindo os comentários insatisfeitos das outras pessoas. Do lado de dentro, ela o puxa até a área das mesas.

O chileno está sentado à cabeceira, na posição de comandar uma reunião. Já Ruiva Relevante, sentada à sua esquerda, ri empolgada de algo que acaba de ser dito. Ele também acha graça. O único a não rir direito é um sujeito de barba rala e m cabelo esquisito, sentado ao lado do chileno.

“Esse é o jornalista”, o chileno apresenta. “Escreve para um jornal importante daqui. Você já leu as colunas dele?”

“Não”.

“Mas, porra, passa um dia inteiro aqui e ainda não sabe quem é o jornalista? É a pior coisa daqui. Da cidade. Não, do estado inteiro”.

“Não banca o demente”, vociferou o jornalista, fazendo uma brincadeira. “Esse cara é muito idiota. Prazer”.

Um impulso de dizer que sim, o chileno é mesmo um idiota, nossa, mas pode ser que o jornalista esteja apenas brincando, Como, aliás – olha e volta –, todo mundo aqui. Nas outras mesas, as pessoas estão reunidas em jogos de tabuleiro. Apenas na sua, pelo que pode observar, não está em curso uma partida de War ou Detetive ou outro jogo qualquer. Nos fundos, se encontra uma antiga cristaleira, com pelo menos uns cinquenta anos. Está com as portas abertas e, dentro, cheia até a metade com uma pilha de caixas.

Um garçom se aproxima e pergunta o que vai querer. Quando responde, ouve a pergunta:

“Você não é daqui, não?”

“Não, sou da Bahia”.

“Baiano. Logo notei”.

O jornalista, o único na mesa a prestar atenção, não para de rir. Sua vez de ser examinado, tentando adivinhar o que sabe. É um perigo, por razões óbvias, ter um

jornalista por perto, mas seu jeito é de quem não tem nenhum interesse nele, como em ninguém, exceto na garota. É claro o que está acontecendo ali e que ele foi até o bar por causa dela. A garota, contudo, o trata com indiferença, deixando o jornalista, obviamente, contrariado. Mas pelo menos – ele constata também – o jornalista também não gosta nada do chileno, a quem trata com hostilidade, despertando alguma simpatia por ele. E quanto a Ruiva Relevante? O tempo todo olha em volta e na direção da porta, como à espera da entrada de alguém. Claro que isso o faz conferir a .22, liberando a presilha de couro do coldre, para o caso desse alguém ser, por exemplo, um assassino ruivo e de casaco de couro, que errou todos os tiros em um bar nada parecido com este, numa cidade de porte médio no interior de Goiás, que existe ou existiu no mesmo tempo e espaço, e de quem, ao ficar sem munição, deu cabo com certa facilidade.

Depois de uma hora, o jornalista tenta uma cartada pela atenção da garota, anunciando estar indo embora. Para sua decepção, a garota não demonstra nenhuma reação, apenas se despede, porém o chileno diz que é hora de aproveitar e sair:

“Isso aqui está meio caído. Vamos para um lugar melhor”.

O lugar melhor é uma casa caindo aos pedaços, situada a uns dez quarteirões, toca samba e, pela placa na porta, serve hambúrgueres veganos, aonde chegam caminhando. Mantém as mãos no bolso, mesmo assim tem a impressão de estar prestes a congelar. Alguns dedos vão ficar rijos e azulados, depois gangrenar, e tudo porque o chileno quis mudar de bar.

Assim que chegam, o porteiro nota que está tremendo.

“Tudo bem, irmão?”

“O frio”, ele responde.

O porteiro dá uma gargalhada.

“Não é daqui, não é? Eu também não sou. Mas se acostuma”.

Antes de entrar, o ouve dizer “Tem que ver o por do sol daqui”. Suas palavras soam algo irreais enquanto se dirige até os fundos, onde espera ficar aquecido bem

longe da porta. Com lugar abarrotado de gente, todos fumando e respirando, não demora a se sentir um pouco mais confortável.

Um tatuado pergunta no balcão o que vai querer. Aponta uma garrafa de Jack Daniels. O barulho ensurdecedor abafa o seu sotaque quando escolhe também o copo, não é por isso que serve uma dose generosa.

Todos no lugar têm a metade da sua idade, mas se divertem como crianças. Pensa nisso quando se depara com um garoto, a dois passos, fazendo uma variação do jogo de adivinhar. Ele mantém a tela do celular encostada na testa e virada para o grupo à sua frente e, recebendo indicações por mímica, tenta adivinhar o que está escrito. O nível de empolgação chama atenção das pessoas em volta.

A garota logo aparece.

“O que tá achando”, ela pergunta aos gritos.

“Daqui a pouco vão brincar de roda”, ele berra de volta.

Olha para ele com cara de quem não sabe se deve acreditar ou não. Acaba dando as costas, sem nenhum comentário. Ele a observa desaparecer na pista de dança. Beber faz com que fique melancólico, mas não a ponto de esquecer de consultar o celular, verificando mais uma vez que o advogado não leu nenhuma das mensagens envidas. Sob efeito da bebida, escreve e envia mais uma. Ruiva Relevante aparece depois. Bem na sua frente. Faz sinal para segui-la. Ele obedece.

Uma porta se abre e o quintal deixa ver as estrelas. A noite não tem uma nuvem para bloquear as estrelas. O lugar também está cheio, mas menos do que no lado de dentro. É um fumódromo a céu aberto. Também sente cheiro de maconha.

“Bando de gente imbecil”, ela diz. Depois, se virando: “O que tá achando?”

“Daqui?”

“Da cidade”, emenda ela com um leve tom de impaciência que só é capaz de detectar porque no momento é como se não tivesse nada mais importante no mundo além da presença de Ruiva Relevante.

“Parece que tenho que ver um por do sol”, diz, achando graça da própria observação.

“É mesmo bonito”, ela diz.

“E o chileno?”, ele pergunta.

“O que tem ele?”

“Qual é a dele?”

“É maluco. Eu fico mandando ele embora o tempo todo, mas ele não vai. Mas às vezes acho que gosto dele. Outras vezes, que eu sinto pena. E outras...”.

Não é muito mais velha do que a garota. Talvez um no ou dois, o que faz toda a diferença. Poderia ficar por mais um tempo ali, apreciando sua companhia, olhando para ela de vez em quando ou dizendo alguma bobagem, mas decide arruinar tudo tentando beijar Ruiva Relevante, que afasta o rosto. Surge um momento obviamente constrangedor, que o deixa sem ter o que dizer. Logo depois, porém, o chileno surge pela mesma porta por onde passaram antes, vindo salvá-los.

“O que estão fazendo aqui?”

Olhou para o chileno. Sua expressão é de quem está brincando.

O táxi o deixa por último no hotel. O chileno e Ruiva Relevante desembarcam juntos. Algo parecido com um convite no olhar de ambos quando se despedem. Dura um segundo, tempo em que o rádio do táxi despejou a saraivada habitual de comentários sobre a insegurança nas grandes cidades e a batalha dos bravos policiais, que dão a vida para defender o homem de bem dos criminosos e de uma classe ainda mais odiosa, os defensores dos direitos humanos, que ao serem citados, levam o taxista se ajeitar na poltrona. O chileno aproveita para pôr a mão em seu ombro e dizer.

“Daqui a pouco não vai mais querer ir embora”.

O carro seguiu e na sua vez a garota desce sem se despedir. Ela enfia depois a cabeça pela porta fechada.

“Mais um dia sem contato”, ele diz.

“Amanhã”, ela responde.

“Como sabe?”

“Sabendo”.

“É isso ou o fim”, eu diz por último. “É verdade”.

Ela vai embora sem responder. O carro logo se põe em movimento e garota desapareceu na escuridão. O taxista não leva um minuto para dizer que a violência na cidade está sem controle. Concorde com um comentário genérico.

“A culpa toda é dessa juventude que não quer nada”, emenda o taxista, fazendo-o se calar. De volta ao hotel, ao ver a mulher da recepção, não resiste ao gracejo: “Você nunca vai embora”. O gato pelo menos não está em parte alguma. Se estivesse, talvez se juntasse ao coro do escárnio, miando a sentença em linguagem de gato: Você... miau burrr... nunca mais.

Deitado na cama, levemente alcoolizado, esperando com os pés calçados o aparelho aquecer o quarto. A reprise de um programa de notícias: um militante de esquerda diz que é o início de uma revolução, afirmação que deixa a apresentadora, uma loura conservadora, realmente incomodada. Sob as imagens de incêndios e vidraças quebradas, alguém pode pensar que começou mesmo algum tipo de revolta além da violência sem sentido, mas no fim, um sociólogo pondera: “As manifestações começaram a enfraquecer”. Inveja a habilidade em dizer o que quer dizer, pronunciando apenas as palavras certas. O efeito é visível entre os demais. Não fica surpreso que a atitude ponderada de nunca assumir posições faça tanto sucesso. Ele mesmo gostaria de ser como o professor, dominando informações que põem em debate as verdades alheias.

Em meio a todas as conclusões, examina os próprios pés, seus sapatos novos, tentando lembrar que a garota, em algum momento da noite, disse que uma nova grande manifestação está marcada para amanhã.

Possibilidades:

1. Ele foi contratado pela garota e tudo que se passou até agora é uma espécie de teste de conhecimentos, para ver se possui as habilidades certas.

2. Não foi ela que o contratou e sim alguém que por enquanto prefere ficar de fora, mas quer saber dos seus passos.

3. Ela é do esquema, mas em um papel é sem importância (provável), escolhida para a missão justo por não saber nada de importante (possível).

4. Ela não tem nada a ver com o esquema ou pelo menos sua ligação é apenas superficial, tendo sido contratada para um trabalho único devido ao fato de que, bem, é a garota.

5. Não segue papel algum, apenas o ciceroneia (menos provável).

Não adiantaria tentar saber a respeito perguntando ao vendedor da franquia-megastore de materiais esportivos. Este o recebeu com um sorriso vazio, à maneira dos vendedores, assim que chegou ao balcão. Isso foi um minuto atrás. Desde então o sorriso permanece congelado, cada vez mais parecido com uma máscara do que uma expressão natural.

“O frio”, ele tenta explicar.

“É para esqui?”

“Não. Não quero passar mais frio aqui”, faz um gesto para incluir todo o ambiente em volta.

Faz sinal para segui-lo. Os dois vão até uma das últimas seções da loja. Perto dos equipamentos esportivos, ficam os agasalhos e os equipamentos de neve.

Experimenta o modelo mais grosso. É adequado, segundo a etiqueta, às temperaturas de menos vinte graus. O tecido do casaco é formado por camadas e mais camadas acolchoadas. Pesa pelo menos uns dez quilos. Ele vai até o espelho só para se divertir ao constatar: com o dobro do tamanho, está parecido como um esquimó, pelo menos aqueles dos desenhos.

Não dá para sair por aí usando algo assim. Acaba escolhendo um agasalho menor. Ao deixar a loja, leva na sacola um kit completo de proteção, composto de camisetas, meias e luvas térmicas, além de um protetor de ouvidos. Mas assim que chega ao lado de fora se dá conta de que não funcionam direito contra o frio, pois o frio se infiltra nas frestas entre as roupas. Um pedaço de pele exposta e adeus, é como congelar do mesmo jeito, constatação que acaba de fazer quando o telefone começa a tocar.

A garota agora não para de enviar mensagens dizendo que está chegando. Seguindo as explicações, encontrou o endereço um minuto atrás. “Desde 1953”, ele lê no letreiro do lado de fora. O lado de dentro passou por várias reformas e, da porta, tem a visão das marcas deixadas por todas elas nas paredes, uma assinatura de pedreiros, engenheiros e mestres de obras incompetentes que ele reconhece feito um arqueólogo que entra em um templo antigo. No balcão à sua direita, uma pirâmide de pacotes retangulares recebe os visitantes, espalhando um odor forte de pó de café.

A atendente do balcão é uma dessas pessoas que consegue falar sem parar de sorrir.

“Estamos muito felizes com sua presença. O que vai querer?”.

“Você tem que dizer isso?”, ele diz.

“Isso o quê?”.

“Isso de felicidade. Acredita mesmo nisso”.

“Não. Eu que escolhi. Dá um ar mais simpático. Não gostou?”

“Não”.

“Cada um, cada um. É de fora, não é?”.

“Sou”.

“Reconheci pelo sotaque. Parece que eshtá no Leblon”.

Sente o golpe, mas não dá sinal. Com a máxima indiferença na voz, pede um pão com manteiga na chapa e café com leite quase branco, aproveitando, quando ela dá as costas, para examinar o local. Nota em seguida ter a companhia de um homem que, sentado não muito distante, produz rabiscos nervosos em um caderno escolar.

É totalmente careca no alto da cabeça, com longos cabelos negros escorridos na parte de baixo. O homem também nota sua presença, mas não se preocupa em fazer um cumprimento. A única vez em que interrompe a escrita é para olhar a bunda da balconista, quando ela passa ao seu lado. Nesse momento seus olhares também se cruzam e os dois trocam um cumprimento seco.

“Ele é poeta”, a balconista sussurra ao notar seu interesse.

Diz isso debruçada no balcão à sua frente, deixando ver dentro do decote. Fica desconcertado, mas ela não nota.

“Foi até indicado ao Prêmio Nobel”, diz como se tivesse sido ela a indicada.

A maneira como fala do poeta não esconde: a atendente é uma grande fã ou mesmo está apaixonada pelo poeta, razão que o faz poupar a atendente de observações como o estado das roupas do poeta, quase em andrajos, além de uma figura repugnante, com o ar frio e hostil de um lagarto. A aparência magra beira o doentio. Existe algo naquela figura que, na falta de palavras, só pode definir como maligno.

“Está olhando o quê?”, o poeta diz, vendo que a garota se afasta.

“A tua cara feia”, ele responde, a voz sem nenhum receio de ofender. É possível dizer muitas coisas sem usar as palavras se você sabe como. O comentário faz o poeta recuar. Só a balconista não notou nada, voltando ao balcão com o pedido para continuar a conversa como se nada tivesse acontecido. Mas o poeta logo volta a botar palavras no papel. Um poema, talvez, quem sabe um a vingança contra ele.

Eis – imagina – uma vantagem dos escritores: podem voltar a lidar com o mundo do jeito deles e fazer cada acontecimento melhor do que realmente.

Um vento gelado invade o recinto, fazendo com que aperte os braços e pernas. O poeta continua a produzir versos. Sacode o braço magro furioso, dando a impressão de estar mais inspirado do que o normal, desbravando cada página com a expressão transtornada até o momento em que entra na padaria um grupo de velhos. Escolhem os bancos entre ele e o poeta, trocando algumas reverências com ele. Já com o poeta, fica claro que são de velhos conhecidos.

Eles logo começam a conversar em voz alta, numa série de gritos e alguma reminiscência numa algazarra sem controle. Fica claro ser um grupo que se conhece bem e costuma se reunir com frequência, mas não com o poeta, que se mantém afastado. Com a cabeça baixa, abre outra vez o caderno, se concentrando nas anotações. Não dão a menor indicação de onde vêm e como todos se conheceram. O barulho que produzem é realmente alto, como se fosse o dobro ou o triplo de pessoas, mas ninguém na padaria, nem mesmo a atendente, dá sinal de se importar. Apenas o poeta fica cada vez mais abalado, dando sinais de estar à beira de um colapso.

Em certo momento um dos velhos começou a reclamar que no Rio de Janeiro as pessoas fazem sexo na rua. Outro adicionou reminiscências de quando era obrigatório usar uma camiseta por baixo da camisa. Um terceiro, um velho de bigodes, com aparência de buldogue e jeito de reacionário, completou: “É o laxante que a gente era obrigado a tomar? Depois tinha que ir correndo para o banheiro ou começava a escorrer pelas pernas”.

Nas palavras deles, o passado foi um pesadelo pavoroso em que as pessoas andavam o tempo todo com diarreia e passavam calor. Pensa a respeito e na maneira idílica como qualquer coisa de outro tempo parece bem melhor. Ok, você vai ouvir música clássica apresentada pelos criadores, mas terá que usar um urinol.

Não fica claro se é pelo choque das revelações ou o barulho insuportável. Depois de tentar ignorar o grupo, o que consegue por um tempo e algumas anotações esparsas, o poeta fecha o caderno com estardalhaço, recolhendo com fúria os lápis e canetas. Dirige-se depois aos demais:

“Vão para o inferno”.

Afasta-se com passos furiosos, ignorando as risadas que ficam para trás. Ele o vê hesitar e então se lançar à rua como se quisesse fugir. Faz o movimento de um jeito tão desesperado que quase dá um encontrão na garota, que acaba de entrar na padaria.

“Nenhum contato ainda”.

“Eu sei”.

“Já faz dois dias”.

“Não posso fazer nada. Devem fazer hoje”, ela diz. .

“Acho que você sabe quem é”.

“Se quer acreditar...”

Caminham com passos rápido em meio à pequena multidão, outra vez pela rua principal, desta vez sem conversar. Ele também não presta atenção em quase nada e nem ninguém. Quando chegam ao final, os dois se sentam. Não é nem meio-dia, mas alguns barcos a vela passeiam não muito distantes.

Não muito longe deles, dois homens de sobretudo fumam e compartilham o mesmo cigarro. O cheiro enjoativo da maconha demora um pouco a alcançá-los.

Pelas roupas, trabalham em algum escritório ou repartição perto dali, compartilhando o baseado pós-almoço antes do retorno à rotina. Terminam de fumar e então confabulam em voz baixa, olhando na sua direção. Sente no mesmo momento o peso da .22 na panturrilha direita. Os dois apenas o olham só um pouco mais, apertam as mãos e vão embora. Não sabe se é verdade, de fato, mas o cheiro da maconha continua no ar.

De volta à rua principal:

“Eu tenho um lugar para te mostrar”, diz a garota.

Mais um táxi e eles vão ao tal lugar.

As ruas são todas de casas, ou melhor, fortalezas. As construções espetaculares ficam escondidas por grandes muros. Até onde pode ver, são os dois únicos a pé. Um carro passa devagar ao lado. Dá para ver que os ocupantes estão admirados com as mansões.

O carro se afasta, a garota pergunta de repente, sem parar de caminhar.

“No que tá pensando?”.

“Nunca fui com a cara desse tipo de lugar”, ele responde.

“Como assim?”

“Nada”.

“Agora começou...”

“Todo mundo acha bonito como são as casas e como essa gente vive. É isso mesmo que elas querem”.

Se arrepende assim que termina de dizer, mas agora é tarde. Seguem em um leve aclive pavimentado. Numa das poucas casas com grades em vez de muros, avista dois homens trabalhando.

“Por que estamos aqui?”, ele pergunta.

A garota o olha de novo, sem responder. Depois, mais uma vez para a frente. Continuam andando em silêncio.

A caminhada termina numa praça vazia. Um pouco atrás da garota, ele a vê seguir na direção de um banco na sombra de uma árvore. Muda depois de direção, escolhendo outro, no sol. O frio continua a fustigá-lo, dentro e fora da roupa, porém, ao lado da garota, também está aquecido e relaxa de olhos fechados. Ao abri-los, se dá conta: as árvores em volta estão todas marcadas com um pedaço de papel.

“O que são?”.

Ele não responde de imediato à pergunta da garota. Já viu uma cena parecida antes. Numa outra praça, em outra cidade, eram avisos de que aquelas árvores, atacadas por cupins, estavam todas condenadas.

“Elas vão ser derrubadas?”, a garota parece preocupada.

Ele se levanta e vai até o jardim. Todos os papéis foram fixados na mesma altura, bem no centro das árvores. O alinhamento perfeito cria a aparência de uma obra de arte natural. Mas talvez seja outro tipo de notificação, ele imagina, se aproximando. Ou uma ação publicitária. Todas as folhas de papel, ele descobre na primeira árvore, estão dentro de sacos plásticos.

“São desenhos de crianças”, ele diz, entregando à garota um dos papéis.

“Desenhos?”.

“É”.

“De quais crianças?”.

Uma algazarra de vozes infantis, vinda de uma construção no canto da praça, responde à garota. “Uma escola”, a garota diz. O dia está mais agradável agora. O sol forte o faz tirar o casaco. Acaba sentindo frio novamente e volta a vesti-lo, apressado, só para desvesti-lo mais uma vez menos de cinco minutos depois.

“Como começou nisso?”, a garota pergunta de repente.

“Nisso?”

“Matar gente”.

“Por que isso agora?”

“Talvez me interesse entrar no ramo. Paga bem?”, a garota continua a insistir.

As mensagens para o advogado continuam marcadas como não lidas, ele verifica, consultando o celular. Quase consegue bloquear a voz dela, porém a garota é insistente.

“Você faz perguntas demais”, ele tenta encerrar o assunto.

Da construção de onde vinha antes a algazarra, dois meninos surgem vestidos com uniformes de colégio, escapando furtivos em horário de aula. Examina ambos antes de voltar à garota. Depois, novamente, para as árvores marcadas. Isso resolve as coisas no momento. Podia propor em troca que ela dissesse tudo que sabe sobre seu contratante. Não é que não possa enganar a garota, mas nesse caso é provável que também tivesse de ser verdadeiro. E não há chance de ser verdadeiro sem explicar primeiro à garota como veio a conhecer o advogado.

2009.

A mulher tinha a solidez e a circunferência de um tonel. No momento, gritava para ele cheia de irritação:

“Você tem que abaixar a cabeça. Assim” e empurrou sua cabeça na direção do banco da poltrona à frente.

O avião oscilava havia quase uma hora como um brinquedo na mão de uma criança, sacudido com cada vez mais violência. A mulher ao seu lado chorava. Agora sobrevoavam o Uruguai e, com o serviço suspenso, a tripulação olhava em volta de um jeito apavorado. Também para eles, era óbvio, aquilo também era inédito. Uma hora, o bico da aeronave apontou para baixo e todos tiveram a certeza de que iriam morrer. Ele viu uma pilha de papéis, no banco da frente, se erguer no ar como uma coluna. Antes que pudesse guardar direito aquilo na memória, a formação se desfez, assim que o piloto conseguiu aprumar o avião, espalhando papéis por todos os passageiros e volta.

O passageiro dono dos papéis começou a se desculpar e a recolher os papéis. Tinha a aparência de professor universitário. Ele o ajudou a apanhar as folhas de papel caídas na sua fileira de poltronas. Ficou depois de pé, para desespero de uma comissária, sentada ali perto, que gritou no mesmo momento em que o avião sofreu um grande solavanco. O homem voou para o teto, batendo com um som surdo. Desabou depois no chão com o ruído de um saco de farinha.

Ficou de pé logo em seguida. Com os cabelos, brancos, desarranjados, estupefato, tinha o olhar de quem participou de uma experiência extrema. Um comissário o prendeu no mesmo momento na poltrona vazia ao seu lado. Não tirou os olhos dele. Da sua parte, o homem o ignorou, mantendo-se numa espécie de transe até que um filete de sangue surgiu em sua testa, causando choro e gritos em volta.

Três horas depois, desembarcaram no Aeroporto do Galeão. O homem ferido agora tinha um curativo na testa. Ainda carregava os papéis causadores de toda a confusão, não escapando de uma reprimenda, assim como ele. Os outros passageiros

aplaudiram o trabalho do piloto quando o pouso terminou. Na saída, homens e mulheres da tripulação pareciam eufóricos.

A mala, comprada no aeroporto em Buenos Aires junto com seu conteúdo, camisetas turísticas, caixas de chocolates, bebidas e cuecas, estava cheia só pela metade. Foi uma das primeiras a aparecer na esteira. No saguão, ignorando os chamados vindos dos guichês das companhias de táxi, ele foi até o lado de fora. Foi até um motorista que mexia no celular.

“Quanto até o centro?”, ele perguntou.

O motorista levou um susto com a abordagem. Tratou, no entanto, de readquirir a própria dignidade, agarrando a mala do passageiro e colocando no porta-malas, sem esconder ter ficado surpreso com o peso. Combinaram um valor e menos de um minuto depois o carro avançou até o fim da plataforma, depois, muito rápido, olhando os grandes painéis à margem da rua saudando os turistas e os visitantes, se lembrou da promessa, menos de duas semanas antes, de nunca mais botar os pés na cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, que agora parecia sem sentido.

O táxi avançou até o centro. Mandou o motorista parar ao chegarem ao Santo Cristo. Conhecia um hotel ali perto. O funcionário da recepção ofereceu um caderno para ele anotar os dados pessoais, mas não pediu nenhum documento. Dois minutos depois, deitado no quarto, ainda tentava saber como se sentia. As sensações lutavam dentro dele. Algo dizia que tudo iria ficar bem, mas também, ao contrário, que nada mais ia dar certo. Depois de um tempo sem conseguir saber, decidiu ao menos que tinha fome. Deixou o quarto em busca de algum lugar para comer sem saber que o advogado entra nessa história mais ou menos doze horas depois.

Para quem quer uma boa noite de sono, o banco do plantão da 2ª delegacia policial (Praça Mauá) está longe de ser a escolha mais indicada. Era todo de madeira, sólido e ser usado como cama era a pior ideia que alguém podia ter, não fosse a necessidade. Ele sentiu as nádegas esmagadas na superfície dura ao se deitar, mas

achou que daria para esperar ao menos o dia amanhecer. Pensou na cama do hotel, vazia à sua espera. Não era um colchão espetacular, mas ao menos era um colchão.

Após algumas horas deitado, acordou sentindo que todos os músculos do corpo tinham começado a doer. Tentou resistir e encontrar um ponto sem dor, um algodão flutuante, uma bobagens destas de programas de controle da mente, até ver que não ia mais conseguir ficar deitado. Saltou como uma mola defeituosa, se colocando de pé. O detetive de plantão não aprovou a mudança.

“Senta aí”, ordenou.

Uma vez, ao assistir o *Zodíaco* no cinema, cinco minutos após o começo do filme, teve vontade de ir ao banheiro, porém achou que era o caso de esperar o final. Ignorava, é claro, o fato de o filme ter duas horas e quarenta, ao logo das quais sua experiência foi torturante. Assistir o *Zodíaco* ainda evocava o mesmo tipo de sensação, a sensação desagradável devido aos canais urinários fechados, que logo era pura dor. Começou a suar e sentiu que o coração acelerava. Os rins estavam a ponto de explodir quando capitulou e, deixando a sala e, com passos apressados, depois o cinema, passou pela escada rolante e, no andar de baixo do shopping, finalmente descarregou. Quando voltou, subiam os créditos do filme.

Algo parecido se processava com sua tentativa de resistir à dor quando viu um homem entrar afobado entrou na delegacia. Foi direto ao plantonista.

“Onde está?”

“Ali”, apontou o plantonista.

“É esse?”, apontou na minha direção.

O policial rosnou alguma coisa.

“Vou tirar você daqui”, ele disse, esticando a mão direita.

Ele nunca falou com ninguém sobre a conversa com o advogado. Sente agora uma vontade incontrolável de contar tudo à garota, de despejar todos os fatos. Ela iria gostar de saber de tudo, com toda certeza, mas provável que depois não tivesse opção

senão se livrar dela. O pensamento provoca uma pontada no estômago. A garota percebe algo, pois olha para ele, que finge que nada aconteceu.

Lógico que ela não apenas iria ouvi-lo. Não era do feitio da garota esse tipo de comportamento. È claro que teria perguntas. Por exemplo: o que aconteceu depois que ele e o advogado deixaram a delegacia.

O advogado sugeriu uma padaria, que acabava de abrir. Cada um pediu um sanduíche grande de mortadela. O advogado tomava goles de uma malzbier enquanto ele mastigava os pedaços do sanduíche com café preto.

Depois de comer, o advogado contou que o pai morrera de alzheimer. “Meus pêssames”, ele disse, mas depois o advogado mudou de assunto:

“Me conta como foi parar ali”.

Falou tudo quase sem de dar conta. O assassinato, a fuga de avião de Ushuaia e o imediato embarque para o Brasil. Não ocultou nenhuma informação, exibindo uma riqueza de detalhes diante da qual o advogado silenciou até o fim do relato.

“Você está sendo procurado?”

“Talvez”, ele disse.

“Deixa que eu resolvo isso”, o advogado disse em seguida.

Lembrava o corretor que certa vez tentou lhe vender um apartamento. Sempre que Pacheco, era o nome dele, queria falar de dinheiro, baixava o tom de voz a ponto da conversa acabar quase em sussurros. Ouviu todo o relato em silêncio, esperando o fim da história para dizer alguma coisa:

“Eu tenho uma solução que pode te interessar”.

O táxi retornou ao hotel brigando por espaço com os ônibus no trânsito. O recepcionista da manhã do hotel deu a ele um olhar de peixe morto. Sentia ainda as palavras do advogado.

“Faço uns trabalhos para um grupo... Podemos chamar de organização. Não tem um nome e chefe, tudo isso chama atenção. É só um grupo de pessoas que resolvem problemas”.

Em linhas gerais, seu trabalho de resolver problemas seria de fazer desaparecer alguém. O advogado propôs trabalhar para ele como falasse de um negócio qualquer. Na hora de ir embora, devolveu o dinheiro que havia recebido como pagamento, com uma recomendação de mudar de hotel.

“Vai nesse (esticou um cartão). Pode falar no meu nome”.

Trocou de hotel na mesma manhã. Mas quando disse o nome o nome do advogado, nada se alterou no semblante do recepcionista do novo hotel, também com um olhar de peixe morto. O quarto era maior e mais confortável, além de ficar numa zona mais movimentada. Mal se instalou, saiu para almoçar. Foi direto ao Amarelinho, pedindo churrasco misto com farofa e arroz à grega. Os dias passaram com grande lentidão, Ele bebia chope sozinho no meio da tarde, indo depois tomar café na livraria megastore e filar os livros. No resto do tempo, tentou permanecer discreto. Os garçons, quase todos de meia idade para cima, tratavam-no como velhos conhecidos, não puxavam assunto, de modo que sempre comia sozinho, como no dia em que, perto de terminar o churrasco misto, ele viu um movimento e então o advogado sentou-se à mesa.

“Pode seguir comendo”, o advogado disse, um tom ameaçador, mas que logo corrigiu para o trato amistoso normal. E depois: “Vai funcionar desse jeito. Bem, eu recebo as ordens e te repasso. Você faz o serviço e eu te pago, entendido? Preço fixo. Não preciso perguntar se já tem experiência”. Riu sozinho da própria piada, em seguida, completou: O hotel fica por conta. Eu posso contar com você?”.

Ele seguiu mastigando a comida.

Sente uma vontade incontrolável agora de compartilhar tudo isso com a garota e dizer a ela que se pensa mesmo em seguir esse ramo, deve estar preparada para as memórias. E também de contar tudo à atendente do café onde estão sentados, ao velho que, a despeito da hora, pediu uma sopa, que sorve como se estivesse desesperado, e à mulher que, sem cuidar da criança desde que entrou ali, apenas assiste o menino correr nervoso no meio, e ao casal de gays, que conferem todos os rostos com olhar nervoso,

e também ao homem que brinca com uma colher com a espuma do capuccino enquanto espera a bebida esfriar. Com certeza, todos merecem saber, mas é a atendente da cafeteria quem o encara agora com grandes e frios olhos castanhos. Contaria qualquer coisa a ela se isso fosse uma justificativa para que pudessem conversar, mas a balconista apenas recolhe a comanda, registrando com frieza o valor da conta.

Quando passam das sete, ainda não se separaram.

Agora observam a pequena multidão reunida em frente ao prédio da prefeitura. Não mais do que quinhentas pessoas apareceram, apesar da confirmação de mais de quinze mil no Facebook, fazendo por isso o pequeno grupo encarregado de abrir a passeata resistir a aceitar os apelos dos demais, mesmo com o adiantado da hora. A decisão irrita um grupo, que protesta sobre o frio, apontando as pessoas paradas ao lado de um chafariz, que enche o ar de vapor gelado. Os dois grupos travam uma discussão inflamada, decidindo, depois de muita indefinição, que a caminhada iria começar naquele momento mesmo. Uma ordem foi dada, o primeiro pelotão partiu à frente e a manifestação, feito um paquiderme preguiçoso, começa a se mover.

Escuta no céu nublado o barulho dos helicópteros. O grupo segue por uma rua fechada. A garota, ao seu lado, e os demais participantes fazem barulho tentando atrair as pessoas nas calçadas quase vazias. O chamado causa pouco efeito nas pessoas em um ponto de ônibus, porém, no quarteirão seguinte, conta com a adesão dos alunos de uma universidade federal. A multidão agora caminha pelo resto da avenida, mantendo a distância dos pelotões do choque, que já estão a postos. Em certo momento encontram Ruiva Relevante, o chileno e também um jornalista, que surgem carregando uma bolsa térmica cheia de cerveja. Ele ouve as palavras de ordem, muitas velhas conhecidas, mas não as repete. Quando ocorre o choque – um grupo de manifestantes tentava cercar o jornal local, protegido pela polícia –, está longe o bastante para apenas sentir um leve odor de gás lacrimogêneo no ar sem sentir os seus efeitos. As bombas de efeito moral formam colunas de fumaça, explodindo com um barulho assustador enquanto eles voltam caminhando pela avenida. Depois da passagem da multidão, é

como uma zona de guerra. Sem quase ninguém por perto, observam um grupo destruir as vidraças de um banco. As pessoas aplaudem das janelas, gritando palavrões e cantando o Hino Nacional.

Então, com um estrondo, surgem os cavalos. Passando feito máquinas, magníficas e assustadoras, produzem com o barulho dos cascos no asfalto um efeito multiplicador. Encostado numa porta de ferro fechada, ele os observa: é como ter visões de vida e de morte e não quatro, mas dezenas de cavaleiros do Apocalipse. Entre fascinado e mortificado, vê quando passam a galope, seguindo na direção do grupo que, parado numa calçada, ainda ignora que ser o alvo das forças da ordem.

Depois que os cavalos vão embora, o carro do pelotão de choque chega, recolhendo os presos e os feridos. Os policiais com escudos voltaram e agora formam um cordão para garantir as prisões. Com o barulho de helicópteros, tudo ocorre muito rápido e os carros então vão embora. A garota não estava pronta para a cena. Aproxima o corpo trêmulo do dele, caminhando rápido para longe. Sente a pequenez frágil de sua estatura e de seus membros, uma sensação capaz de um abalo pior, muito pior, do que a batalha que acaba de observar.

No teto do carro, uma frase em inglês. *I can't get no satisfaction.*

O motorista olha pelo retrovisor, curioso com sua curiosidade.

“Deu sorte, amigo. Sabe que táxi é esse? É o primeiro táxi temático dos Rolling Stones”.

Ao entrar no carro, foi recebido por uma boca vermelha, colada na porta traseira. O interior é forrado de fotos de Mick Jagger e dos Rolling Stones. Agora o taxista estica um recorte plastificado do jornal local. Uma foto do carro e de seu dono. Ele reconhece o rosto do motorista.

Hit the road, Jack, diz o título, também plastificado.

“Essa a música é do Ray Charles”, ele observa.

“O quê?”

“Hit the road, Jack, and don't come back no more. Não é dos Rolling Stones, cara. É do Ray Charles”.

“Ray Charles?”

“É”.

O rosto fica vermelho a ponto de dar a impressão de que o taxista vai ter um ataque. O olhar é claro: “Mas que merda esse cretino está falando?”. Não é mais simpático. Um toca-fitas antigo ainda despeja o refrão de *Out of time* quando o carro estaciona diante do hotel. Está arrependido. A questão no fim das contas não tem a menor importância. Ele desce do carro disposto a afirmar que está errado e, sim, *Hit the Road, Jack*, faz parte do cancionário da banda inglesa The Rolling Stones, se retratar e se desculpar de todas as maneiras possíveis, mas assim que chega à calçada a

porta, o taxista sai cantando pneu. Uma boca grande e vermelha, presa a uma mola, continua a balançar na parte de trás até o carro virar a esquina.

Ele sobe as escadas sem paciência. A recepcionista também não está num dia bom. Trocam grunhidos. Observa depois o gato dormindo sobre uma poltrona antes de entrar. O quarto está gelado, mas arrumado, uma surpresa agradável. O ar quente responde ao botão de ligar. Acordou com a maior parte dos músculos ainda doendo e agora precisa se deitar com cuidado, evitando os movimentos mais bruscos e as pontadas mais fortes. Os sapatos já foram parar longe, com o corpo afundando devagar no colchão, a sensação de mergulhar no vazio sem nenhum anteparo ou perigo envolvidos, quando o telefone da mesinha começa a tocar.

“Visita”, a voz da recepcionista anuncia cheia de ironia antes de dizer também:

“Tarifa dobrada”.

“Tinha que ser logo ela?”, a garota não o deixa falar, na porta do quarto.

“Quem?”

“Essa ruiva vadia”.

“Ruiva? De quem você está falando?”

“Sabe do que eu tô falando. Então para de mentir”.

É claro que ele sabe. Depois do protesto, a garota estava abalada demais e decidiu ir embora. O jornalista convidou os demais ao apartamento dele, não muito distante, onde beberam e fumaram maconha. Mais tarde, saíram para uma festa, que Ruiva Relevante disse que aconteceria numa mansão.

Era mesmo uma mansão, mas em ruínas. O antigo casarão dominava o terreno com uma parte de mata nativa. Estava localizado – Ruiva Relevante disse – numa área de cemitérios. Festas secretas aconteciam ali, o jornalista acrescentou, se metendo na conversa.

A maior parte das pessoas estava espalhada pela área externa. Ao entrar na casa, ele notou as paredes cobertas com pichações e diversos escritos, como nomes de bandas e etc. Havia poucos grupos nos cômodos, bebendo e conversando. Mas no que devia ter sido uma sala um homem parecido com um duende produzia ruídos desafinados manuseando uma guitarra elétrica plugada em um pequeno amplificador.

Sentiu tontura de repente. O frio o reanimou no mesmo instante, mas ele resolveu caminhar um pouco para se recuperar. Contornou a casa, subindo até a parte de cima numa escada de poucos degraus. O terreno se aplainava numa área de pouca vegetação. Bem no meio, uma fogueira ardia cercada de rostos febris e brilhantes. Alguns eram rostos amistosos e ele reconheceu um deles. Ruiva Relevante olhava na sua direção.

Nesta parte, sua memória cede lugar a Ruiva Relevante, que testemunhou o restante dos acontecimentos. “Você caiu”, ela disse logo que ele acordou. De acordo com Ruiva Relevante, o barranco onde estava posicionado não era seguro, o que só descobriu quando a terra cedeu, jogando-o para trás. “Caiu de pernas para o ar e bateu a cabeça”, acrescentou ela.

As pessoas o cercaram em choque e desespero. Mas assim que abriu os olhos, se colocou de pé. Apesar das expressões de alívio e palmas, Ruiva Relevante ficou preocupada, pois se virou e perguntou a ela:

“Quem é você?”

Foi por essa razão que esta manhã acordou no sofá de Ruiva Relevante.

Sua falta de memória, ela disse, durou pouco menos de quatro horas.

Nesse período, esqueceu não apenas quem era, mas a cidade, o endereço, o hotel, a garota e, sem surpresa, a razão da arma presa na perna, depositada na mesa de centro de Ruiva Relevante. Ela acabou colocando-o ainda desmemoriado no táxi, saindo sem avisar ninguém.

Ao se mover no sofá, o corpo todo doía. Mal tinha amanhecido, mas Ruiva Relevante estava de pé. Olhava para ele da porta. Mesmo depois que ela contou tudo, não conseguia lembrar-se de nada ocorrido nas horas anteriores, mas pelo menos tinha o resto da memória de volta.

“Fiquei mesmo preocupada”, ela disse.

Ainda estava em choque. Mal se deu conta de quando Ruiva Relevante se levantou. Os raios da luz do dia entravam pelas frestas da janela, pintando uma parede próxima como um chão de boate.

“Vamos”, ele ouviu Ruiva Relevante dizer.

Ele observa a bunda dela enquanto entra primeiro no quarto.

Não tem por que mentir sobre isso à garota. Ela também parece mais calma. De pé, na porta do quarto, olha para dentro como se não acreditasse:

“Cara, mas que muquifo”.

A garota senta depois na cama, levantando uma nuvem imensa e invisível de ácaros. Sem aviso, desabotoa o primeiro botão da blusa. Um pedaço de pele e a alça do sutiã surgem. Ele apenas a olha, impassível.

“Não quer?”

“Está tudo uma bagunça. Não acredito que isso tudo está acontecendo”.

Acaba convencendo-a a ir embora. Os dois vão almoçar e conversar. Agora precisa pensar e elaborar novos planos. Mas antes que volte a se deitar, ouve novamente o telefone.

“Visita”, a voz cruel da mulher da recepção gritou do outro lado da porta.

Uma coisa que detesta no jornalista: o jeito de tratar todos com superioridade. Soa condescente de um modo insuportável quando, parado na porta, depois de examinar o quarto, o jornalista comenta:

“Foi só o que te deram?”

“Foi minha escolha”.

“E por que?”

“Prefiro assim”.

Um sorriso de deboche, o que o faz odiá-lo ainda mais. Dá depois de ombros e, caminhando até a janela da sacada, olha para fora por um instante antes de abrir o vidro. Uma rajada de vento gela o quarto.

“Uma entrevista vai ser boa para você”, o jornalista berra mais para o lado de fora do que para dentro.

“O quê?”

“Confissões de um matador de aluguel”, responde fechando a porta da sacada, o rosto rosado de um bebê a expressão no rosto, uma máscara produzida pelo ar gelado.

“O que acha?”

“Não vou dar entrevista nenhuma”.

“Mas por qual razão?”.

“Você é débil mental, garoto?”

“Talvez eu possa te ajudar”

“Escuta, garoto. Continua forçando a barra que mais um pouco resolvo as coisas para nós dois”.

Uma pontada de medo. É sempre assim com os falsos corajosos. O jornalista agora o avalia como quem descobre que ficou preso com um animal na jaula.

“É sério”, diz. “Se falar, posso te dar o que está procurando”.

“E o que seria?”

“Saber quem veio aqui para matar, naturalmente”.

Depois que o jornalista vai embora, sente a cabeça doer. Entra logo embaixo do chuveiro. A água quente limpa também seus pensamentos. É por isso que sente uma espécie de libertação. A certeza de que ainda não acabou. Por que iria? Pela sequência

lógica, ainda falta alguém e, recostando o travesseiro na parede, procura uma posição confortável e quando estiver nela e o telefone tocar de novo, avisando que alguém está ali para visitá-lo, vai estar preparado para o chileno.

O telefone toca logo depois. Com uma risada, escancara a porta inteira só para a mulher de a recepção gritar “visita” outra vez mais e então, sem que isso seja uma surpresa, a garota entrar de novo no quarto.

“Fui injusta contigo”, ela diz. “Não é problema meu”.

Quem ainda lembra a esta altura que o objetivo disso tudo é matar alguém?

“Tenho uma coisa pra ti”, ela já está quase saindo do quarto. “Precisa ir comigo a um lugar”.

Não se incomoda em fazer perguntas. Ele fecha a porta e, deixando o hotel, segue a garota. O vento frio do final da manhã varre as ruas do centro. Escapam dele entrando em um táxi parado. Meia hora depois, eles descem numa rua de pequenas casas, numa parte da cidade que até agora não conheceu.

“É aqui”, a garota explica.

Caminham depois pela calçada, mas antes do fim da quadra ela se esconde trás de um muro. Há movimento numa casa próxima, do outro lado da rua, e ela maneja para não ser vista. Acaba conseguindo ver o lugar através das grades de um prédio. Não aparenta nada demais: uma mulher mexe nas plantas, sozinha no quintal, até que dois homens entrem em cena. Um deles, numa cadeira de rodas, é empurrado pelo outro. O da cadeira de rodas parece catatônico, com as mãos erguidas como se estivesse agradecendo aos céus. O outro homem, que empurra a cadeira, é parecido com ele, porém num a versão mais jovem e mais forte. Empurra a cadeira sem dificuldades até seu centro de visão, permanecendo de pé e falando com a mulher. Neste momento ainda entra em cena um terceiro homem, parecendo ter a mesma idade do que o homem na cadeira de rodas, provavelmente um irmão. Dois dos homens e a mulher têm uma conversa animada. O homem da cadeira de rodas apenas permanece ali.

Por que deve ver aquilo? A garota não revela, apenas diz ser hora de ir e então os dois fazem a pé no caminho de volta. Ele a acompanha, esperando a oportunidade de falar. Algumas pessoas estão em alguns quintais. As casas até que não estão mal, mas o lugar inteiro ostenta aparência de esquecido.

Caminham depois no sol por uma longa avenida. Depois de cinco ou seis quadras, começa a sentir calor quando passam por baixo de um viaduto. Algumas lojas estão com as portas abertas. Outras, não. Diante de um mercadinho, o dono olha desconfiado para o estranho na calçada e, sem disfarçar, para os seios da garota. Um olhar hostil da sua parte o faz se atrapalhar e voltar para dentro.

A garota continua a andar. Desvia de um grupo de bicicletas estacionadas. Do lado de uma padaria, onde um homem triste o olha por trás do balcão, ela aponta para uma porta de vidro.

“Aí dentro”, aponta.

O vidro é antigo e imundo. Ele agarra a maçaneta com firmeza e, como quem decide tomar um banho frio numa noite gelada, abre a porta de uma vez.

O local é uma tabacaria antiga e mal conservada.

Faz tanto frio do lado de dentro quanto fora, mas o atendente veste da cintura para cima apenas uma regata branca. O visual – costeletas, gel nos cabelos e bigode – é de um boxeador antigo, já que também usa calça de ginástica. Fica parado diante dele e ele lhe dá um olhar ambíguo.

“É você?”.

“Sou”.

“Qual é a senha?”

“Que senha?”

“Calma, eu to brincando”.

Em outro canto, um, homem, sentado numa cadeira de barbeiro lê o Diário Gaúcho sem participar enquanto o velho de aparência decrépita às suas costas maneja

a tesoura. Os montes de cabelo mumificados, com diferentes cores e estados de conservação, dão uma forte sugestão do tempo em que o lugar não é varrido. O ar cheira a coisa velha e poeira.

“O que vai ser?”, diz.

“Ela me mandou aqui”, aponta para fora esperando que a informação seja suficiente. O olhar do homem continua impenetrável. Ele finalmente se abaixa, pegando algo embaixo do balcão. Atira sobre o tampo de vidro um envelope pardo.

“É isso”, o homem diz.

Está lacrado. Manuseia o volume, sentindo uma superfície rígida como uma pilha de fotografias. Não há indicação de nada exceto a inscrição na parte da frente, com letra desconhecida.

**NÃO ABRIR ANTES DE SEXTA-FEIRA.**

Dentro do balcão de vidro, os únicos artigos à venda são cartões telefônicos e canetas. Os vidros estão todos empoeirados. O homem já não é jovem. Sente por ele um pouco de simpatia. Os dois de repente olham para o mesmo canto. Para o saco de boxe.

“Ainda dou meus socos”, diz o homem.

“Não vai abrir?”, a garota caminha ao seu lado, sem tirar os olhos do envelope.

“Não”.

“Por quê?”.

“São ordens”, ele a interrompe antes que diga algo. “Se aqui diz que é para olhar só amanhã, é o que vou fazer”.

Vira-se para ela:

“Quem era aquele cara?”

“Não sei. Só me mandaram te trazer aqui”.

“Só isso?”

“O que mais seria?”

“E quem mandou?”

“Voltamos a esse ponto agora? Tu não quer abrir o envelope, mas eu tenho que descumprir meus acordos”.

No meio da tarde, ele diz à garota que quer comemorar. Não devem ser muitos os clientes que pedem Irish Coffee antes das três, percebe pelo tom levemente desaprovador do dono da cafeteria. A garota olha para fora da vitrine. Em cima da mesa, a visão do envelope o tranquiliza: o que quer que tenha dado errado não importa: o serviço será feito. Uma garantia de que a partir de agora tudo que vier a acontecer fará sentido. O lugar é como uma pequena caverna. São os únicos clientes.

Todas as mesas são feitas de madeira antiga e cobertas com um tampo de vidro. Embaixo, eles veem longas fileiras, lado a lado, de lápis coloridos. E, o mais surpreendente, quando o café está pela metade, ele vê o chileno entrar e sentar na cadeira à sua frente.

“Comeu minha mulher”, o chileno diz.

“Eu sei”, ele diz.

“Comeu a minha mulher”, ele repete.

“Tudo passa”, ele diz.

“O quê?”

“Um cara uma vez me contou: alguém passava um momento bem ruim e então procura outro mais sábio, que diz “Isso também vai passar””.

“Não interessa. Comeu a minha mulher”.

Depois de acusá-lo mais uma vez, levanta-se e sai sem despedir. Ele e a garota vão embora em seguida. Acaba cruzando uma série de ruas e, seguindo as indicações, chega ao começo de uma escadaria. Mais adiante, ele passa por baixo de um viaduto tomado de pessoas vivendo deitadas em colchões e vagando e tremendo. Abalado, assim que chega ao final da calçada, entra em um boteco aberto.

“O que vai ser?”, diz o dono.

O primeiro gole da cerveja desce congelando as entranhas. No segundo, encontra algum tipo de consolo e compreensão. Dura menos do que o primeiro. O dono do bar serve uma segunda garrafa.

“Foi rápido demais. Essa é por conta da casa”, diz, se servindo de um copo.

“Nada faz sentido”, ele diz, olhando para o copo.

O dono do bar também observa a bebida à sua frente.

“E quando fez?”.

Precisa ir embora antes de ficar bêbado. Graças à cerveja, as ideias estão mais claras. Depois de pagar a conta, começa a caminhar de volta para o hotel quando ouve os gritos. O dono do bar, parado na porta, sacode o envelope.

“Já ia esquecendo”, diz.

“Pensou a respeito?” (a voz do jornalista).

“Não estou acreditando”.

“Pensou ou não?”

Desliga o telefone. Um segundo depois, um número brilha na tela. É o número do jornalista. Depois de ignorá-lo uma primeira vez, ocorre o mesmo sete ou oito vezes. Ouve mais uma vez o telefone tocar e desta vez, junto com números, em letras azuis e laranjas, observa o rosto de Ruiva Relevante.

“Escuta..”

“Ele me procurou”, ele disse.

“Merda. E disse o quê?”, a voz de Ruiva Relevante trai a ansiedade.

“Está descontrolado”.

“Eu sei. Dá um desconto a ele”.

“Ele foi mesmo atropelado por tua causa?”

“Foi. Mas não, não do jeito como ele gosta de dizer. Estava na minha casa e a gente terminou. Era de vez, mas ele é tão burro que não consegue atravessar a rua sem ser atropelado”.

Depois que chega ao hotel, a garota liga de novo.

“Vai ter protesto à noite de novo. Quer ir?”

“Não”.

“Tem certeza? Vai perder a chance?”

“Chance do quê?”

“De mudar”.

“Garota, se essa gente caísse só com um protesto, acha que iria estar no poder há tanto tempo?”

Silêncio do outro lado. Fica claro que ela pensa no que dizer:

“Como você ficou assim?”

Desliga sem esperar a resposta. Na certa, fica à espera de um pedido de desculpas, mas já não se importa no momento. Ele apanha o envelope em cima da cadeira próxima, sentindo mais uma vez o volume em seu interior, e no simples contato com o papel se sente um pouco mais otimista.

É um ruído distante, um zumbido quase imperceptível no começo, que em pouco tempo não consegue ignorar. Aos poucos, emerge das profundezas e entre as frestas do vazio. Presta atenção naqueles gritos amorfos e lentos tentando adivinhar sua direção. Ruídos bem mais nítidos, como gemidos e berros, e uma forma confusa bufando e bufando, incompreensível como alguém falando ao contrário, uma língua desconhecida. Começa, no entanto, a soar mais e mais nítida, como se antes estivesse

submerso e agora não estivesse mais, até reconhecer: o que vem sendo dito é seu próprio nome.

“Ah, acordou”.

De braços cruzados, perto do rosto, um homem de óculos o observa.

“Tudo certo, amigão?”

Usa rabo de cavalo. Com uma camiseta dos Ramones por baixo do casaco de couro, tanto poder ser um artista veterano como alguém com ilusões de juventude. Tem certeza de nunca o viu antes.

“Dor”, é tudo que consegue dizer.

“Ah, compreensível”, o homem diz com um sorriso irônico. “Você se debateu por muito tempo no chão. Parece que foi uma convulsão ou um troço parecido. Deve ter batido a cabeça”.

Confere um ponto dolorido pouco acima da nuca. O sujeito continua a dizer:

“E ainda dizia estar dançando break”.

“Break?”

“Aquela dança. Anos 80”.

“Eu sei o que é break”.

Uma nova pontada de dor enquanto o pensamento recua até os acontecimentos narrados, mas tudo que encontra é uma tela em branco. Sua última lembrança é de horas atrás, quando, terminado o jantar, deixou o restaurante, voltando sozinho a pé até o quarto. Uma noite de sono, era só do que precisava. Subiu as escadas com este pensamento, imaginando mais uma vez que no dia seguinte seus problemas terminariam e estaria pronto para partir.

“Como vim parar aqui?”, ele pergunta agora.

“Melhor perguntar a ela”, o homem aponta para a garota, que só agora ele vê parada bem ao lado dele.

Depois de sair do restaurante, ele voltou ao hotel e subiu as escadas e esperou a grade ser aberta junto com o barulho da campainha do lado de cima, sentindo que o

fim do trabalho agora estava próximo do fim. Um dia inteiro era o bastante para fazer o serviço, estar na manhã de sábado na rodoviária, como o planejado, esperando a partida do ônibus sem nenhuma surpresa.

“E depois disso?”, a garota pergunta.

“O que tem?”

“Não lembra?”

“Não”.

Ela não para de olhar para ele com espanto.

Trata-se de alguma espécie de escritório, embora, pelos itens de decoração, pudesse ser também ser um centro espírita, a sede de um partido anarquista ou o local de encontros de uma organização criminosa. Por trás de uma porta, o barulho abafado de música bate-estaca vaza entre as frestas. Alguma festa acontece do outro lado. Nenhum cuidado foi tomado para esconder os plásticos de papелotes vazios e um monte de cocaína também ficou espalhado sobre a capa de um vinil de *West Side Story*. O rótulo suspeito de uma garrafa verde é inteiramente pintado de preto da mesma cor das paredes do cômodo. Sobre uma mesa, ele nota duas pilhas de dinheiro.

O homem só então parece se dar conta da cena:

“Podem tirar ele daqui agora?”. Aponta para o dinheiro sacudindo os braços.

Atrás dele, vê o chileno parado. Ruiva Relevante, ao seu lado, também o observa. Reconhece ainda a cabeça grande do jornalista. Igual a bonecos controlados, todos eles se viram e se movem ao mesmo tempo para a saída.

“Vai se foder”, Ruiva Relevante diz para o dono do lugar quando chega à porta. Tem a impressão de que ela vai fazer algo como acertar um bom chute bem no meio dos testículos do cara, fazendo-o cair de joelhos com um sussurro por um momento: “F-i-l-h-a-d-a-p-u-t-a”, mas tudo que Ruiva Relevante faz é virar as costas.

Do lado de fora, o som golpeia seus pensamentos. Consegue ver que o local está lotado. Pessoas com a metade da sua idade dançam desconjuntadas, ocupando

cada milímetro de espaço livre no caminho. Um mar de esbarrões, cotoveladas, trapaços o recebe, ele ignora todos na esperança de esbarrar numa saída.

Tem a impressão de estar preso numa caixa. Não seria surpresa se em vez de um porão, aquilo fosse um container gigante e todos dançassem suspensos ou algo assim. O espaço sem janelas se estende por outros dez metros, ocupado por silhuetas estroboscópicas.

A luz o deixa nauseado.

Leva de repente um esbarrão. Ruiva Relevante aponta na direção por onde segue também a garota.

Mas no momento seguinte um grupo de homens e mulheres surge dançando na sua frente, interrompendo o caminho. Demora mais do que devia para contornar o grupo. Quando consegue, as duas não estão mais lá.

Também nunca viu o barman na vida. Mesmo assim, garante que já se conheceram.

“Vai outro?”, o barman berra para ele.

“Outro?”, ele berra de volta.

“Combo”.

Faz sinal para o barman: não está entendendo. O barman reage com cara de entediado. Aponta a “mega promoção da noite”, escrita a giz na parede: dois copos de uma mistura de vodka nacional com energético pelo preço de um.

“Mais um?”, o barman diz.

Se ele entendeu o gesto, quer dizer que já ingeriu três copos da bebida. Diz a ele para preparar uma nova dose. O garçom faz sinal de positivo.

“Nunca esqueço um cliente”, diz, apontando para a própria testa.

Ele bebe a metade de uma vez, mantendo os olhos na pista.

“São as pessoas mais infelizes que já vi”, o barman berra quase no seu rosto.

É como se todos estivessem drogados, especialmente o barman. Talvez seja ele o drogado ou, mais provável, ainda está bêbado. Talvez seja o caso de botar a culpa no

barulho em excesso e o ar poluído ali dentro. Estão matando todo mundo aos poucos, mas ao mesmo tempo o mantêm sóbrio. Ele descarta todos os pensamentos como uma completa estupidez.

“Todas as gerações estão perdidas e sempre vão estar”, diz para o barman.

“Que porra é essa?”

“Um lance que eu li”.

O barman faz cara de que não entendeu. Ele dá atenção de novo às pessoas. Todos os rostos lembram o quanto estão se divertindo, menos as duas DJs. Sobre uma pequena plataforma, apenas sacodem o corpo de um jeito nervoso, embalando o transe coletivo. São figuras compridas, os rostos pálidos e os cabelos pretos levemente encaracolados. O barman acaba de dizer que são chamadas de “As Gêmeas”. Não são muito parecidas, embora ambas possuam a mesma aparência triste. Vestem-se de maneira igual, como personagens de quadrinhos.

Um sujeito se aproxima com uma câmera pendurada no pescoço.

“Não vai acreditar no que acabou de acontecer”, diz ao garçom assim que se aproxima do balcão. Inicia uma história que termina um minuto atrás, no reservado do banheiro unissex.

“O marido é aquele”, diz, apontando para um homem na ponta do balcão. Diz também algo que não consegue entender e os dois começam a rir.

Em vinte e quatro horas, uma vida inteira pode mudar. Ele devia estar dormindo.

”Onde é a saída?”, pergunta aos dois.

Do lado de fora, observa um táxi que cruza a rua devagar. O motorista grita sem nenhuma razão.

Algumas pessoas estão sentadas no meio-fio. Tem vontade de se juntar a elas em vez de voltar para dentro. Ainda não se decidiu quando a garota aparece de repente com cara de absoluto terror.

“Onde tu tava?”

“Lá dentro”, responde.

“Ele tá aqui”, ouve a voz do chileno. Sua careca suada aparece em seguida. Restaram tão poucos cabelos que ele se sente bem com isso.

“O que houve com o casaco?”

Ele tenta explicar: na saída, estava a dois metros da porta quando levou um encontrão dessa outra garota, bêbada demais. A garota se assustou e, sem que estivesse à espera, despejou os dois copos nele. O líquido molha o casaco, o blusão e as duas camisas por baixo. A sensação de gelado até a espinha dorsal piora com o frio.

“Ela não parava de rir”, tenta explicar à garota.

“Quem?”

“A garota. Viu o que aconteceu e a única coisa que fez foi começar a rir”.

“É esquisita essa tua mania”.

“Qual?”

“Chamar as pessoas de garota”.

De verdade, não importa. Nada importa. Agora que Ruiva Relevante e o jornalista também estão do lado de fora, se dirige a todos de uma vez:

“Mas que porra foi que aconteceu?”.

“Tu não te lembra mesmo?”, a garota pergunta.

“Não”.

Começa a contar.

“O protesto dessa vez não tinha tanta gente”, ela explica no começo. “Dessa vez também não teve briga com a polícia. Quer dizer, uns bancos quebrados, mas isso sempre tem”.

Antes das nove da noite, segundo os relatos da garota, a polícia cercou a dianteira do grupo, afastada dos demais, com bombas de gás lacrimogêneo, encerrando a manifestação. Todos foram embora cheirando a gás lacrimogêneo e ao cheiro metálico das bombas, prometendo voltar no dia seguinte.

“Foi quando eu te liguei”, ela completa.

Uma lembrança: o debate da noite na TV a cabo local. Nas descrições detalhadas dos repórteres do canal de notícias, trata-se de uma revolução sem revolucionários o movimento, iniciado pouco mais de um mês atrás, que desde então percorre as ruas do Brasil, acuando os políticos. Mas nada assim vai acontecer sem uma reação, por isso argumentava o Comentarista Número 1 que se nenhum líder se ergue para dar um sentido, não se trata de um movimento, mas de uma revolta juvenil. Foi o que fez o Comentarista Número 2, abertamente simpático a tudo que ocorre, quase dar um salto para argumentar:

“Mas ainda vão surgir. A seu tempo”.

Da sua parte, o mais relevante sobre o programa, uma das infinitas atrações encarregadas de dissecar o atual momento político reunindo comentaristas interessados em demonstrar como são inteligentes, que mais chamou atenção foi que todos os participantes se pareciam bastante com animais. O comentarista número 1, por exemplo, tinha as feições de um cão são bernardo, assim como o pescoço comprido do apresentador lembrava o de um avestruz. As comentaristas números 3 e 4, que ainda não haviam dito nada, contemplavam a discussão com um olhar bovino, sendo que a número 4, bastante conhecida, tinha ainda uma semelhança desconcertante com um suíno. Já número 2 era uma dessas pessoas com a aparência mais comum e cavalara. Tinham sido reunidas de propósito? E com que objetivo?

Não tinha uma resposta. Por isso mudou de canal. O próximo mostrava um cadáver em todos os detalhes, cores e dimensões. O apresentador, um homem grande e gordo, ao lado do corpo, debochava do infeliz caído no chão, informando ser um criminoso local. Como bordão, repetia de tempos em tempos “A casa caiu”, como se a intenção fosse assustar as pessoas. Um fio de sangue corria do corpo, mas isso não parecia abalar o apresentador ou o policial, que, vestido em um colete, estava inchado como um chester antes do abate se preparava para dizer algo quando o telefone do quarto começou a tocar.

A garota chegou, de acordo com sua parte do relato, menos de vinte minutos depois. A atendente, lógico, continuava em seu posto e berrou “tarifa dobrada”, deixando que entrasse.

“Tem algo estranho”, ele disse para a garota ao fechar a porta.

“O quê?”

“Ela nunca vai embora”.

“Nunca?”

“Nunca. Está sempre na portaria. Não passei ali que não estivesse. Não notou?”

“Ela nunca sai?”.

“Não que eu tenha visto”.

“Mas está sempre com a mesma roupa?”

“Não”.

A garota deu um sorriso:

“Então ela sai para mudar de roupa, né?”

Sem dizer nada, ela começou a tirar a roupa. Continuou até ficar só de sutiã:

“Tem algo para beber?”, perguntou então.

Ele examinou o frigobar. Um segundo depois, estendeu na palma da mão da garota uma solitária garrafa de gim.

“É pouco”, ele mesmo admitiu.

Neste momento, segundo a garota, ele se sentou à beira da cama e começou a calçar os sapatos para ir a um bar da vizinhança. Tentou fazer com que desistisse da ideia, porém ele insistiu em sair. Desta parte da revelação ele se recorda assim junto com os fios dos sapatos desamarrados no chão e do que lembravam: minhocas se revolvendo na terra. Os cadarços dos sapatos novos são finos demais, ele também constatou com desalento.

No movimento seguinte, ela se levantou e foi até onde estava a bolsa. Voltou com um pequeno envelope de plástico transparente. Ele pensou que era cocaína até ver o conteúdo: dois pequenos quadrados de papelão com o símbolo do Super-Homem.

“Eu disse o que era”, a garota continua agora. “Era...”

É difícil você fazer uma lista de pessoas que você odeia sem cometer algumas injustiças. Religiosos colocariam ateus ou talvez o contrário, cidadãos de bem, os bandidos, mas certamente não o contrário. Talvez algumas situações como o fato de que um grupo pequeno de locais numa ilha menor ainda em um ponto qualquer do Pacífico odeia uma personalidade americana qualquer, por exemplo, Tom Hanks, que jamais viveu ou esteve no local por considerar ofensivo seu papel no filme *O Náufrago*. Os bem comportados, os insensíveis, os chantagistas e, se tratando de categorias, taxistas e motoristas em geral, garçons de lugares antigos, atendentes de hotel, médicos, advogados (dispensam explicação), cobradores, cantores de pagode, motoboys (estes no trânsito, mas não na tele-entrega), funkeiros cariocas e paulistas, tatuadores, atendentes da NET e motoristas que costumam passar devagar enquanto espera para atravessar a rua, faziam todos parte da sua lista por alguma razão justa. Todavia, se tem alguém por quem seu ódio está acima de cada um no momento esse alguém é o chileno.

“Ficaste louco de ácido, *cabrón*”, o chileno ri como se tivesse acabado de ouvir uma piada incontrolável.

Em meio ao deboche, tenta envolver a cintura de Ruiva Relevante, que escapa na sua direção.

“Tudo bem?”, Ruiva Relevante diz.

“Sim”, ele responde.

“Bateu a cabeça”.

“Bati?”

“Não devia tomar doce se não tá acostumado”.

“Doce?”

“Ácido”.

O chileno dá mais uma gargalhada.

Quer continuar a fazer perguntas, porém é dominado de repente por um cansaço esmagador. Boceja tantas vezes que tem de parar de falar, no que os demais veem a deixa para ir embora. Ruiva Relevante e o chileno entram em um táxi parado, levando o jornalista no banco de trás. Entram no carro seguinte. Precisa da ajuda dela para subir as escadas, deixando que busque na mão da atendente a chave do quarto. Mesmo com a consciência desaparecendo, reconhece a voz da atendente, informando feito uma máquina quebrada: “Tarifa dobrada”.

Ela o ajuda a se deitar e tirar as roupas e os sapatos. O tecido gelado do lençol traz de volta a lembrança das baixas temperaturas. O frio continua a espreitá-lo do lado de fora, tem consciência disso, mas do lado dentro, o aquecimento ligado, se encontra seguro. A consciência começa a se dispersar enquanto observa a garota tirar as últimas peças de roupa e ficar sem nada. Ao encostar-se a ele, o volume dos pequenos seios se encaixa na pele logo abaixo das axilas, provocando uma ereção. Porém não consegue ficar de olhos abertos, a escuridão é irresistível e sente que está prestes a desmaiar quando o solavanco quase o atira para fora da cama.

Olha espantado para a garota.

“O envelope”, ela diz com pânico na voz.

Há mais de um minuto o dono da casa noturna olha daquele jeito para os dois, a expressão de quem está imaginando se deve acreditar no que ouve ou é algum tipo de golpe. Enquanto a garota gesticula, no entanto, ele gesticula insinuando que sabe menos daquilo do que ele, também ouvindo explicar:

“Um envelope pardo”.

Um olhar como o anterior. Tenta intervir:

“Ela disse...”.

“Ouvi o que ela disse”, o sujeito o interrompe. “Deram sorte que ainda tô aqui, mas que maluquice é essa?”.

A garota, no entanto, com persistência admirável, continua a insistir como se nada tivesse sido dito. .

“E foi aqui que ele perdeu?”, o dono da casa noturna pergunta aos dois.

“Talvez. Não apareceu ninguém com um envelope?”

“Fechado ou aberto?”

“Que importância tem?”, a garota está quase berrando, mas o outro não se intimida:

“Fechado ou aberto?”

“Fechado”, ele intervém.

“E o que tem dentro?”

“Papéis. Fotos”, ele diz. “Mas o envelope está lacrado”.

O dono do bar olha para ele com cansaço. Apanha depois o celular do bolso, trocando mensagens com alguém. No momento seguinte, um homem corpulento entra na sala.

“Perguntei ao pessoal”, o homem corpulento diz. “Parece que viam um colega com um envelope na mão”.

“Ainda está aí?”, ele pergunta. O segurança o ignora, só se pronunciando quando o dono fez um sinal para responder:

“Já foi”.

“Não te preocupa, vai dar tudo certo”, a garota digita ao mesmo tempo em que fala com ele. O segurança não atendeu as duas primeiras ligações.

“Deve estar dormindo”.

Caminha silencioso ao lado dela. As pessoas agora parecem capazes de adivinhar seu infortúnio e gostar de debochar de estranhos. Eis, por exemplo, um homem que passa e por trás da sua expressão, no rosto semi-encoberto, identifica um olhar e uma expressão de escárnio.

“O hotel não fica longe”, informa a garota.

Caminham por uma calçada quase vazia, encontrando apenas um vendedor de frutas sonolento, que os vê se aproximarem. Cartazes feitos de papel jornal anunciam os preços. A garota examina a banca com pouco interesse, sem se deter. Para mais

adiante, olhando as tiras de sandálias, relógios, óculos e fones de ouvido expostos por um homem com cara de haitiano. Ele a observa com interesse, afetado, é evidente, pela presença da garota. Mas ela vai embora sem comprar nada, causando um olhar de decepção.

O caminho mergulha numa ladeira íngreme ao mesmo tempo em que a calçada se estreita, os dois se apertam ao longo de quarteirões cheios de depósitos e lojas de botões e apetrechos para costura e as lojas de aniversário e as lojas de fantasias de carnaval e lojas de tecidos, conforme informa cada letreiro. Quando finalmente chegam ao hotel, a voz da garota está quase sumida.

“Confusão”.

“O quê?”

“Tu atraí muita confusão, já te disseram isso?”

Eles entram no quarto e tiram mais uma vez a roupa. Depois que fizeram amor, a garota liga pela terceira vez para o segurança, digitando em seguida um recado. Escuta a sua movimentação de olhos fechados, observando as manchas da luz na escuridão. Sente a movimentação dela, mexendo no travesseiro.

“Vamos dormir um pouco”, ela diz.

Em menos de cinco minutos, ela respira pesado. Ele perdeu o sono. Continua de olhos fechados por um tempo, tentando não desistir de dormir. Os pulmões da garota inflam e se esvaziam de um jeito lento e angustiante, indo ao extremo de cada movimento. Ele tenta ignorar o barulho, mas depois de um tempo fica ainda mais preocupado. Teme que ela vá morrer ali mesmo. Porém ela continua a respirar desse jeito por uma hora ou mais, enquanto ele ficou acordado, quando já tem a impressão de que começou a imitar a garota.

Acorda com um barulho do celular. Tenta dormir de novo, mas o toque continua insistente. Pelo menos é problema da garota, ele pensou, imaginando ser o segurança ligado depois de ver os recados.

“É o teu”, a garota diz, cobrindo a cabeça com um travesseiro.

Tateia pelo chão, lembrando que na última vez e que o viu foi ao chutar o telefone para baixo da cama. Precisa esticar o braço, de quatro, para alcançar o aparelho enquanto o aparelho continua a berrar feito um bebê faminto. Ele finalmente desbloqueia a tela, enxergando o número azul-laranja que está ligando.

“Como estão os preparativos?”, a voz do advogado é animada, como sempre, falando como se tivessem acabado de se encontrar.

“Ok”, responde, ainda surpreso.

“Recebeu o envelope?”.

“Ok”.

“Vi as suas mensagens”, o advogado diz ainda. “Estou acompanhando de perto o caso, mas não tenho como responder. Você sabe como é o protocolo”.

“Ok”, ele diz.

“As regras”, diz o advogado.

“Ok”.

“Escuta: você vai resolver esse caso hoje?”

“Agora vem falar em pressa”.

“Não fode. Sem brincadeiras. Feito o serviço, te quero fora daí. Amanhã, no máximo, ok?”.

“Ok”.

“Preciso que encerre isso até as seis. Exigência do contratante. Às seis, o trabalho está feito, entendeu. Mas já deve estar sabendo disso. É barbada”.

“Ok”.

“Está mesmo tudo certo? Tem muito dinheiro envolvido. Esse serviço, você vai ver, vai te colocar em outro patamar. Muito mais grana”.

A sensação de ter feito sempre tudo. De que ninguém vai querer ouvi-lo. De que vai morrer nessa cidade. O advogado ainda não desligou. Contém o impulso de contar a verdade. O advogado saberia como resolver tudo. A situação se acertaria com um ou dois telefonemas e no máximo o caso se tornaria motivo de brincadeiras. Em vez disso, diz “Ok” mais uma vez.

Os dois desligam quase ao mesmo tempo.

Um exemplo da filosofia indiana que não entende muito bem: a ideia de que uma borboleta, batendo asas, provoca um furacão em outro lugar. Nunca entendeu o princípio. E se esse bater de asas ocorrer numa sala ou numa estufa fechada, como vento vai agir do lado de fora? Das forças e influências gerais da natureza, ele consegue entender o princípio, porém nada compreende sobre as coincidências, mesmo aquelas que o atingem, como o fato de que logo após o telefonema do advogado, o aparelho volta a tocar. Apanha o telefone imaginando que o advogado esqueceu de dizer algo, mas dessa vez a ligação é para a garota.

“Envelope?”, a voz confusa do segurança.

“Um envelope pardo. Não está com você?”

“Não sei de envelope nenhum. Quem te disse isso?”

“Teu chefe”.

“Ele tá maluco”.

“Tem certeza? Um envelope pardo com um volume dentro. Posso pagar uma recompensa”.

“Volume?”

“Parecem fotos”.

“Não sei de nada, amigo. Escuta: esse sotaque. Não é daqui, não é?”.

Tem vontade de mandar o segurança para a puta que pariu, mas escuta sua voz em seguida:

“Acabo de me dar conta. Eu vi um envelope. Sabe as gêmeas DJs? Uma delas estava com um envelope quando saiu”.

Cara de cansado como nunca viu antes. Uma mancha cinzenta embaixo de cada olho pela noite mal dormida. Enquanto examina o rosto no espelho, a garota informa que as gêmeas não moram longe.

“Mas só podem falar conosco pelas três”.

Decidem que vão almoçar primeiro. Embora ele esteja quase sem fome, a garota come pelos dois, destruindo um prato com todas as carnes possíveis, mistura que compatibiliza espalhando uma quantidade imensa de molho de queijo derretido por cima de tudo. Depois de comer, caminham pela calçada vazia até um parque, que a garota diz ser o “parque dos ricos”, com desprezo na voz.

A grama é mal cuidada e a denominação faz menos sentido ainda diante do grupo de sem-teto que, à beira de um pequeno lago, comem em quentinhas. No começo de tarde nublado, a última coisa com que deveria se preocupar é com a luta de classes.

“As pessoas continuam perguntando se tu não é daqui?”, a garota pergunta do nada.

“O tempo todo”.

“Isso é gozado”.

Na outra margem do lago, um bando de patos resolve se mexer, nadando e mergulhando. Um dos sem-teto, com um saco de pães, começa a arrancar pedaços do miolo e atirar na água. Todos os patos reagem enfurecidos, exceto um. Este, todo preto e branco, se desgarra do grupo, nadando na direção da margem. As árvores se debruçam na direção da água, como em um gesto de cortesia. Nos galhos quase submersos, vê grandes tartarugas e cágados secando os cascos no sol. O bucolismo da paisagem só é quebrado quando o pato solitário, subindo até o gramado, começa a grasnar, exigindo um tratamento diferenciado. O sem-teto ainda tenta convencê-lo.

“Lá”, ele diz, apontando para o lago. Mas o pato não se convence, grasnando mais. As tartarugas também mergulham, indo comer os pedaços no meio do lado, mas o pato continua a protestar:

“Estou jogando lá”, o sem-teto aponta para a água sem conseguir convencê-lo. Mais protestos. Acaba capitulando e entregando um pão inteiro ao pato que retorna triunfante para a água, Mas este momento de vitória da natureza se desfaz quando o

pato deixa o pão se desequilibrar cair na água, sendo atacado no mesmo momento pelos demais, apesar dos seus protestos.

Na hora marcada, ele e a garota chegaram ao prédio das gêmeas. As portas do elevador se abrem dentro do apartamento, dando acesso a uma sala em estilo oriental. Uma empregada os recebe e, depois de indicar um sofá, desaparece por uma porta. Todos os quadros são no estilo japonês, retratando peixes. A mesa de centro à sua frente se divide nos símbolos de yin & yang, mas, fora esta referência à luta eterna entre a ordem e o caos, não há nenhuma referência à filosofia oriental na estante à frente, uma peça escura de madeira esculpida no estilo dos móveis de Bali. Nas prateleiras – ele as examina –, a maioria dos livros é de biografias do rock e sobre moda. Examina as lombadas, lendo os títulos, quando vê pelo canto do olho a primeira das gêmeas entrar.

A segunda gêmea entra na sala logo depois. Apesar do horário, vestem-se ambas como vilãs de um filme de Tarantino. À luz do dia, sentadas na sala, não são muito parecidas. Uma delas, que vamos chamar de Gêmea nº 1, é mais alta e levemente estrábica. A outra, mais baixa, tem certa graça, embora sem ser propriamente bonita. Não são muito mais velhas do que a garota e, sem a maquiagem e a vestimenta, despojadas da aura artificial de exotismo, não restaria nada além de duas jovens comuns, ele contata olhando a dupla. Ou talvez ainda prestasse atenção no grande dragão vermelho que uma delas tatuou do cotovelo até o punho esquerdo.

Para a garota, é como estar diante de celebridades. Ao contrário do habitual, não está falante o tempo todo, se mantendo numa atitude reverente que o faz tomar a iniciativa:

“O envelope”, diz.

“Que envelope?” – a Gêmea Nº 2 se manifesta.

“Um que estava na festa. Não acharam o envelope ou entregaram a vocês?”

“Não”.

“Mas alguém viu vocês com um envelope. Na saída”.

“Ah, eram só uns livros que chegaram pelo correio”, replica a Gêmea N° 1.

“Tem certeza?”

“Por que não teria?”

A Gêmea N° 2 se levanta de repente, buscando um livro de capa dourada. O título é em ideogramas. Já a foto que ocupa toda a capa é de mulher nua em preto e branco em um fundo dourado. Ao folhear as páginas, se deparou com uma foto parecendo ter mais de cem anos usando uma maquiagem kabuki em posição ginecológica. No centro exato da imagem, ela escancara os lábios vaginais com uma massa negra de pelos com o olhar nada convidativo. É uma edição bastante nova.

“Chegou ontem no envelope”, diz a Gêmea N° 2.

“E agora?”, pela voz, ela ainda está abalada.

“Acho que vou ter que falar com o advogado”.

“Quem?”

“Um cara. Depois te explico”.

Caminham até um café, de onde pretende ligar. Descobre antes uma mensagem no celular. .

“Tá comigo”, diz a voz do jornalista. Enviou a mesma mensagem por escrito.

“O quê?”

“O envelope, porra. Tá bem aqui na minha frente. Guardado na mochila.

Seria difícil dizer de quem gosta menos, se do chileno ou do jornalista. Acabaria optando, é possível, pela divisão meio a meio do ódio para cada um, considerando as particularidades.

O encontro é marcado para dali a quinze minutos. Deixa a garota sozinha, prometendo voltar. A caminho do jornalista, mantém o tempo todo à mão o tempo perto da pistola .22 dentro da calça. Consulta seguidas vezes as horas no celular. Há

uma tênue chance de que vai conseguir cumprir o serviço nas próximas duas horas. Ele se ajeita inquieto, sentindo a angústia golpear a boca do estômago.

Quando o táxi vai entrar na rua, ele pede que dê a volta, deixando-o do outro lado. Ao sair, observa que o jornalista o espera sozinho.

“Ninguém pensou no taxista, não é mesmo?”.

Apesar de já passar das quatro, o jornalista dá grandes garfadas em um bife, devorando uma a la minuta. O boteco tem um nome engraçado: Porta Larga.

“Parabéns. E o envelope?”

“No meu apartamento. Vamos fazer lá a entrevista”.

“Já disse”.

“Isso foi antes. Acha que ia ter todo esse trabalho de barbada por nada? Não te preocupa: vou ser correto”.

Pensando bem, odeia o jornalista muito mais.

Mora em um prédio na frente do emprego, o que revela cheio de constrangimento.

Nunca foi entrevistado por ninguém antes e é natural que não esteja relaxado. Mas o jornalista age de um jeito simpático, não o intimidando com as perguntas, pelo menos de início. Aquilo que você vê quando duas pessoas com opiniões opostas se digladiam e dão a impressão de que poderiam martirizar uma à outra não passa de uma impressão equivocada. Na verdade, antes do botão verde ser acionado, todos conversavam e riam e comiam grandes pedaços de bife com farofa, sem nenhuma preocupação em odiar quem quer que seja.

Depois de meia hora, encerrada a conversa, envia uma mensagem para garota. Considerando a visita ao apartamento das gêmeas, o do jornalista é muito diferente. As paredes escuras, uma garrafa de Jack Daniels, os móveis pesados, mesmo os livros da parede concorrem para uma sensação de bruta masculinidade.

“O envelope”, ele diz.

O jornalista faz cara de quem se lembra de algo. Com um comentário, “Lógico”, apanha uma mochila em um canto. Tira em seguida um envelope. As bordas estão amassadas. Ele as ajeita antes de repassá-lo às suas mãos.

“Não é esse”, ele devolve o envelope.

“O quê?”

“Não foi esse o envelope perdido”.

“Não?”

“Eu disse mais de mil vezes: um envelope pardo. Esse é branco”.

“Tenho certeza...”

“Garoto, você sabe a merda que fez?”

As pessoas leem romances sobre assassinos profissionais em busca de mortes e ação. Se fosse o caso neste serviço, podia ao menos se vingar do jornalista, culpá-lo por tudo, satisfazer os olhos ansiosos com ao menos uma vítima. Uma história de assassinos sem assassinatos não deve interessar a ninguém. O jornalista parece se dar conta de seus pensamentos, não conseguindo mais conter as lágrimas. Depois, como se não fosse suficiente, cai de joelhos. Os pedidos de desculpas vêm com os braços em súplica. Dá uma boa olhada no jornalista neste momento, saindo depois sem fechar a porta.

“Onde tu foi?”, a garota pergunta quando volta ao café.

“Teu amigo é um idiota”, ele responde.

“Que amigo?”.

Ela faz cara de preocupada.

“O que tu fez com ele?”

“Nada. Só é um idiota. Só isso”.

“E agora?”

Decidem caminhar. Do lado de fora, ofertas estão em todas as vitrines. Três restaurantes lado a lado oferecem o melhor sushi barato.

“As pessoas nem gostam tanto de sushi”, a garota comenta de um jeito desprezioso.

O frio, lógico, está pior do que antes, nem por isso todos os bares no caminho estão menos vazios. Sente-se gelado só de olhar as garrafas de cerveja. É a vez da garota dizer:

“Já sei. Vem comigo”.

Quando os dois chegam à usina, há apenas mais um casal. Os quatro inspecionam uns para os outros para ter certeza de que devem ficar tranquilos. Olham depois de volta para o rio, onde o sol está prestes a mergulhar.

Ele vê a luz do dia se transformando em diversos padrões de cores. As linhas se interrompem e se reencontram como as diversas camadas misturadas de um líquido leitoso. Ocorre uma batalha de cores: o azul desaparece e o que prevalece são os padrões de alaranjado ocupando todo o firmamento. Novas cores chegam para participar e em questão de minutos padrões de rosa e dourado se espalham em ondas pelo céu. Tem a certeza de que já viu muitas vezes um entardecer bonito, mas nenhum assim. Mesmo assim, diz para si mesmo, é só um por do sol.

Tenta se despedir, mas a garota faz questão de acompanhá-lo ao hotel. Sente-se cansado demais para argumentar, apenas praticando a caminhada ao seu lado querendo voltar logo. Logo que chega, a mulher da recepção está sobressaltada.

“Encomenda”, ela diz. “Um motoboy passou aqui e deixou”.

Verifica o telefone, constatando que quatro mensagens já foram enviadas pelo advogado, enquanto ela busca algo. Atira depois em cima do balcão um envelope pardo.

“É ele?”, a garota não contém o espanto.

“Não”.

“Como tu sabe?”

“Não tem nada de dentro. E aqui na frente alguém escreveu o meu nome. No outro, tinha um monte de fotos”.

“Acho que tem alguma coisa aqui”, ela diz, olhando o envelope contra a luz do quarto. “Um bilhete”.

“Eu sei”, diz em seguida. “Não ter nada é modo de dizer. Aí dentro tem uma folha de papel”.

“Não vai abrir?”

“Não”.

“Mas por quê?”

Tirando o envelope de suas mãos, ele rasga o papel uma, duas, tantas vezes que só restam pedacinhos, atirados na lata de lixo.

“Já sei o que diz”.

### *Matador em conflito*

*Um assassino de aluguel está solto na cidade. E ele pode estar perto de você*

### *Por o jornalista.*

*O relógio marcava três e meia quando ele levantou a perna direita da calça e, respondendo a uma pergunta, “Você está armado agora?”, exibiu um pequeno coldre marrom, com uma pistola. A .22 andou por cinco dias quase inteiros na sua companhia, à espera da vítima.*

*Acontece que este criminoso, acostumado a tirar quase sempre de maneira fria a vida das pessoas, vive uma situação inusitada: não sabe quem vai matar. Enquanto isso vaga pela cidade, se deixando confundir com qualquer rosto inofensivo. Sim, leitor. Tu talvez tenha até estado na companhia dele sem saber.*

*Na tarde da última sexta-feira, ainda sem saber quem era o alvo, ele aceitou responder a algumas perguntas, desde que mantido no anonimato. É possível que já saiba a esta altura e o crime tenha sido cometido. Um número a mais nas estatísticas, mas uma morte que, garante o matador, nunca ocorre por acaso.*

*O começo, afirma, ocorreu em um estado do centro do país. Ele não dá detalhes sobre a profissão ou modo de agir, se limitando a dizer que “tudo que se sabe sobre matadores está errado”.*

*As razões para estar na cidade para cumprir o que chama de “serviço” são desconhecidas. Além de não saber quem vai matar, tampouco sabe as razões. Não funciona assim nesse tipo de serviço, explica. “Sei o que tenho de saber”. Ele explica que basta saber o necessário para a “preparação”.*

*As declarações foram dadas quando faltavam duas horas para o final do prazo do serviço. Um contratempo, no entanto, ameaçava o que ele chamou de...”*

Ele vê o chão se enrugando como as costas de um animal imóvel, quase surpreso que as pessoas consigam viver ali. Como a paisagem, vista do alto, da janela do avião, é assim – inóspita – que a realidade se parece agora. Depois que embarcou no Sabiha Gokcen depois de duas filas intermináveis, sendo submetido à revista antiterror, com a funcionária estressada da polícia intrigada com um artefato de metal na sua mala, que informou ser um moedor de café, e o funcionário lento do despacho de bagagem, que não viu problema nenhum em gastar três vezes mais tempo para enviar uma única mala, e o último funcionário, entediado, da alfândega, que desconfiou das razões alegadas pelo estrangeiro para querer entrar em um avião e viajar a um lugar onde quase nenhum estrangeiro costuma ir, seus pensamentos são inconstantes e contraditórios, porém no momento está de mau humor.

Tenta explicar à aeromoça: por alguma razão o sistema não processou a compra da refeição de bordo. .

“Eu fiz a reserva”, ele diz, apontando para o papel para comprovar.

Mesmo vendo o dedo indicador pousado no X referente ao serviço de bordo, a aeromoça apenas sacode a cabeça, fazendo sinal de negativo. Também tem sua própria lista, que exibe outra folha de papel, e nela, é óbvio, o X não está marcado.

“Não posso fazer nada”, ela responde, já pronta a ignorá-lo.

É lógico que podia argumentar em favor das refeições gratuitas, que eram servidas nos aviões antes de alguém ter a maldita ideia de cobrar por elas. Você se sentava na poltrona e logo começava a receber comidas e bebida e jornais para se distrair durante o voo e, sem contar que as poltronas também eram maiores, era assim que as companhias aéreas gostavam de tratar seus passageiros. “Um rei, mas ninguém

nunca está satisfeito”, era o que poderia dizer à aeromoça antes de lamentar que também naquela época as pessoas eram acostumadas a reclamar da qualidade da comida, do desconforto, dos atrasos, tudo como hoje. Podia, lógico, também maldizer, além da ganância, a incompetência da empresa turca causadora do problema. Ainda assim que culpa tem a pobre da aeromoça a dez mil metros do chão? Resolve mudar de assunto:

“Ok, o que posso comprar então para comer?”.

“Infelizmente, hoje as refeições vieram todas contadas”, é a resposta da aeromoça, o tom gelado de indiferença, é o que o faz ter raiva dela naquela hora. Mas tudo que consegue é um número de telefone e um endereço de e-mail para reclamações.

Depois que a aeromoça volta para a parte da frente do avião, deixando-o sozinho na última poltrona, ignora como pode o cheiro, que identifica ser de peito de peru com queijo derretido, que emana das embalagens abertas, tateando o bolso em busca um Halls preto para enganar a fome. Descobre uma última pastilha na embalagem, já bastante danificada. Ele limpa com cuidado os pelos do tecido da calça e, manuseando com cuidado o papel, enfia aquela massa mole e pegajosa na boca. Com uma sensação de vingança, limpa depois os dedos pegajosos na lateral da poltrona.

Viaja sem ninguém ao lado. Na outra fileira, um homem dorme enquanto a menina ao seu lado joga no celular. Cada nova cordilheira na janela é como uma surpresa, a informação e o conhecimento se modificam e o cenário que na sua imaginação só podia existir na desolação marciana de repente é mais parecido com uma paisagem lunar. As montanhas da Anatólia dão a impressão de que se estendem até o infinito e que este infinito corresponde a uma expressão literal. Ele, porém, acaba de lembrar: ontem à noite leu sobre batalhas ocorridas a poucas centenas de quilômetros. O epicentro da luta – dizia ainda a notícia – é justamente a cidade para onde está se dirigindo. Segundo o governo, um covil de terroristas. “Se um dia houver uma capital da pátria dos curdos”, o texto proclamava, “será em Van”.

Tem tanta predileção pelos curdos como pelos turcos, seu inimigo de ocasião. Se é verdade que buscou no Google sobre a situação e os grupos que agem na área antes de embarcar, foi em nome do sucesso da operação. Não quer surpresas. Quando se iniciam os procedimentos de pouso, o avião se desloca bruscamente, fazendo-o se agarrar na poltrona. À direita, quase na altura do céu, enquanto observa a superfície espelhada, observa também as montanhas e o campo estão cobertos de neve. As águas prateadas são de um lago imenso, muito maior do que a cidade que ainda vê à distância. Refletem a luz do sol de um jeito que nunca viu antes. Com a expressão pacífica de um boi no matadouro, ele se tranquiliza ao ver o avião se aproximar. Admitiria, se necessário: sente medo no momento, mas de jeito nenhum iria reclamar por não saber o que o espera.

No desembarque, a quase zero grau, um rapaz passa vestindo apenas uma camiseta, chamando a atenção das outras pessoas. Na beira da pista de pouso, distraído com a visão do gelo acumulado nos dois lados, reduz o passo, levando um esbarrão de um homem mal encarado que vem logo atrás e cujo comentário, na língua local, não consegue entender, porém o sentido é claro.

Algumas gotas de suor surgem na testa, por baixo da touca grossa de lã. Enquanto observa cada rosto em volta da esteira de bagagem, tenta avaliar se oferecem algum perigo. A maioria é de casais. Um homem mais velho e uma jovem, afastados do grupo, olham para o chão. Ela usa o hijab, embora não seja obrigatório nesta região. Alguns homens sozinhos dão a impressão de que andam sem rumo, mas em nenhum o comportamento chama atenção.

Depois de pegar a mala, descobre na saída que o aeroporto está em obras. Perdido por um momento entre andaimes, operários e cimento por toda parte, demora a encontrar um táxi. Avista enfim a placa de um deles, cujo motorista, que conversava com outros e prontamente corre para lhe abrir a porta. Quando o carro parte, é invadido por uma onda de confiança. Estar numa terra distante, sem nenhum contato,

era do que precisava para voltar ao trabalho. Além do mais, ainda que distante, há algo de familiar na cidade. Não fossem as grandes montanhas ao fundo e poderia se sentir em algum lugar conhecido. O caminho não muito diferente das regiões em volta de quase todos os aeroportos, com pequenos prédios, lojas e galpões, a aparência de um imenso vazio que explica por que puseram o aeroporto tão longe – o objetivo era não incomodar ninguém. Mas suas convicções são abaladas assim que se depara com o monumento.

Ele põe a cabeça para fora da janela, observando com mais atenção os dois gatos gigantes, muito maiores do que um ser humano. Enquanto tira uma foto, ouve o motorista começar a gritar.

“Van Cat. Van Cat”.

Agora vê de frente a dupla. Os gatos são parecidos com um angorá, o pelo imaculadamente branco. Cada gato tem um olho verde e um azul, ambos assentados numa plataforma retangular. Sem a menor dúvida, o monumento mais feio que já viu.

“É o monumento mais feio que já vi”, diz em português, quase sem dar conta, para o motorista, que se vira apenas até a metade do caminho e dá uma risada, sem tirar os olhos dele do retrovisor.

“Van cat”, repete o motorista.

“Van cat”, ele diz também.

O carro segue viagem.

Avançando por uma avenida, se depara com outro monumento inusitado, um viaduto em forma de balança, mas desta vez o motorista não tem nada a dizer. Só volta a falar cinco minutos depois, quando estaciona o carro e se vira para o banco de trás:

“Hotel”.

Pela janela, observa a portaria. O hotel fica na rua central, Ele pagou o motorista, depois carregou a mala e a mochila até a portaria.

O hotel fica no coração da cidade, na rua central. Quando desce do carro. Parte da fachada é ocupada por uma coluna de metal. Ele vê a porta aberta. Através de uma

vitrine, um homem solitário sentado em um círculo com outras quatro poltronas, é a única pessoa à vista. O atendente diz que estava à sua espera. Mesmo sem ele perguntar, informa em seguida: a cidade é um importante centro de compras.

“Recebemos aqui os turistas mais abastados”.

Não tem curiosidade de perguntar quem são e de onde vêm enquanto recebe as chaves do quarto. Talvez este homem, que entra junto com um menino carregando uma pistola de plástico, seja um turista abastado. Veste paletó, mas não gravata. O olhar não é amistoso e nem ameaçador. Se está aqui pelas compras, talvez a função ainda não tenha começado, já que não tem nenhuma sacola. O menino aponta para ele a pistola. O pai apenas o observa, a mão direita pousada sobre a cabeça da criança. O menino faz um barulho de um tiro com os lábios: “pfuu”. O pai começa a rir como se tivesse ouvido uma piada muito engraçada.

O quarto segue o padrão do resto do hotel, com um luxo moderado e alguns toques de puro desleixo. Depois de constatar a existência de uma banheira, se deita na cama sem tirar os sapatos, brigando com o controle remoto para conseguir ligar a TV. Acaba recorrendo à portaria, que envia um mensageiro. O mensageiro também briga com o controle por mais de um minuto, mas então uma mulher surge na tela. Ela tem a cabeça coberta, assim como a maior parte do corpo. A voz soa tão baixa que precisa colocar o volume no máximo.

Não falar nada da língua não o impede de perceber o esquema geral: a mulher dá conselhos desanimados às crianças, contando com o auxílio de animações toscas e um cenário que consta apenas de uma parede azul e ela mesma, sentada numa cadeira com um grande livro aberto sobre as pedras. Deve ser o pior programa infantil do mundo, porém não muda de canal. A voz monocórdia, a sensação de que o programa foi criado não agora, mas trinta ou quarenta anos atrás, a falta, enfim, de qualquer dado interessante não importam perto do fato de que ela também lembra bastante um rosto conhecido. Fazia algum tempo não pensava na garota.

Não sabe se a garota tentou se comunicar depois de sua partida. Assim que o ônibus partiu, se livrou chip do celular passando os pedaços pelas frestas da janela do banheiro. Se nada fosse dito a ela, não teria como localizá-lo, sequer saber quem é. Guardou na carteira, no entanto, anotado em pedaço de papel, o telefone da garota. Uma leve sensação de abandono o acompanhou de volta até a poltrona e pelo resto da viagem. Ao desembarcar no Terminal Tietê, ele seguiu sem demora até o metrô e, caminhando no meio da multidão, encontrando na plataforma um trem com as portas abertas e vendo os nomes das estações, olhando a cidade distante com uma luz dourada, não podia dizer que o desalento fosse menor. Tampouco o abandonou quando recebeu o telefonema, não muito depois de chegar ao apartamento. O advogado, comunicou a secretária, o esperava no escritório.

Deixou o apartamento naquela hora mesmo, chegando à plataforma do Terminal Tietê já com o motor ligado. Com o corpo cansado, dormiu quase toda a viagem. Acordou com o ônibus parado em um engarrafamento. Debaixo de um viaduto, na beira da outra pista, um carro da PM parado. No chão, semicoberto por um jornal, ele viu um corpo, os braços ainda de fora. Pessoas de bermuda andavam em volta.

No rádio do táxi, o locutor reclamava da onda de calor.

“Está insuportável”, gritou, com apoio do comentarista convidado, que por sua vez tinha a voz bastante parecida com a do garoto-propaganda da Bombril.

Em condições normais, não ficaria preocupado ao cruzar a portaria do prédio do advogado, esperando pelo elevador. Apalpou a .22 dentro do bolso, apertando o número do andar.

O escritório, no centro, não era grande coisa: pequeno e abarrotado de caixas e pastas de arquivos, com uma secretária na entrada e a sala do advogado no fundo. Mas sabia, pelos negócios do advogado, que isso não significava muita coisa. A secretária agiu como se já estivesse à espera. Depois de falar com o advogado, mandou-o entrar e ele foi até a sala imaginando que havia uma ou mais pessoas do lado de dentro e tudo

terminaria ali. Se tivesse a chance, talvez devesse perguntar ao advogado o que seria feito do corpo, pois sempre teve curiosidade a respeito.

O advogado o esperava sozinho. Ainda cauteloso, observou-o apanhar uma garrafa na estante e dois copos no frigobar, servindo uma boa dose para cada um.

“Porra, você tem merda na cabeça?”, ele esbravejou.

Voltou na mesma tarde para São Paulo, embarcando na Rodoviária Novo Rio menos de uma hora depois de sair do escritório. Ao ver o ônibus encostar, uma espécie de *deja vu* quase o fez desistir. Um rosto conhecido estava à espera na plataforma. Por certo, uma armadilha, ele pensou, pensando na arma até que, em um movimento inesperado, o homem se virou, olhando direto na sua direção de um jeito inexpressivo.

Não, aquele não era o carioca.

Durou um tempo a sensação de estar sendo seguido. Um rosto estranho ou um olhar enviesado bastavam para ver ali um inimigo, pronto a reagir. Não houve, no entanto, nenhum incidente. Para não facilitar o trabalho de ninguém, evitava sair à noite, indo todas as tardes até um starbuck’s, onde, onde, com testemunhas em volta, ficava a tarde inteira lendo. O livro e o assunto importavam menos do que manter os pensamentos ocupados.

Depois de um mês, voltava para casa como de hábito, quando teve o impulso de descer na estação Clínicas. Atravessou o longo corredor, cruzando com gente de branco e outras que não sabia se estavam doentes ou não. Assim que chegou à rua, ele atravessou, desviando dos carros, até a outra calçada e entrou em um bar. Na condição de um dos dois únicos clientes dispostos a beber às cinco e quinze da tarde, pediu um chope no balcão, que matou com dois grandes goles. Um segundo chope desapareceu ainda mais rápido do que o primeiro e, com um misto quente para viagem no bolso, ele percorreu de volta o mesmo caminho até a estação. No dia seguinte, assim que o trem abriu as portas, desceu na mesma estação, repetindo todo o ritual, com a diferença de

que bebeu cada chope bem devagar. Uma semana depois, chegando ao mesmo horário, não foi embora antes do bar fechar.

Pensa agora no que poderia dizer à garota sobre isso e sua vida desde então. Ela certamente não entenderia quando explicasse que, depois de um tempo, sem contato com o advogado, o silêncio pareceu a melhor solução. Ficou claro naquele momento o que seria: se ainda estava vivo, é claro que tinha a mão do advogado nisso, não quer dizer que iria voltar a trabalhar. Toda aquela droga de confiança. Tem agora vontade de explicar tudo à garota, está pronto para dizer a verdade. Por exemplo: que a ruptura não o levou a nenhuma galáxia de dor e de arrependimento, mas à sensação de que podia fazer algo útil. “E assim, garota”, pensou, “achei que era chance de achar alguma coisa nova para fazer”.

Achou? De fato, o extrato bancário informava um saldo suficiente para quase um ano, desde que mantivesse um padrão de vida modesto. Com a sobrevivência assegurada, gastou horas de pesquisas nos próximos dias, reunindo dados e possibilidades, optando uma hora por um negócio próprio – uma padaria (faria um curso de padeiro), uma doceria (o curso seria de confeitoiro), uma loja de conserto de celulares (com um curso correspondente, óbvio) –, outra, por um emprego, como virar programador (e mais um curso). Cada nova ocupação o conduziu por um tempo ao extremo do otimismo e da disposição, porém logo sucumbia diante das impossibilidades. Depois de seis meses, não havia avançado em qualquer ideia quando alguns gastos inesperados soaram o alerta: não aguentaria um semestre sem começar a ganhar dinheiro. Podia, pensou, fazer algo com as armas que tinha guardado. Descartou, no entanto, a ideia. Não era assaltante. “Mas veja bem, garota”, ele explicaria a questão agora a ela, “o problema não era esse. Ok, mas se não era um assaltante, eu era o quê?”.

Sem uma resposta, bebeu o segundo chope numa noite quando o telefone começou a tocar. O número era desconhecido. Ele atendeu e então reconheceu a voz do advogado:

“Pintou um trabalho. É fora do país, topa?”

“Por que eu? Por que aqui?” Isso, garota, você vai ter que perguntar ao advogado, não a ele, que no momento tem fome.

“Um restaurante”, explica, de volta à portaria.

O recepcionista é jovem demais para o cargo. Também usa um terno muito maior do que seu número. Talvez seja o futuro herdeiro do negócio e esteja aprendendo ou foi indicado por algum conhecido do dono. O que importa é que conhece um restaurante, que, segundo as indicações, fica a apenas dois quarteirões.

É claro que, quando chega ao local ninguém fala inglês. Não é empecilho para conseguir negociar com o dono um prato de kebab e uma coca zero. Sob o olhar curioso do dono, dos funcionários e de dois clientes, devora toda a comida, arrancando comentários positivos de todos. Ao pagar a conta, seu humor está bem melhor. Confere o celular. Ainda tem quase duas horas.

Nota a placa na outra calçada: Exchange. Ele vai até lá. Atravessando a porta de vidro, há apenas uma funcionária do lado de dentro. Ela olha curiosa para ele e para o sobretudo comprido que está usando. Entrega a ela uma nota de 100 euros para trocar, pedindo um favor: “Pode dizer onde encontrar um bom café”?, ele pergunta em seguida. A pergunta a anima, principalmente quando comunica: está indo às compras.

“Temos ótimas lojas”, ela responde com orgulho. Esforça-se para impressionar o estrangeiro também sobre as melhores opções de lazer de inverno. Ele finge interesse. Se necessário, garota, eis alguém que se lembrará do estrangeiro.

“Mas precisa se apressar. Aqui escurece cedo”, ela diz. “Às quatro, já está escuro. Finge surpresa, embora seja uma informação conhecida. A funcionária está orgulhosa de si, como se o horário em que o sol se põe resultasse da ação humana e esta além de tudo fosse sua.

De volta à rua, a entrada de um mercadinho. Recolhe sem nenhum critério doces e chocolates, olhando as inscrições em turco. A atendente olha para ele e para o

vazio ao seu lado, por certo procurando a criança que vai comer aquilo tudo. Mas não há nenhuma e ela começa a rir.

Com os bolsos do casaco estufados, entra em um táxi parado, repetindo ao motorista a palavra que ouviu faz pouco da garota da casa de câmbio:

“Kalesi”.

Segundo o guia turístico deixado por alguém, provavelmente o hotel, na mesa de cabeceira da cama, no quarto, a construção é de um antigo reino, chamado Urartu, um povo que viveu mais de mil anos atrás naquelas terras. Uma destas maravilhas assentadas que lembra a perenidade das ideias dos nossos antepassados enquanto nós não conseguimos manter um prédio por mais de cinquenta anos.

O que o guia, obviamente, não conta é que em quase todos estes mil anos o lugar pertenceu ao povo armênio até que este fosse varrido da terra, cem anos atrás, pelo novo e atual ocupante de suas terras. E que o reconhecimento pelos turcos deste genocídio, envolvendo entre 50 mil e trezentos mil em Van, em um total de um milhão e meio de armênios mortos, é uma das maiores controvérsias internacionais. Não que tenha uma posição a respeito, mas, garota, neste ramo é bom estar informado.

As calçadas nos dois lados estão tomadas por montes de neve do tamanho de uma criança. No fim de uma avenida, uma construção cinzenta surge em cima do morro, como se flutuasse. Ele a vê se aproximar enquanto o carro, com pelo menos dez anos de uso, sacode no asfalto, rangendo e batendo a lataria. Uma mesquita inicia a invocação para uma das orações do dia, enchendo o ar com o canto monocórdio que ele não consegue compreender e mesmo assim acha triste. Depois de mais cinco minutos, o carro manobra diante de uma formação de árvores. O motorista aponta para fora da janela:

“Kalesi”.

Tem a impressão agora de que o tempo não importa. Ele acaba de atravessar o portão e se deparar com o parque fechado e uma clareira vazia. No verão, a confiar em um grande outdoor na entrada, a paisagem ali é tomada por um toboágua e, para ver os

veleiros e os jet skis no lago, os visitantes correm pela rampa até o topo do morro, caminho agora coberto pelo gelo. Olha de novo para cima. O castelo dá seu testemunho silencioso de que não é a melhor ocasião para estar ali.

O que mais?

Alguns quiosques fechados.

Uma placa indica o valor dos Ingressos, mas ninguém aparece para cobrá-lo.

Um folheto caído no chão. Está escrito em inglês.

*Princípios da única ética possível:*

*1 - Aceitar as consequências dos próprios atos*

*2 - Não choramingar*

*2 - Não aceitar o perdão*

*3 - Nunca perdoar.*

Não há indicação de quem escreveu aquilo ou a sua serventia. Ele guarda o papel no bolso.

No pé do morro, engole o ar gelado. Olha mais uma vez para o alto, na esperança de não ter de fazer o que vai fazer. O caminho começa adiante e está coberto de branco. Em Istambul, a neve cai como a chuva, em pequenos flocos que grudam na roupa, o que cedo ou tarde deixa você todos molhado. Ao acordar, as ruas estão cobertas por pequenos montes, que logo desaparecem. Já a neve da Anatólia não vai embora. É sólida e às três da tarde permanece na forma de um colchão de pequenas pedras de gelo, que ele sente embaixo dos pés enquanto caminha como se tivesse chocalhos nos pés. Tenta avançar, ignorando até quase cair pela primeira vez, como são escorregadias e traiçoeiras.

A respiração cria nuvens no ritmo de uma máquina de vapor. Não é que pense que vai morrer ali. Continua, no entanto, à espera de uma justificativa em contrário.

Na metade do caminho, os passos estão mais confiantes. Avista o lago. A algumas centenas de metros, as águas começam e se expandem até o horizonte. Uma paisagem ideal para conversar com ela a respeito do folheto que ambos acabam de ler:

“E então, garota, Primeiro as consequências”, ele enumera em voz alta. “Teríamos que aceitar, lógico, as leis da ação e reação, que todos os atos têm consequências lógicas ou pelo menos que a responsabilidade está clara, não importa outro fator”. Não é que concorde em todo o enunciado, mas quanto a isso, da sua parte está bem para ele. A segunda proposição, não choramingar, deixa, todavia, as coisas mais interessantes. “Veja bem, isso Inclui”, ele observa, “o pensamento de que força ou fraqueza são qualidades morais. Será um exemplo da masculinidade que tanto vê ser acusada hoje em dia?”. Neste momento, bem no fundo de sua cabeça, sabe que prepara algo e ouve a voz esganiçada dela argumentar.

“Talvez o panfleto fale apenas de se manter sereno em qualquer situação. Ou melhor, um voto em favor da dignidade”.

As cenas do outdoor são dos veranistas e jetskys correndo diante de seus olhos. Se fosse verão, talvez viesse a se juntar à pequena multidão percorrendo alegremente a mesma montanha e não saberia como é a sensação de triunfo ao chegar o topo sem quebrar o pescoço, como a que sente agora. O sol se encontra à beira da morte, um disco amarelo-pálido incapaz de produzir calor. Ele caminha sobre algumas pedras. Com um a mão no bolso, agarra firme o moedor de café. Tem forma de garrafa. No bojo do artefato, ele apalpa os desenhos em relevo recordando da promessa do vendedor: tem o peso certo e dureza necessária para romper com facilidade um crânio humano. Para garantir, explicou como golpear.

Mesmo assim está arrependido.

“Você não vai levar nenhuma arma”, disse o advogado. “São muitas as alfândegas e ninguém sabe quem é você, nem o contratante. Mas também não vai ter de improvisar”.

Devia ter feito mais exigências, lembrado da última vez, pelo menos aumentando o preço. Porém ouviu sua própria voz, como se não a reconhecesse, concordar com os termos.

Claro que no caso dela a resposta seria outra.

“Dar um jeito como?”

“Matando alguém, ora”, com certeza, a garota diria.

“Mas, garota”, ele diz, “é para isso que estou aqui”.

Podia imaginar a garota dizendo: “Então temos que dar um jeito nisso agora”, mas não quer mudar de assunto tão fácil. “Nada impede de esclarecermos isso, certo?”, ele falou, olhando para baixo. Uma touca vermelha se movimenta no começo da rampa. A silhueta de um homem avança a mesma rampa coberta de gelo. Tem o andar de um gorila, sendo de tamanho considerável. Tira do bolso o moedor de café, encaixando suas partes para ser usado como um bastão.

“Faz o serviço rápido. Descendo pelo outro lado, você contorna o morro e foge pela estrada. Ele costuma ver o sol se pôr lá de cima. Não se preocupa que vai sempre sozinho”.

Isso lhe dá quarenta ou cinquenta minutos antes de alguém resolver subir e quase vinte minutos após alguém partir na sua direção. Tempo de sobra, garota, para esclarecer o resto: e quanto a aceitar que não te perdoem e nem nunca perdoar? Um argumento fácil no caso é o da falta de empatia ou do orgulho, mas em sua opinião se trata muito mais de responsabilidade. Aquele que nega o perdão alheio se obriga a errar pouco ou quase nada ou sofrer as consequências. Mas isso significa que não se pode deixar pra lá? Ao menos neste ponto, espera que possam concordar, mas o mais provável é que mesmo assim ela vá discordar com uma observação ingênua, idealista e sem sentido prático e isso atrai uma torrente de pensamentos positivos sobre a garota.

A última coisa que ouviu do advogado:

“Sabe o que salvou a tua vida?”

“Não”.

“Aquela porra de reportagem. Os caras acharam que iam se expor se fizesse alguma coisa. Acabaram deixando para lá”.

No topo, as paredes de pedra se abrem em um arco, que ele percorre até parar em um pátio a céu aberto. Da amurada, vê abaixo as fundações das casas e de algumas grandes construções das quais não restou mais nada do que uma marca no

chão. Naquele lugar, informou algum link consultado, como não era incomum nos cercos e invasões na região desde tempos imemoriais, os invasores não fizeram prisioneiros. Agora ali, observando sozinho o resultado, é como se o mundo tivesse sucumbido ao silêncio e observa a paisagem vazia até ouvir um barulho vindo do lado de fora.

## 2. O NARRADOR SEM NOME

O primeiro dos muitos golpes de sorte para Adolf Hitler aconteceu treze anos antes de seu nascimento. Em 1876, o homem que viria a ser seu pai mudou o nome de Alois Schicklgruber para Alois Hitler. O futuro ditador diria que nenhum outro ato de seu pai lhe agradara tanto quanto abandonar o sobrenome grosseiramente rústico, e podemos acreditar que foi mesmo assim. Com certeza, "Heil Schicklgruber" teria sido uma saudação improvável a um herói nacional.

(HITLER - Ian Kershaw)

Meu nome não é Offred, tenho outro nome, que ninguém usa porque é proibido. Digo a mim mesma que isso não tem importância. Um nome é como o número de teletone, útil apenas para os outros.

(O CONTO DA AIA – Margaret Atwood)



Não seria inverdade – ainda que não totalmente verdade – dizer que este percurso teórico começa com uma piada. Na verdade, um esquete, um quadro do grupo humorístico inglês Monty Python exibido na BBC em 1969. O título é “It’s the Arts”, algo como “Isto é Arte”. Nele, o apresentador Arthur Figgis (interpretado pelo magistral comediante Graham Chapman, já falecido), no estilo dos críticos de arte da TV inglesa do final dos anos 60, celebra no começo, entre grandes artistas como Beethoven, Chopin, Brahms, Liza, Schubert e Bach, “nomes que viverão para sempre”. A graça irrompe quando Chapman, em seguida, pergunta: “Mas por que o mundo nunca se lembra do nome de Johann Gambolputty de von Ausfern Schplenden Schlitter Crasscrenbon Fried Digger Dingle Dangle Dongle Dungle Burstein von Knacker Trasher Apple Banger Horowitz Ticolensic Grander Knotty Spellinkle Grandlich Grumblemeyer Spelterwasser Kurstlich Himbleeisen- bahnwagen Gutenabend Bitte ein Nürnburger Bratwustle Gerspurten Mitz Weimache Luber Hundsfut- gumberaber Shönedanker Kalbsfleisch Mittler Aucher von Hautkopft of Ulm?”.

A partir de então o tal nome, na realidade um acúmulo de sobrenomes alemães, reais e inventados, além de uma ou outra expressão em inglês, será repetido inteiro um total de seis vezes: pelo apresentador (três), um repórter (duas) e finalmente por um aparentado de Johann que, muito idoso, morre durante o esforço de ouvi-lo ser pronunciado mais uma vez.

No humor do Monty Python, as coisas não precisam fazer sentido. O objetivo é o nonsense e nisso, como prova sua fama até hoje, não há o menor reparo, o esquete é mesmo muito engraçado. Porém o tema escolhido remete a uma inquietação surgida

durante o processo de criação de *Veja se você responde essa pergunta*, livro de contos lançado em 2009 e até hoje eu único. Na escrita, vi-me perturbado a cada vez em que, tendo a ideia de um conto, precisava batizar seus personagens. Algo que devia ser simples e natural – um nome – tornou-se um incômodo. Mal criado o personagem, sem saber direito quem era, tinha de dizer como se chamava. Às vezes, era o contrário: se tinha um nome, me punha a imaginar que tipo de personalidade podia estar a ele relacionada. Comecei a me dar conta que nos dois casos um nome era capaz de moldar não apenas o caráter como até as características físicas dos personagens. Por exemplo: foi assim com Bárbara, a “mulher perfeita” do primeiro conto do livro, cuja chegada à vida do protagonista é capaz de arrancá-lo de um ciclo de autodestruição. O fato de Bárbara servir tanto como nome quanto como adjetivo foi definidor do quem seria esta mulher e, por isso, como deveria se chamar.

No resto do processo a dificuldade se repetiu e, como resultado, em certo momento simplesmente desisti. Personagens passaram a ter nomes iguais: em histórias diferentes, há dois Marcelos e três Antenores. Mais do que isso: quando possível, comecei a simplesmente eliminar os nomes, usando um/ uma protagonista anônimo (a). Em outros casos optei por nomes que na verdade são muito mais funções: a mulher bonita, o homem de terno azul, o garçom, o mulherengo, o ladrão. Foi uma solução satisfatória de momento, mas não impediu a pergunta: tratava-se só de um problema meu ou isso se passa também com outros autores?

De volta ao Monty Python, o quadro estimula a mesma pergunta. Gambolputty, apresentado como o “maior nome da música barroca alemã” caiu no esquecimento porque seu nome é grande demais? O esquete não oferece uma resposta e nem deveria. Não há muita lógica em *It's the Arts* além de fazer rir com a pronúncia de um nome grande e esquisito. Existe a óbvia explicação de que, sendo a música barroca alemã um gênero considerado difícil, se aventurar nela envolveria um risco considerável de acabar esquecido. Assim é com os artistas, mesmo os mais geniais, de nichos musicais, mas nesse caso a piada deveria ser outra. A graça em *It's the Arts* reside na possibilidade do esquecimento estar ligado ao excesso de sobrenomes do gênio

musical em questão, à quantidade de vezes – seis – em que seu nome é pronunciado e na maneira – empolgada, levemente cansada, aflita, séria, perplexa – como ocorre a cada vez.

O que aconteceria se em vez de 45 sobrenomes Gambolputty tivesse apenas dois ou três? E, no caso da literatura, que é o que me interessa, nomes importam de alguma maneira? Talvez fosse melhor começar perguntando a um especialista na Bíblia. No Gênesis, afinal, Deus o tempo todo muda o nome das pessoas. Por exemplo: Sarai (estéril), a esposa de Abraão, que não podia ter filhos, torna-se Sara (fértil) com a promessa do nascimento de Isaque. Jeová, o deus de muitos nomes, fará isso diversas vezes, quase sempre apontando mudanças na vida das pessoas ou em seu futuro. O próprio Abrão, batizado em reverência a um antepassado importante, passa a ser Abraão (pai de uma multidão) com a promessa divina de construir a partir dele uma grande nação.

Deus não apenas os modifica como às vezes atribui nomes antes do nascimento. José, por orientação Dele, faz o filho se chamar Jesus (Jeová é salvação). Nomes na antiga cultura judaica eram repletos de importância e significado na vida das pessoas, de sua família e da sociedade, tanto que Daniel, Hananias, Misael e Azarias são rebatizados pelo chefe dos eunucos na Babilônia, passando, respectivamente, a Beltessazar; Sadraque, Mesaque e Abede-Nego.

Cabe aqui recorrer a uma conclusão, contemporânea, da Psicologia Social: um estudo de 2011 da Universidade Northwestern, em Illinois, sugere um fundo psicológico na questão. Segundo o pesquisador David Figlio, que realizou entrevistas a respeito, a forma como nosso nome é visto pela sociedade influencia cada um de nós. Com um nome muito diferente, por exemplo, aumentam os problemas de delinquência juvenil. Nossos pais, ao decidir como vamos nos chamar, estariam orientando, como autores fazem com personagens e como o Deus do Velho Testamento, nossa criação de acordo com a maneira como cada irá ser visto pelos outros e se verá a si mesmo.

Esta obsessão chegaria a ponto de 13% dos americanos trabalharem em empresas cujas três primeiras letras são a de seus próprios nomes. Parece exagero, mas é a

conclusão de um estudo com base em um banco de dados com 438 mil pessoas nos Estados Unidos. E mais: em uma pesquisa para a Universidade de San Diego, voluntários, estimulados a escolher três letras do alfabeto, disseram preferir as letras que fazem parte de seu próprio nome, principalmente a primeira.

Se a psicologia sugere uma resposta inconsciente aos nomes das pessoas reais, não há impedimento em imaginar que o mesmo se dá com relação à ficção. E se o mesmo se dá com a ficção, qual o impacto para seus criadores? Não está totalmente claro, mas a questão dos nomes na criação literária é preocupação explícita, em trechos de obras ou mesmo livros inteiros, de alguns autores como James Joyce, Samuel Beckett, Henry James e José Saramago.

E se nomes importam para a literatura, o que pode ser dito de sua ausência? A ocorrência de romances e protagonistas anônimos é uma das marcas da literatura contemporânea. No Brasil, não são poucos os romances que se valem do recurso, que engloba praticamente toda a obra de João Gilberto Noll. Entre os mais recentes, os romances *Barba Ensopada de sangue*, de Daniel Galera, *Como se estivéssemos em palimpsesto de putas*, de Elvira Vigna, e *Simpatia pelo demônio*, de Bernardo Carvalho, ou mesmo novíssimos como no *Correr com rinocerontes*, de Cristiano Baldi, o recurso de não dar nome ao protagonista é funcional à narrativa e em pelo menos em um caso (o de Carvalho) reflete o caráter dos personagens.

Não se trata apenas de um fenômeno brasileiro. Sam Sacks<sup>1</sup> (SACKS, Sam, 2015) nota a ascensão do narrador sem nome como fenômeno entre alguns dos autores mais conhecidos do mundo. Aponta para os exemplos de Tom McCarthy, Alejandro Zambra, Paul Auster, Cormac McCarthy e Philip Roth como escritores que se valem desta tendência.

Há, como se verá mais adiante, mais de uma razão para o anonimato destes personagens e narradores, porém a frequência com que surge na literatura

---

<sup>1</sup> SACKS, Sam. The rise of nameless narrator, 2015. Nova York: The New Yorker. <Disponível em <http://www.newyorker.com/books/page-turner/the-rise-of-the-nameless-narrator>>

contemporânea sugere uma inquietação comum e, para minha surpresa, pouco investigada. Enquanto escolhas narrativas são dissecadas constantemente e também não faltam estudos de nomes em algumas obras ou seus criadores, à sua ausência é dada pouca atenção. É o ponto de partida desta investigação.

## 2.1. Um breve histórico

Nomes como denominador universal remetem, pelo que se sabe, aos primórdios da história. Acredita-se que mesmo antes da invenção da escrita os seres humanos se valeram de imagens e sons para denominar coisas e seres. A evolução da linguagem, no entanto, permitiu que fossem criados nomes para denominar não apenas outros humanos como criaturas, lugares ou mesmo conceitos abstratos, como Deus, felicidade, paz e amor.

No caso da literatura moderna, Ian Watt<sup>2</sup> (WATT, Ian, p. 24) aponta que a adoção de nomes “comuns”, em contraponto às denominações baseadas na profissão, origem ou destino dos personagens, praticadas até então pelo teatro, foi uma importante inovação para que os leitores aceitassem logo no início o romance realista inglês no final do século XVII. Obras como *Moll Flanders*, de Daniel Defoe, se valeram da novidade para lograr uma identificação com o público. A partir de então escritores incorporaram os nomes comuns como regra, passando a usá-los muitas vezes como elemento fundamental da criação.

George Bernard Shaw, por exemplo, não conseguia criar histórias sem primeiro definir os nomes de todos os personagens. O mesmo ocorria com Charles Dickens e Henry James. Ambos tinham o hábito de manter uma lista com futuros nomes de personagens, coletados de conversas, recortes de jornal, livros lidos previamente e etc. É um método que certamente funcionou e funciona para a literatura, que em quase três séculos e meio, desde o realismo inglês, foi capaz de produzir alguns nomes

---

<sup>2</sup> WATT, Ian. A Ascensão do romance.

memoráveis, como Jay Gatsby, Holden Caulfield, Raskolnikov e Macunaíma, entre outros,

Há, contudo, outra convenção, surgida a partir de meados do século XIX e que também veio a se tornar importante na literatura: personagens sem nome algum. O primeiro caso é o de *Memórias do Subsolo*, romance de Dostoievski lançado em 1864. O protagonista, um homem cheio de amargura que vive isolado, não é identificado para o leitor. É claro que tem um nome, mas na obra é chamado apenas de “Homem Subterrâneo”.

Dostoievski foi uma exceção em sua época. Apenas a partir de Kafka e, não muito depois, do modernismo que o recurso passou a ser adotado em larga escala. Em *Ulysses*<sup>3</sup> (JOYCE, James, 2012, p. 515), por exemplo, Stephen Dedalus manifesta uma inquietação do autor, James Joyce, sobre a questão dos nomes, argumentando: não têm nada a ver com o sucesso.

MAGEEGLINJOHN

Nomes! O que existe em um nome?

BEST

Esse é o meu nome, Richard, não sabe. Espero que você diga uma palavra favorável a respeito de Richard, não sabe, para meu próprio bem.

(risos)

(...)

STEPHEN

Em sua trindade de Wills sinistros, os ladrões vilões, Iago, Richard o Corcunda, Edmund em *Rei Lear*, dois trazem os nomes dos tios perversos. Mais ainda, essa última peça foi escrita ou estava sendo escrita enquanto seu irmão Edmund agonizava em Southwark.

BEST

---

<sup>3</sup> JOYCE, James. *Ulysses*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 1.112 p.

Espero que Edmund apanhe tudo. Não quero que Richard, meu nome...

(risos)

QUAKERLYSTER

(a tempo) Mas aquele que surrupia de mim meu nome honrado... .

STEPHEN

(stringendo) Ele escondeu seu próprio nome, um nome impoluto, William, nas peças, um super aqui, um palhaço ali, como um pintor da antiga Itália colocou seu rosto num canto escuro de sua tela. Revelou-o nos sonetos em que existem Wills de sobra. Como John of Gaunt seu nome lhe é caro, tão caro quanto os brasões que ele obteve à custa de bajulação, sobre uma barra diagonal de zibelina uma lança ou prata acerada, honorificabilitudinitibus, mais caro do que sua glória como o maior abalador-de-cena do país. O que é que existe num nome? É isso que nos perguntamos na infância quando escrevemos o nome que nos disseram ser o nosso<sup>4</sup>.

Dedalus é obcecado por ter o mesmo nome do inventor grego que, construindo asas com cera e penas, acabou causando a morte do filho na famosa lenda de Ícaro. Nomes, Joyce sugere, são destino e sua forma de batizar personagens toca o real, o cômico, o mágico e o irônico numa tentativa de apresentar verossimilhança, quase sempre autobiográfica, mas um pequeno grupo é deixado sem nome algum.

Outra marca do autor irlandês é uma profusão de nomes, como Jack e Joe, comuns na língua inglesa, como a demonstrar a falta de importância destes. E uma referência curiosa à questão surge na primeira página do conto *As irmãs*, que abre *Dublinenses*. (JOYCE, James, 2000, p. 1):

Toda noite, ao olhar a janela, murmurava comigo a palavra paralisia. Ela sempre soara estranha aos meus ouvidos, como a palavra gnômon em Euclides e simonia no catecismo. Agora, porém, soava como o nome de um ente maléfico e pecaminoso.

---

<sup>4</sup> Idem.

Enchia-me de terror, mas ainda assim ansiava contemplar de perto seu trabalho implacável<sup>5</sup>.

Os escritores modernistas promoveram a ausência de nomes dos personagens a tema central de suas obras. No caso de *O inominável*, Samuel Beckett decidiu inserir a questão no próprio título. O romance de Beckett apresenta um verborrágico personagem incapaz de descrever a si mesmo. Ele não tem um nome por também não ter uma existência corpórea, a única coisa verdadeira expressa sobre ele é a ausência de ser. Se na Bíblia o inominável está relacionado ao sagrado, para Beckett, é uma evidência do absurdo.

Para Franz Kafka<sup>6</sup>, se levamos em consideração o conto *Descrição de uma luta*, a mesma ausência de nomes é um elemento de dúvida do narrador sobre a solidez de sua própria existência e do mundo em volta. As principais figuras na história, como o novo conhecido, o homem gordo e o adorador, dão a impressão de servir apenas para acentuar esta preocupação. Kafka recorreu mais de uma vez a este tipo de personagem indeterminado em sua obra, sendo três exemplos conhecidos os contos *Na colônia penal* e *Um artista da fome* e o romance *O Castelo*. Em todos os casos os nomes são substituídos pela indicação da profissão dos personagens.

O autor tcheco escreveu *Descrição de uma luta* em 1904, sendo uma de suas primeiras obras. Seus papéis dos tempos de estudante de Direito, quando a primeira versão da obra foi concluída, foram destruídos, impedindo saber o que estava por trás da escolha, mas numa resposta a um ensaio sobre a estética escrito por seu amigo Max Brod, dois anos depois de finalizar o conto, se refere às questões da imaginação e da repetição como preocupações suas na época. “Desde que todos os objetos estão em

---

<sup>5</sup> JOYCE, James. As irmãs. In: *Dublinenses*. São Paulo, Editora Record, 2000, 190 p.

<sup>6</sup> KAFKA, Franz. *Descrição de uma luta*. In: *Descrição de uma luta*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985. 180 p.

constante mudança de tempo e perspectiva e também nós, a audiência, sempre os encontramos em um ponto diferente”<sup>7</sup>.

A ausência de nomes em Kafka remeteria à questão da identidade. O autor tcheco era judeu, mas não fica claro se seus personagens também o são. Sem nome, o comum é que não tenham uma etnia definida.

Flann O’Brien, autor de *O Terceiro Tira* e *A Nadar-Dois- Pássaros*, romance que estava na mesa de cabeceira de Joyce em seu leito de morte, e Pirandello (*Seis personagens em busca de um autor*) também se preocuparam com a função dos nomes na literatura. Com o pós-modernismo, contudo, esta preocupação deu lugar, a depender do autor, a experimentos mais focados na estrutura narrativa e na função dos personagens. Foi somente em décadas recentes, conforme os ditames do pós-modernismo mostravam alguns sinais de esgotamento, que esta preocupação viria a ressurgir.

## **2.2 Saramago e os personagens sem nome**

Em *Ensaio sobre a cegueira*, José Saramago renunciou ao batismo de seus personagens. Não tendo nomes, são identificados pela profissão ou uma característica marcante. Existem, assim, a mulher do médico, a única que não perde a visão, o médico, o primeiro cego e sua mulher, o cego-ladrão, o cego de venda preta e assim por diante.

Ainda estava nesta balança entre a curiosidade e a discrição quando a mulher fez a pergunta direta, Como se chama, Os cegos não precisam de nomes, eu sou esta voz que tenho, o resto não é importante, Mas escreveu livros, e esses livros levam o seu nome, disse a mulher do médico, Agora ninguém os pode ler, portanto é como se não existissem<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> ROBERTSON, James. A companion to the works of Franz Kafka (Studies in German Literature Linguistics and Culture). Rochester: Camden House, 2006. 378 p.

<sup>8</sup> SARAMAGO, José. Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 312 p.

Esta ausência se repetiria em *Todos os nomes*, seu romance seguinte. Saramago era particularmente preocupado com a questão e foi dos poucos autores a se pronunciar a respeito, justificando o recurso do anonimato a partir da escolha, na narrativa, de temas de caráter tão amplo e geral que nomes deixaram de ter sentido. “Chamar o personagem Antônio, ou Manuel, o que significa? É uma convicção profunda minha: não sabemos que nomes temos. Sei que me chamo José Saramago, mas o que isso significa? Quem sou eu de fato?”<sup>9</sup>.

Outra raridade entre autores a discorrer sobre sua relação com nomes de personagens, Lydia Davis<sup>10</sup> (DAVIS, Lydia, 2015) diz considerar artificial este processo de batismo literário. “Eu escrevi sobre uma mulher e a batizei de Sra. Orlando porque a mulher na qual a baseei vivia na Flórida. Recentemente, eu escrevi uma história chamada *Os dois Davies e o Tapete* porque eu tenho um vizinho chamado Davis e ele e eu estamos tentando decidir qual deve ficar com um certo tapete e gostei de usar aquele nome, ainda que não fosse fazer muita diferença para ninguém se eu o chamasse de *Os dois Harris e o tapete*”<sup>11</sup>.

Nomes, como lembra Orson Scott Card<sup>12</sup> (CARD, Orson Scott, 1988), carregam várias associações. Ligam-nos a nossas famílias, estado civil, etnia, nacionalidade ou mesmo estados psicológicos. O nome, para ele, é uma espécie de etiqueta com informações para o leitor conhecer de pronto um dado personagem. É por que dá nomes a todos eles. É inevitável, a partir deste raciocínio, especular que a renúncia a nomear busca justamente abrir mão disso ou, em casos mais extremos, a questionamentos mais amplos. Personagens sem nome na ficção contemporânea,

---

<sup>9</sup> SARAMAGO, José. Saramago explica ausência de nomes em *Todos os nomes*: depoimento [17 de outubro de 1997] São Paulo: Folha de S. Paulo, caderno Ilustrada, página 1. Entrevista concedida a José Geraldo Couto.

<sup>10</sup> DAVIS, Lydia. *The Art of Fiction*, 2015. Paris: Paris Review n. 227

<sup>11</sup> *Idem*.

<sup>12</sup> CARD, Orson Scott. *Elements of Fiction Writing: Characters and Viewpoint*. Cincinnati: Writer's Digest Books, 1988. 186 p.

observa Sam Sacks<sup>13</sup> (SACKS, Sam, 2015), quase sempre estão tentando convencer a si mesmos, muitas vezes de maneira inútil, da realidade e da própria existência. Aponta para os exemplos de Tom McCarthy, Alejandro Zambra, Paul Auster e Philip Roth, como autores que tomam parte nessa tendência.

Trata-se de um traço ainda mais presente na literatura no exílio. Quando o personagem principal de *All our names*, de Dinaw Mengestu's deixa a África para ir viver nos Estados Unidos, o leitor jamais saberá seu nome de nascença. Em *The dog*, de Joseph O'Neill, um advogado paranoico chama a si mesmo apenas de X<sup>14</sup>. É um mistério, ainda, a identidade do homem e do menino que, chegados de navio a um novo país indeterminado em *A infância de Jesus*, de J.M. Coetzee<sup>15</sup>, ganham novos nomes, Simón e David, respectivamente, idades e datas de aniversário, toda uma nova vida.

Por trás deste apagamento, desconfia Sacks, parece se esconder uma desconfiança profunda na escrita, uma crise de fé na capacidade de palavras de capturar a essência de uma vida ou dizer a verdade em sua condição essencial:

Considere a Bíblia, um dos primeiros casos textuais primeiros para lidar com o dilema de nomeação. Em grande parte dela Deus é identificado com o que os teólogos chamam de tetragrammaton, quatro letras que não podem ser ditas porque a palavra não tem vogais, ninguém realmente sabe como deve ser pronunciada. Se Deus tivesse um nome próprio comum, ele seria apenas distinguido de outras divindades. Sendo o único e verdadeiro Deus, Seu nome é sagrado e indizível<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> SACKS, Sam. The rise of nameless narrator, 2015. Nova York: The New Yorker. <Disponível em <http://www.newyorker.com/books/page-turner/the-rise-of-the-nameless-narrator>>

<sup>14</sup> Idem.

<sup>15</sup> COETZEE, J.M. A infância de Jesus. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 304 p.

<sup>16</sup> , Sam. The rise of nameless narrator.

Esta desconfiança emerge de maneira diversa ao longo dos livros de Bernardo Carvalho<sup>17</sup> (CARVALHO, Bernardo, 2017), junto com João Gilberto Noll e André Sant’Anna, um dos autores brasileiros mais preocupados com o significado dos nomes na literatura. Em *Simpatia pelo demônio*, seu último romance, o trio de protagonistas é identificado apenas por Rato, Palhaço e Chiuaua. A opção de nomeá-los por apelidos, que eles mesmos aplicam uns aos outros, reproduz tensões e ressentimentos entre eles.

Em outro romance de Carvalho, *As iniciais*, personagens são identificados apenas pela primeira letra como um deles troca de nome ao longo da narrativa. Toda a tensão do romance está nessa confusão de identidades e na dificuldade do reconhecimento. “Essa dificuldade com os nomes vem de longa data e não é uma questão simplesmente formal ou técnica; tem a ver com uma preocupação obsessiva que já precedia os meus livros e que me parece estar presente em todos eles”<sup>18</sup>.

É de apontar também o curioso caso de Ricardo Lísias em *A vista particular*. O artista plástico José de Araribóia muda de nome duas vezes ao longo da narrativa. Conforme muda de estilo, passa a ser tratado como Arariba. Depois, Arara. *A vista particular* é uma paródia sobre o mercado da arte, a exclusão social e a estetização da violência. Como nota uma crítica<sup>19</sup>, enquanto o personagem se aliena, esta redução de seu nome é praticamente o único sinal de estar consciente de sua transformação.

Já no caso de André Sant’Anna, a ironia permeia os personagens de “*Sexo*”. Denominações como O Executivo De Óculos Rayban ou Executivo De Gravata Vinho Com Listras Diagonais Alaranjadas, a Secretária Loura, Bronzeada Pelo Sol, a Vendedora De Roupas Jovens Da Boutique De Roupas Jovens... São todos rótulos apoiados no que já foi chamado de “linguagem-preconceito” ou a supressão “de todo o

---

<sup>17</sup> CARVALHO, Bernardo. Depoimento [7 de julho de 2017]. Entrevista concedida a Alexandre Rodrigues.

<sup>18</sup> Idem

<sup>19</sup> HOLDEFER, Camila Von. Estética nos olhos dos outros é frescor. Novo Hamburgo: Blog pessoal <Disponível em <http://www.camilavonholdefefer.com.br/razao-estetica-no-olho-dos-outros-e-refresco>>

esmero artístico” com o objetivo de alcançar “a expressão mais direta das vozes da sua época” com clichês urbanos em estado bruto”<sup>20</sup>.

O Japonês Da IBM gostou do currículo de um jovem executivo que havia feito pós-graduação em economia na universidade de Munique. O Japonês Da IBM apertou a tecla de seu lap-top onde estava o sinal gráfico que significava asterisco. O asterisco ao lado do nome do Jovem Executivo Que Havia Feito Pós-Graduação Em Economia Na Universidade de Munique significava que o Jovem Executivo Que Havia Feito Pós-Graduação Em Economia Na Universidade De Munique seria o assessor direto do Japonês Da IBM, e teria um futuro brilhante pela frente<sup>21</sup>.

Ainda que os objetivos sejam distantes, o efeito é algo um tanto próximo do que o romance ligado a este trabalho dissertativo procurou fazer com relação a um personagem, Ruiva Relevante. Tanto na escolha de que se trata da única personagem escrita com maiúsculas como no “Relevante”, existe aí o meso recurso à “linguagem-preconceito”, referindo-se ironicamente ao fetichismo com relação às pessoas de cabelo ruivo na cultura ocidental recente.

### **2.3. O aporte teórico de *Maldito Frio***

A produção deste romance nasce de uma reflexão sobre as especificidades necessárias à produção de um romance cujos personagens não possuem nomes. De um ponto de vista puramente acadêmico, minha investigação se inicia a partir dos exercícios iniciais para a criação da produção literária que abre trabalho dissertativo para conclusão no Mestrado em Escrita Criativa pela PUCRS e se expande desde uma entrevista com o escritor Daniel Galera, realizada em maio de 2016. Em busca de

---

<sup>20</sup> FIGUEIREDO, Rubens. Sexo e clichê. São Paulo: Folha de S. Paulo, Jornal de Resenhas, 12 de fevereiro de 2000, p. 4

<sup>21</sup> SANT’ANNA, Andre. Sexo. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001, p. 96.

elementos para um ensaio de final de semestre numa disciplina, buscava pistas sobre o narrador de *Barba Ensopada de Sangue* nunca ter o nome revelado.

O autor ofereceu uma explicação instigante:

“Algumas análises bateram na tecla de que a falta de um nome é porque o personagem não sabe quem ele é. Não concordo com isso: ele sabe. O que quis foi dar ao leitor a oportunidade de sua própria percepção dele. Se ele tivesse um nome tipo Moacir, ocorreria das pessoas que conhecem um Moacir formarem uma imagem mental do personagem a partir do Moacir que conhecem”<sup>22</sup>.

A narração em terceira pessoa no romance se limita ao que ele vê, sente, pensa e experimenta, com poucas exceções (notas de rodapé, eventuais narradores-câmera se distanciando da ação, algumas digressões breves)<sup>23</sup>. Para Galera, nomes carregam uma carga anterior, pessoal, em relação àquela do autor quando constrói suas obras.

A maneira como é batizado um personagem, para além dos domínios da criação, oferece relações de memória, pessoais, históricas e culturais. Ler sobre alguém chamado Marcelo, na opinião de Galera, sugeriria dada sensação agradável ou desagradável simplesmente porque remete a um Marcelo já existente. Embora concorde com Galera, é totalmente impossível a aferição com cada leitor, mesmo assim o narrador de *Barba ensopada de sangue* é a reação de Galera a esta “invasão” do real na literatura. Seu anonimato é um jogo de conhecer: o leitor só sabe aquilo que lhe é contado.

*Maldito Frio* partiu desta premissa. A denominação dos personagens já era uma ideia presente em *Veja se você responde essa pergunta*, livro de contos que lancei em 2009. No conto-título, por exemplo, não há um só personagem identificado através de um nome. O protagonista, se podemos chamá-lo assim, é apenas “o maníaco psicótico”, uma descrição minuciosa de sua aparência e como se destacam uns dos outros, mas não como se homem com uma submetralhadora, que ao sacá-la da

---

<sup>22</sup> GALERA, Daniel. Depoimento [22 de junho de 1997]. Entrevista concedida a Alexandre Rodrigues.

<sup>23</sup> GALERA, Daniel. Zonas escuras, atos inexplicáveis – quatro perguntas a Daniel Galera: depoimento [7 de novembro de 2012]. São Paulo: Blog do Instituto Moreira Salles. <Disponível em <http://www.blogdoims.com.br/ims/zonas-escuras-atos-inexplicaveis-quatro-perguntas-a-daniel-galera>>

mochila, irá escolher um alvo. Ao longo da história, uma lista de pessoas reunidas numa cafeteria é apresentada sem a preocupação de dar ao leitor o conhecimento de como se chamam: uma criança entre quatro e cinco anos, o homem com físico de halterofilista, o casal, a mulher idosa no balcão.

Tampouco há nome capaz de identificar os narradores de *Aquarela do Brasil*, *Nikola Tesla*, *O Gato*, *Fetichismo Idílico*, além de outros contos do livro. Se nos dois primeiros o recurso surge em primeira pessoa, nos demais a utilização varia entre a terceira pessoa e um narrador que permanece próximo do personagem. Em todo o livro, sendo citados ou participando da história, apenas dez personagens possuem um nome.

Não se trata de mero estilo ou modismo. Ainda que houvesse uma dificuldade deste autor, confessada anteriormente, em batizar personagens, também ocorre que a ideia central de *Veja se você responde essa pergunta* é de que seres humanos muitas vezes comportam-se como máquinas, agindo de determinada maneira mesmo se o resultado é a autossabotagem mais extrema, seja provocar a gangrena e a perda da própria perna, a destruição de todos os relacionamentos amorosos ou a aplicação voluntária de choques elétricos. Retirar-lhes o nome justificou à época como uma tentativa de evidenciar a falta de autonomia sobre as próprias ações.

*Maldito Frio* é a história de um assassino de aluguel de 46 anos que chega a uma cidade não nomeada, no sul do país, no inverno de 2013. Mesmo para a região as baixas temperaturas registradas na semana de 21 a 26 de julho daquele ano foram incomuns: houve neve em três estados do país e por quatro dias o Rio Grande do Sul esteve entre as regiões do planeta com um frio considerado anormal – lembrando que naquele momento era verão no Hemisfério Norte, onde a queda de temperatura no inverno é muito mais intensa do que no Sul.

É este o cenário que está à espera do protagonista quando ele embarca em um ônibus na rodoviária do Rio de Janeiro em direção à outra cidade. Como anuncia a escolha do título, o clima evoca certo mau humor dele a respeito do que encontra, seja a paisagem urbana e seus habitantes, mas também o tédio e sobretudo o clima. Neste

contexto, ausência de nomes foi pensada como um elemento para pensar esta permanente estranheza.

Orson Scott Card<sup>24</sup> (CARD, Orson Scott, 1988) conta sobre um amigo, escritor, que, recusando nomes, passou a nomear personagens apenas como XXXXX ou YYYYY. Outro caso foi de um autor que aboliu as descrições e, instado por seu editor a descrever seus personagens, convidou-o a imaginar também ele, o editor, naquele momento o protagonista. Constataram, autor e editor, que tinham ideias completamente diferentes sobre o protagonista. Omitir um nome, a meu ver, leva esta abordagem numa nova direção.

Um nome, afirma o romancista inglês William Gass<sup>25</sup> (WOOD, James, 2011, p. 93), pode estar carregado de significados. James Wood (idem) faz uma pausa, ao tratar de nomes, para entrar numa curiosa discussão, ligada ao desenvolvimento das ideias deste romance. O crítico não concorda com Gass ao esnobar os critérios adotados por Henry James ao batizar Mr. Cashmore, da novela *A idade da razão*.

Gass, a respeito daquele nome específico, mas numa crítica geral a certos critérios para se batizar personagens, define Mr. Cashmore como: 1) um som, 2) um nome próprio, 3) um sistema complexo de ideias, 4) uma percepção ativa, 5) um instrumento de percepção verbal, 6) um tipo falso de referência, 7) uma fonte de energia verbal. “Ele não é um objeto de observação e sobre ele não se pode dizer corretamente nada do que se aplica às pessoas”<sup>26</sup>.

A acusação irrita Wood a ponto de acusar Gass de informar “pernesticamente” e com uma “frivolidade fátua” sobre as escolhas de James. A defesa do crítico se atém à ideia de que toda a ficção é um conjunto de palavras e que Mr. Cashmore, como qualquer personagem, é como o esqueleto de um prédio que, preenchido aos poucos, adquire vida. A questão dos nomes retorna mais tarde na mesma obra ao debater o

---

<sup>24</sup> CARD, Orson Scott. *Elements of Fiction Writing: Characters and Viewpoint*. Cincinnati: Writer's Digest Books, 1988. 186 p.

<sup>25</sup> WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2011. 222 p.

<sup>26</sup> Idem.

romance realista, refutando outra crítica, divertida, de Cyril Connolly<sup>27</sup> (WOOD, James, 2011, p. 183), que, em nome de se abandonar todos os clichês, defende que entre eles estão alguns nomes, que pretende abandonar. “Hugo, Peter, Sebastian, Adrian, Ivor, Julian, Pamela, Chloe, Enid, Inez, Miranda, Joanna, Jill, Felicity e Phyllis”, criados, segundo o ensaio citado, para refletir as aspirações dos leitores pequeno-burgueses, dev em ser abandonados em nome da renovação literária, defende Connolly. Recusá-los levaria inevitavelmente à exploração de outras classes sociais, dando voz a personagens geralmente excluídos da literatura. Mais uma vez a ideia de que nome é destino.

Longe de subscrever a ideia proibicionista de Connolly, acredito que ele reafirma em parte a premissa deste ensaio de que alguns nomes, principalmente os mais populares, possuem uma carga particular. Connolly acrescenta uma nova interpretação, de que também nomes de personagens – vamos pensar em um Raskolnikov da Silva – possuem uma carga, capaz de interferir outros personagens e estariam entre as causas de um desgaste na convenção realista.

Que diferença de fato faria se o capo da máfia fosse Silvio e não Vito Corleone ou que se seu filho sobrevivente se chamasse Santino no filme *O poderoso chefão*? O fato de que chamam como se chamam tem mesmo algum impacto sobre a maneira como os aceitamos? E se não tivessem nome algum?

Este texto se confessa desde já incapaz de uma resposta. A ideia jamais foi chegar a alguma teoria ou proposta de substituição de uma convenção por outra. Trata-se de obter uma pluralidade narrativa.

#### **2.4. Escrevendo *Maldito Frio***

Antes de escrever o romance, me encontrava em um impasse. À escrita do primeiro livro, em 2009, não se seguiu logo um segundo. Não me considerava um diletante, vinha de dez anos de desenvolvimento mais ou menos contínuo, tendo tido a

---

<sup>27</sup> Ibid.

sorte de começar a escrever em um momento, no final dos anos 90, de efervescência literária em Porto Alegre. Tinha ainda como ponto de partida a ideia de uma prosa plana, cujo motor é a tensão quase histórica da narrativa, desenvolvida nas fases finais do livro anterior. No entanto, tinha a percepção de que atingira um limite criativo.

Podia produzir outro livro de contos parecido com o primeiro, mas não era algo que me interessava. Ao mesmo tempo, não escrever me incomodava. Mas não fui capaz, apesar das tentativas, de encontrar uma forma satisfatória para o pouco que criava. O resultado foram três anos de absoluto vazio, além de uma longa fileira de contos abandonados inconclusos.

Aos poucos, no entanto, fui juntando elementos. Em 2013, por ocasião das jornadas de junho, me juntei a algumas passeatas, coletando sem muitos objetivos, informações e fotos. No mês seguinte, quando as temperaturas caíram de maneira radical, naqueles dias, em vez de me refugiar no calor de casa, passei as tardes vagando por alguns pontos da cidade, coletando cenários e a forma como as pessoas reagiam ao frio.

Ao ingressar no Mestrado em Escrita Criativa, em 2016, havia trabalhado por algum tempo em um romance, passado em 1986, sobre um rapaz de classe média que, obrigado a cumprir o serviço militar no Rio de Janeiro, acaba se transformando em um assassino. Mas ao participar da seleção, diante do estímulo para iniciar uma história do zero, queria primeiro fazer um livro passado em Porto Alegre, a cidade onde moro desde 7 de dezembro de 1997.

Nasci e vivi no Rio de Janeiro até os 30 anos. Tendo me mudado por razões pessoais para a capital do Rio Grande do Sul no final de 1997, a relação com a nova cidade sempre foi de imenso afeto, me levando inclusive a optar seguidas vezes por continuar em Porto Alegre mesmo diante de oportunidades profissionais melhores. Mas, carioca, acostumado às altas temperaturas do inverno do Rio, tive de aprender a conviver com o clima em um estado onde as quatro estações, ainda que isso tenha sido um pouco bagunçado pelo aquecimento global, de verdade no ano. E a pior adaptação foi ao inverno.

Tive crises de rinite. Logo nos primeiros meses carregava um chapéu para proteger a cabeça. A quantidade de sobretudos e casacos sempre parecia insuficiente. E passei a sofrer também de tendinite. De fato, apenas no terceiro inverno passado aqui, numa madrugada onde fazia 2 graus, tive a impressão de que havia me adaptado.

Esta experiência me levou primeiro à estética do frio, conceito surgido em um discurso de Vitor Ramil proferido na Suíça e que, resumido de forma muito básica, oferece a ideia de que o frio é elemento definidor da estética sulista.

Tinha uma ideia de um homem, um matador de aluguel, contratado para um serviço em Porto Alegre, mas que, sentindo o pior frio de sua vida, não consegue executá-lo. A estética do frio surgiu como referência óbvia ao que me propunha, ainda que som os sinais trocados: era um homem do sudeste, do calor, que, vindo ao sul, teria de enfrentar as baixas temperaturas. Brincava com a ideia de uma “estética do quente”, promovendo uma estética do frio ao contrário.

Esta estranheza continua um elemento presente em “Maldito Frio”, seja pelo título do romance ou o *ethos* do protagonista. Porém, iniciado o projeto literário, a atenção logo se voltou para a questão dos nomes. Acabei me afastando da estética do frio e outras referências teóricas, empolgado com esta investigação específica sobre o processo criativo.

Chegado o final do projeto, algumas considerações.

1. O protagonista aparece em todas as cenas do livro. É chamado apenas de “ele”. Para evitar a repetição, foi preciso repensar de maneira constante como relacioná-lo a narrativa. Ficou claro logo no começo que a decisão de não usar nomes estava alterando a narrativa. Nos diálogos, não tinha como usar formas simples, como seria dizer, por exemplo: “O que acha, Marcelo?”.

Busquei em resposta que os diálogos fossem mais dinâmicos. Talvez tenha sido a decisão que levou o livro a enveredar mais do que queria pelo humor. Os diálogos do romance são rápidos, mesmo em trechos onde mais frequentes.

Um exemplo de como dar conta desse impedimento.

“Pior foi depois. Ela não parou de rir”, tenta explicar.

“Quem?”

“A garota. Acho que nem percebeu”.

“É esquisita essa tua mania”.

“Qual?”

“Chamar as pessoas de garota”.

De verdade, não importa. Nada importa. Agora que Ruiva Relevante e o jornalista também estão do lado de fora, se dirige a todos de uma vez:

“Mas que porra foi que aconteceu?”.

“Tu não te lembra mesmo?”, a garota pergunta.

“Não”.

Começa a contar.

Esse esforço de tratamento foi exercício que considero positivo.

2. Mais complexo foi introduzir a maneira como o narrador deveria pensar. Tinha de início a intenção de uma história escrita à la Hemingway, ocupada em revelar poucos elementos e deixar sempre que possível as intenções dos personagens em segundo plano em nome da ação. Isso logo não se mostrou prático.

Quando a escrita chegava ao fim do livro vieram os melhores resultados. Retomar este romance nos próximos meses permitirá, espero, desenvolver melhor o intercâmbio “protagonista” x narrador”. Por ora, acredito que isso virá a dar mais densidade narrativa.

Nas palavras deles, o passado foi um pesadelo pavoroso em que as pessoas andavam o tempo todo com diarreia e passavam calor. Pensa nisso e na maneira idílica

como qualquer coisa de outro tempo parece bem melhor. Ok, você vai ouvir música clássica apresentada pelos criadores, mas terá que usar um urinol<sup>28</sup>.

A incorporação do humor ao livro é uma das mudanças de rumo que credito às escolhas a partir do anonimato do narrador. Mas outra, mais ampla ainda, diz respeito ao esforço incorporar à narração os pensamentos do assassino. Esse narrador-câmera que predomina em grande parte do tempo muitas vezes não é confiável, cedendo espaço ao diálogo interior. Queria que pudesse descrever a ação, mas também as percepções deste personagem. Foi algo especialmente difícil no começo e só da metade do livro em diante me vi mais relaxado.

Mais complicado ainda é este desenvolvimento no capítulo 6, um monólogo interior em quase todo o tempo. Foi o último capítulo escrito. Todavia, foi quando funcionou melhor o que queria fazer como no exemplo:

É lógico que podia argumentar em favor das refeições gratuitas, que eram servidas nos aviões antes de alguém ter a maldita ideia de cobrar por elas. Você se sentava na poltrona e logo começava a receber comidas e bebida e jornais para se distrair durante o voo e, sem contar que as poltronas também eram maiores, era assim que as companhias aéreas gostavam de tratar seus passageiros. “Um rei, mas ninguém nunca está satisfeito”, era o que poderia dizer à aeromoça antes de lamentar que também naquela época as pessoas estavam acostumadas a reclamar da qualidade da comida, do desconforto, dos atrasos, tudo como hoje. Poderia, lógico, também maldizer, além da ganância, a incompetência da empresa turca causadora do problema. Ainda assim que culpa tem a pobre da aeromoça a dez mil metros do chão? Resolve mudar de assunto:

“Ok, o que posso comprar então para comer?”.

---

<sup>28</sup> P. 40.

Tinha a expectativa inicial de adotar uma narrativa mais distante. Nas primeiras versões dos capítulos, contudo, logo ficou claro essa outra forma, mais tensa, era mais apropriada. A versão entregue à Banca ainda deverá ser retrabalhada no futuro de modo a levar esta ideia adiante.

3. No caso da garota, de Ruiva Relevante e no chileno, os problemas foram menores. Os três surgiram com personalidades bem definidas, que influenciam cada intervenção. O chileno, por exemplo, marca suas aparições como um contraponto irônico ao narrador. No caso da garota, a escolha é compatível com a relação que se estabelece entre ela o narrador. A garota não apenas é jovem, cronologicamente falando, mas seu mundo está em constante conflito com o do narrador, com mais do que o dobro de sua idade. Chamá-la de garota também diz respeito às constantes diferenças de pontos de vista entre ambos.

4. Surgiu uma dificuldade mais para o final: como iria tratar o dono da casa noturna? Ele aparece no quinto capítulo, quando o protagonista acorda em seu escritório sem saber onde se encontra, Tendo entrado por último, foi um personagem introduzido a partir da ideia de que ele iria dormir no hotel e acordar, sem se dar conta, numa casa noturna. Primeiro se chamaria o dono da casa noturna, mas isso logo tiraria a tensão pela qual nosso assassino viria a passar ao tentar ir embora.

Acabei optando por uma solução: chamá-lo simplesmente de “sujeito” ou “homem”, já que seria uma aparição rápida, não sendo necessário fixar sua presença para o leitor visando um desenvolvimento posterior, que é o que ocorre.

“Confere um ponto dolorido pouco acima da nuca. O sujeito continua a dizer:”

“Melhor perguntar a ela”, o homem aponta para a garota, que só agora ele vê parada bem ao lado dele.

Mesmo assim, quando ocorre uma reaparição, ele e a garota voltam ao escritório, tive a impressão de que chamá-lo de “sujeito” não funcionaria. Acaba relacionado, agora sim, ao fato de que é dono da casa noturna.

### **Conclusão.**

Evitar que o romance se transformasse em um experimento fetichista-literário foi a preocupação inicial neste projeto. Ainda que a questão dos nomes importe, um romance precisa mesmo é ser bom. No entanto, este também é um projeto acadêmico e combinar um estudo com a produção literária está de acordo com as intenções do autor de discutir e desenvolver as teses aqui introduzidas em sua carreira acadêmica.

Dentro daquilo que foi proposto para *Maldito Frio*, eliminar o uso de um nome numa narrativa em terceira pessoa cobra cuidados que uma em primeira pessoa pode dispensar. Não são raros protagonistas sem nome usados com naturalidade em primeira pessoa. O uso da terceira pessoa, no entanto, exige um esforço maior de compatibilizar pensamentos e percepções com a narrativa.

O anonimato do narrador (ou do protagonista, lembrando a tensão apontada por James Wood), a meu ver, impõe dificuldades de estilo, exigindo da prosa muitas vezes circunavegar as imposições. Ao mesmo tempo, em referência à proposta original, a ausência de nomes no romance não muda sua dinâmica. Como autor, acostumei-me a chamar o chileno ou a garota como se nomes tivessem.

## BIBLIO GRAFI

BECKETT, Samuel. O inominável. São Paulo: Biblioteca Azul (Globo), 206. 208 p.

CARD, Orson Scott. Elements of Fiction Writing: Characters and Viewpoint. Cincinatti: Writer's Digest Books, 1988. 186 p.

CARVALHO, Bernardo. Simpatia pelo demônio. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 240 p.

CARVALHO, Bernardo. Depoimento [7 de julho de 2017]. Entrevista concedida a Alexandre Rodrigues.

COETZEE, J.M. A infância de Jesus. São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 304 p.

CULLETON, Claire A. Names and naming in Joyce. Madison: University of Wisconsin Press, 1993. 160 p.

FRAIA, Emílio. "Literatura enjoa". Blog da Companhia das Letras. São Paulo: 22/5/2014.< Disponível em <http://historico.blogdacompanhia.com.br/2014/05/literatura-enjoa/>>

GALERA, Daniel. *Barba ensopada de sangue*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 350 p.

GALERA, Daniel. Zonas escuras, atos inexplicáveis – quatro perguntas a Daniel Galera. São Paulo: Blog do Instituto Moreira Salles. <Disponível em <https://blogdoims.com.br/zonas-escuras-atos-inexplicaveis-quatro-perguntas-a-daniel-galera/>>

GALERA, Daniel. Depoimento [22 de maio de 2016]. Entrevista concedida a Alexandre Rodrigues.

HOLDEFER, Camila Von. HOLDEFER, Estética nos olhos dos outros é refresco. Novo Hamburgo: Blog pessoal <Disponível em <http://www.camilavonholdefer.com.br/razao-estetica-no-olho-dos-outros-e-refresco>>

JOYCE, James. As irmãs. In: Dublinenses. São Paulo: Editora Record, 2000. 198 p.

JOYCE, James. Ulysses. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. 1.112 p.

KAFKA, Franz. Descrição de uma luta. Editora Nova Fronteira, 1985. 180 p.

KAFKA, Franz. O artista da fome e Na colônia penal. In: Metamorfose, O artista da fome, Na colônia penal. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. 120 p.

LÍSIAS, Ricardo. A vista particular; São Paulo: Alfaguara, 2016. 128 p.

RAMIL, Victor. A estética do frio. Conferência de Genebra. Pelotas: Satolep, 2004. 56 p.

ROBERTSON, James. A Companion to the Works of Franz Kafka (Studies in German Literature Linguistics and Culture). Editado pelo autor, 2006, 378 páginas.

RODRIGUES, Alexandre. Veja se você responde essa pergunta. Porto Alegre: Não Editora, 2009. 114 p.

SACKS, Sam. The rise of nameless narrator, 2015. Nova York: The New Yorker. <Disponível em <http://www.newyorker.com/books/page-turner/the-rise-of-the-nameless-narrator>>

SANTOS, Claudete Daflon dos. Ser escritor. In: Alguma prosa: ensaios sobre literatura brasileira contemporânea. Rio de Janeiro: 7letras, 2007. 220 p.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 312 p.

SARAMAGO, José. Saramago explica ausência de nomes em Todos os nomes: depoimento [17 de outubro de 1997] São Paulo: Folha de S. Paulo, caderno Ilustrada, capa. Entrevista concedida a José Geraldo Couto.

WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, São Paulo, 2011. 224 p.

WOOD, James. Human, all too human, 2000. Nova York: The New Republic. <Disponível em <https://newrepublic.com/article/61361/human-inhuman>> <sup>1</sup>



### **3. DIÁRIO DA PRODUÇÃO**

As presentes anotações foram iniciadas em forma de diário em março de 2016 a partir de uma sugestão do professor Luiz Antônio Assis Brasil na disciplina Oficina de Criação Literária I. Tentando manter uma organização para um eventual uso posterior, não tinha muita ideia de que formato adotar, nem como apresentaria o relato final, de modo que muitas anotações não estão necessariamente relacionadas. Minha primeira ideia foi dar um tom ensaístico ao diário, porém, sendo a primeira parte deste trabalho dissertativo um ensaio ligado ao aporte teórico, a ideia de um segundo ensaio não fazia muito sentido. Resolvi, assim, registrar o processo de construção de *Maldito Frio* de maneira mais aberta.

Foi necessário lidar com o desconforto de incluir anotações pessoais que outra pessoa viria a ler. Também me vi em conflito com o formato padrão dos trabalhos acadêmicos. Quanto à barreira do formato, o texto acadêmico foi por mim seguido sempre que exigido ao longo de minha permanência na PUCRS. Todavia, o que me atrai na área de Escrita Criativa é poder explorar formatos.

A edição do texto serviu para organizar pensamentos, fazer correções e evitar a prolixidade, não tendo sido, contudo, modificados os eventos que fazem parte deste relato ou acrescentado novos. Coloca-se a este respeito um aspecto interessante: diários, numa concepção recente, não são mais vistos, tal qual durante muito tempo, como mera manifestação da personalidade do autor, mas um gênero complexo, “no qual sucessivas convenções de percepção e expressão impactam o que é privado e informal na escrita” (FOTHERGILL, p.2<sup>29</sup>).

Uma última preocupação envolve a presença do autor. Ao longo do Mestrado, todavia, na maioria das bancas de defesa que assisti havia a mesma observação, de que, tratando-se de um trabalho de Escrita Criativa, a banca sentiu falta de que o aluno

---

<sup>29</sup> FOTHERGILL, Robert. *Private Chronicles: A Study of English Diaries*, p; .

discutisse suas motivações e aspirações quanto ao texto literário produzido. Também em nome deste imperativo, optei por esta apresentação.

### **15/3/16**

Ideia inicial: Xxxxxxxx, ex-soldado do Exército, ex-funcionário de banco, que virou matador por uma contingência, mais de vinte anos depois está em Porto Alegre para matar alguém. Ele chega de ônibus, pois tem medo de avião. A viagem o faz recordar de trabalhos no Paraná e em São Paulo e não fosse Santa Catarina para acalmá-lo, estaria mais nervoso do que agora quando vê a Arena, o primeiro marco de que finalmente, depois de vinte e quatro horas, chegou a Porto Alegre (muito disso não é dito, mas preciso fazer o estado de espírito dele na abertura refletir isso).

É a semana de julho de 2013 em que Porto Alegre foi a cidade mais fria do mundo. A novela se passa nesses dias. Logo no primeiro dia ocorre um protesto (correlacionar) e ele não sabe ainda quem deve matar. Mônica o recebe na rodoviária. É jovem, ele acaba de completar 46. Ela é solteira, com uma idade para ainda estar na faculdade. Ele tem uma mulher e filho. Mora no Engenho de Dentro, uma casa bastante confortável ainda que o padrão fique dentro, mais ou menos, da vida de subúrbio.

### **26/3/16**

Primeira tentativa de esboçar o personagem. Na aula de hoje, fomos orientados a definir um passado para o protagonista, o que me faz pensar: “Quem é ele?” Naquele mesmo momento, em um caderno azul da PUC, comecei a traçar algumas ideias.

1 - Tem 46 anos em 2013.

2 - Foi abandonado pelos pais.

3 - Aos 21, por razões alheias à sua vontade, foi obrigado a matar o sargento do quartel onde servia, nunca tendo sido, no entanto, punido pelo crime. A razão foi responsabilizar esse sargento pela morte de um de seus melhores amigos, Zero Meia,

um soldado de compleição e personalidade frágeis levado a cometer suicídio devido a ser perseguido pelo superior.

4 - O momento catalisador de quem virá a ser, todavia, ocorre aos 42, no cabo Horn, quando descobre que seu amigo não foi morto, mas simulou a própria morte para desertar do Exército. Por uma questão de equilibrar o cosmos, esse amigo foi sua segunda vítima. É assim que virou matador profissional.

5 – Mora em SP, mas viveu no Rio (esta surgiu na hora. Achei interessante).

5 – No final, que ele não tem nome, se chama Xxxxxxxx ou Sem Nome. Isso aguçou a reação de um colega, Felipe, que, na saída, disse:

–Alexandre tem nove xis. O personagem é você.

Não incentivei.

### **27/3/16**

Conversa sobre *O Frio* com Charles (colega). Aula na PUC.

Falo da melancolia de fazer o que já foi feito, lembrando a ele todas as histórias de matadores que já li.

– Ao mesmo tempo – ele diz – escrever só faz sentido porque essa é a tua história, no sentido de a história que só você podia contar.

Um pouco mais sobre ele: quem é? Como virou matador?

Deve ser por sua própria ação. Matou um traficante por causa de uma disputa. Ia expulsar ele de casa (nota em 2018: não me dei conta na época, mas é o começo de *Matador*, da Patrícia Mello). Mas é um cara perigoso?

### **30/3/16**

O que está definido:

1 - É um livro sobre Porto Alegre e deve o fazer andar na cidade.

2 - É um livro sobre o frio.

3 - Meu interesse é pela estética do frio, mas ao inverso. Se o calor em junho provoca estranheza no homem do frio, o frio proporciona percepção inversa em quem

antes sentia calor e agora sente frio. Ele não apenas é um homem de fora, ouvindo a todo momento “você não é daqui, não?”, também é o único que sente frio.

4 - Narrador pouco presente, protagonista não nomeado.

### **31/3/16**

Minha própria experiência com matadores: durante sete anos e pouco, entre março de 1988 e maio de 1995, trabalhei como repórter em um jornal de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, na cobertura de crimes. Meu trabalho era percorrer 11 delegacias e coletar as informações, quase sempre de assassinatos, muitas vezes indo no local dos crimes. Numas destas matérias, havia sido preso o chefe de um grupo de extermínio, chamado Jorginho da Farmácia, que, segundo a polícia, incinerava suas vítimas em um forno de padaria. Fui até lá aos vinte e um anos, sentado ao lado dele ao fazer a entrevista. Era confiante e burro o bastante para ser arrogante com um matador, que fez depois saber que caso fosse libertado, eu teria problemas.

Não tive. Mas, quisesse ou não, meu trabalho em geral era entrelaçado ao produto do trabalho desses criminosos, que eu, por uma questão moral, desprezava. Muitas vezes voltei a conviver com matadores e observar seu impacto nos lugares onde atuam. São uma espécie de xerife. A título de observação, não era muito diferente do papel que alguns políticos ligados à área de segurança exercem, mas isso não vem ao caso.

Alguns assassinos da ficção nunca dão conta do pior da morte. Não é da visão em si, mas de alguns elementos, principalmente o cheiro. Cheiro de sangue coagulado é um dos piores que existe. Alguns autores, suspeito, acreditam que tudo se resume a pesquisa, deixando escapar umas facetas valiosas da morte em si.

Assassinatos só são limpos na ficção. A vida é bem menos organizada.

### **5/4/16**

Ainda as descobertas sobre este protagonista. Seu primeiro crime ocorre depois que se junta a alguns amigos para vingar um amigo, que morreu vítima do bullying no

Exército. Mas quando mata pela segunda vez existe uma relação causa-efeito. Ele matou não Zero Meia (o soldado supostamente morto em consequência do bullying) por vingança, ao descobrir que estava vivo, mas porque estar realmente morto restabelece um certo equilíbrio.

**1/4/16**

Ontem, antes de ir ao protesto contra o impeachment, perdi meu celular. Tenho 99% de certeza de que foi no Zaffari, na hora de pagar as compras. Pode ser um aborrecimento, mas também, mas também pode ser para o bem. Decidi a este respeito não comprar outro pelo menos nos próximos meses. Uma distração a menos.

O protesto foi o segundo de que participei em uns 14 anos. Desde 2002, seguramente. O outro foi em junho de 2013. Me senti, como naquela vez, numa situação que não é mais minha, caminhando em silêncio com uma sensação de derrota enquanto as pessoas se exaltam. Mas tivesse a mesma idade deles não me sentiria igual? Certamente.

O problema é a sensação de déjà vu para quem estava no último comício do Lula em 89, que marchou pelo impeachment de Collor. Olhar o que era e o que se tornou é um tanto melancólico. O retorno é a um ponto quase no início, com tudo a fazer de novo.

Seria legal o assassino refletir a respeito. Ele tem 46 anos. Nos anos 80, na Nova República, tinha 18. Seria a melancolia geracional? Difícil acreditar olhando como amigos com a mesma idade do que eu parecem rejuvenescer.

No da manifestação, quando ocorria a dispersão, um cara com uma barra de ferro começou a quebrar os vidros dos caras. Eu e mais dois o desarmamos. Parecia alguém infiltrado. Depois, acabamos, Simone e eu, presos na batalha entre black blocs e os cavaleiros da polícia. Não chegamos a estar ameaçados, mas é assustador o ruído dos cascos quando avançam, assim como a velocidade dos cavalos. Uma mulher ficou de braços abertos no meio de uma coluna deles, quase desaparecendo a cada cavalo

que passava. Ela ficou no fim parada sozinha na mesma pose enquanto as bombas começavam a cair nas outras ruas.

Acabamos encontrando amigas e dividindo duas cervejas antes do ônibus para casa. Tentei trabalhar essa ideia na madrugada mesmo, porém sem resultado. Ao mesmo tempo surgiu a Necessidade de lidar com o sentimento.

**7/4//16**

Fui hoje fui ao centro como parte da preparação para uma apresentação do romance. O objetivo foi encontrar um cenário. Tinha em mente um lugar onde há cinco ou seis anos, caminhando pela Coronel Vicente, avistei uma cena inusitada. Da janela de um hotel (Anexo 1), com uma corda, um homem lutava para manter um letreiro no lugar, impedindo que desabasse. Contava para isso com a ajuda de um segundo homem que, posicionado na parte de baixo, com outro pedaço de corda, maior, fazia força na direção contrária. Tinha um equilíbrio frágil de forças. Lembro que mesmo depois de tanto tempo, continuei parado, observando a luta deles. Voltando ao mesmo lugar hoje, o letreiro não existe mais.

Não me dei conta naquela vez, em 2012, mas se trata da mesma rua onde fiz minha primeira refeição em Porto Alegre, em um restaurante a quilo que tinha quase na esquina, uma portinha aberta e mal iluminada. Já não existe. Lembro bastante daquele dia. Da sensação de um frio animal e eu com um pulôver e uma camiseta. O entorno continua igual, bem parecido com as regiões degradadas de qualquer centro de uma capital no Brasil que conheço.

Sem deixar passar a coincidência, entrei pela porta, situada um pouco acima do nível da rua. Primeiro encontrei uma escada de madeira, que comecei a subir. Mas na metade tive de parar ao me deparar com uma grade de ferro toda branca. No alto, vi aparecer uma cabeça loura, com um corte de cabelo parecido com o do cantor português Roberto Leal, que fazia sucesso quando eu era pequeno.

Não falou direito comigo quando subi. Depois de saber o preço da diária – R\$ 60 –, pedi para ver um quarto, dando a desculpa que um amigo estava vindo para Porto Alegre e queria um lugar perto da rodoviária. Ela apontou para uma porta aberta a uns cinco metros do balcão.

Do lado de dentro, era ok, com uma cama com uma colcha verde, camisinhas e um mini sabonete em cima da cama e, o que mais me chamou atenção, um pente dentro de um saco plástico. O único espelho no ficava à altura do rosto, com a pessoa de pé, mas da cama. Ao me deitar, notei estar posicionado para ver o reflexo da sola dos meus pés. A única utilidade que posso pensar é que tem a ver com sexo oral.

A atendente apareceu depois quando eu estava ali.

– Vai ficar?

Prometi passar o orçamento a ele e logo saí dali. Mas antes de ir embora, fotografei a fachada para ilustrar a apresentação do projeto de romance. Ainda preciso decidir, mas parece ideal.

(noite)

**12/4/16**

Ideias:

– Ao vir para Porto Alegre, ele deixou uma mulher grávida no Rio.

– Toda dúvida é sobre ser ou não adequado. Uma relação com o pai ainda a resolver.

– Mora no centro de SP, onde aguarda os contatos do advogado com os trabalhos que vai realizar.

**24/4/16**

Assistimos à votação na Praça da Matriz, com um telão transmitindo os votos sobre o afastamento. Um espetáculo deprimente sob todos os aspectos. Com duas amigas de Simone, cada declaração gerava uma reação de deboche, com comemoração

pelos votos insuficientes como se fosse adiantar. Tudo que queria era essa esperança sem vínculos com o passado. Zerar e recomeçar constantemente. Havia umas mil pessoas. Pedi para irmos embora antes do final. As pessoas se chatearam, mas foi aceito.

Depois do último comício do Lula em 1989, caminhamos, eu, uma amiga e um amigo, ela repórter, ele estagiário, como eu, até o Amarelinho, onde provei a eles minha teoria de que onde houver um louco, irá me procurar – aconteceu de um entrar no bar e, depois de muito vagar, se sentar ao meu lado.

Há um buraco entre as duas noites e hoje só reforça o quanto de certa forma o processo político me afeta. Que ao menos seja útil e o afete também. Um sentimento ao mesmo tempo: apatia.

**25/4/16**

Achei que a premissa da história – o que disse foi algo como “Então ele chega a Porto Alegre e passa cinco dias só sentindo frio” – desagradaria, mas acabou sendo elogiada. Os demais, quase todos, têm livros mais sérios. Uma maioria esmagadora de futuros autores e autores fazendo livros que se relacionam com a cidade, com a paternidade ou o amadurecimento. Já eu digo a eles que escrevo este romance porque sempre quis escrever sobre um banho de sangue.

2 – Assis, no entanto, se mostrou preocupado com a ideia de um personagem ser o mesmo de outra história. Ressaltou a necessidade de deixar bem claros estes fundamentos.

3 – Mas o melhor foi a expressão preocupada quando exibiu a foto do hotel, informando que a ideia é passar algumas noites ali de modo a sentir o “clima”.

**25/4/16**

O romance é sobre estranheza, de um estrangeiro ao chegar a um lugar. O frio acaba sendo o catalisador de que tudo mais é mais ou menos estranho para ele. Ramil, eu acabo de ler seu ensaio, situa o frio como um elemento estético da cultura local. O

clima seria o elemento que separa gaúchos dos demais brasileiros, com os primeiros, como uruguaios e argentinos, obrigados a viver as quatro estações do ano enquanto o resto do país, com um carnaval em junho, desfrutam do verão eterno. Vendo as duas imagens, ele faz uma reflexão que me interessara:

Eu me senti isolado, distante. Não do Rio Grande do Sul, que estava mesmo muito longe dali, mas distante de Copacabana, do Rio de Janeiro, do centro do país. Pela primeira vez eu me sentia um estranho, um estrangeiro em meu próprio território nacional; diferente, separado do Brasil. Eu era a comprovação de algo do qual não me julgara, até então, um exemplo: o sentimento de não ser ou não querer ser brasileiro tantas vezes manifesto pelos rio-grandenses, seja em situações triviais do cotidiano, seja na organização de movimentos separatistas<sup>30</sup>.

Um carnaval acontecer e ser noticiado com tanta naturalidade em pleno junho me levou a pensar nas regiões do “calor” brasileiro, sua gente e seus costumes, e a conectá-las com o cotidiano do Rio de Janeiro. O espírito da festa podia não repercutir em mim, mas certamente repercutia na maior parte da minha vizinhança carioca e Brasil acima. Apesar de toda a diversidade, eu via no Brasil tropical (generalizo assim para me referir ao Brasil excetuando sua porção subtropical, a Região Sul) sua face mais visível. Sua arte, sua expressão popular trazia sempre como pano de fundo o apelo irresistível da rua, onde o múltiplo, o variado, a mistura que a rua evoca, ganhavam forma, sendo a música e o ritmo invariavelmente um convite à festa, à dança e à alegria de uma gente expansiva e agregadora.

Havia, de fato, uma estética que se adequava perfeitamente ao clichê do Brasil tropical. E se não se poderia afirmar que ela unificava os brasileiros, uma coisa era certa: nós, do extremo sul, éramos os que menos contribuíamos para que ela fosse o que era. O que correspondia tão bem à ideia corrente de brasilidade, falava de nós, mas dizia muito pouco, nunca o fundamental a nosso respeito.

---

<sup>30</sup> RAMIL, Vitor. A estética do frio, p. 10

Ficava claro porque nos sentíamos os mais diferentes em um país feito de diferenças<sup>31</sup>.

Ele a meu ver não chega a uma ideia definitiva, fixando-se numa proposta de interpretação da cultura nacional a partir da tradição de quem, por conta das baixas temperaturas, não vive a alegria tropical o ano todo. É só uma opinião, mas há algo introspectivo aqui mesmo.

Mas, quanto à história, se é verdade que para o morador de uma região fria as imagens de um carnaval fora de época geram as impressões que teria se estivesse olhando, por exemplo, uma cena qualquer na Itália ou Espanha, também é verdade que para o morador das regiões tropicais que visita o frio também existe um choque.

Se aplicados os mesmos parâmetros, o que vou fazer representaria a “estética do quente”, e o frio seria o que faria este personagem não se sentir parte do lugar.

## **25/4/16**

Visita a mais dois hotéis. Em um deles, na Julio de Castilhos, apesar da localização, em meio a inferninhos e o comércio decadente, as instalações eram novas e muito boas. O quarto tinha dentro uma tranca eletrônica, confortável. Havia mesmo uma sacada para o lado de dentro e, nela, avistei uma camareira fumando. Descartei o lugar. Apesar da localização, o anterior me parece mais adequado. Tem aquela escada de madeira, grade, a atendente e etc. Passar uma noite ali não vai ser brincadeira, mas também experiência interessante.

Fui depois a um segundo hotel, sugerido por colegas, no alto da José do Patrocínio. As instalações eram mais modestas, havia uma sacada – o que não tem nesse primeiro – e parecia bem menos perigoso para passar uma noite. Dá mesmo para imaginá-lo ali, olhando a rua. Mas a localização muda o eixo da história e, com uma

---

<sup>31</sup> Ibid, p. 13.

ladeira tão íngreme, me obrigaria a fazê-lo viajar de carro mais do que deveria. Ou não?

Opto, mesmo assim, pelo hotel no centro.

**1/5/16**

Consegui trabalhar mais na história hoje.

As possibilidades da ausência de nomes, que me parecia transitória, agora se ampliam. Acabo de descobrir um texto da New Yorker que debate este recurso na ficção de hoje. A quantidade de exemplos, de Coetzee a Galera, é intrigante. Mas o tema, se interessa a alguém, quase não existe no Google exceto por uns poucos exemplos, não é muito analisado.

Uma ideia ao final do texto. E se ninguém tivesse nome algum?

**11/5/16**

Almoço hoje com o Galera. Fomos ao Santa Helena. No meio do almoço, disse que tinha perguntas a respeito do narrador do “Barba ensopada de sangue”. Nunca havia me dado conta deste detalhe do nome. Me disse algo interessante: sua busca era de uma impressão original a partir do fato de que não só não há um nome como uma descrição para este personagem em todo o livro.

Mais para o fim, o garçom que nos servia brigou por alguma razão com a dona do restaurante, disse estar indo embora e aparentemente se demitiu mesmo. No meio da confusão, já tínhamos terminado, saímos logo atrás dele, ninguém com pressa de caminhar. Fomos até o Baden e continuamos a conversa. Pedi para fazer anotações. Ele leu o texto da New Yorker, mas discorda das análises de que o personagem não tem nome por não saber quem é.

– Ele sabe quem é.

**24/5/16**

A cena inicial me veio no banho. Sem Nome (vou ter que achar um jeito de me referir a ele) em um ônibus, conversando com um passageiro qualquer a respeito do motivo de vir para Porto Alegre. Talvez use um cara que viajou comigo naquela primeira vinda. Era outro carioca que estava se mudando para a cidade. Viajamos lado a lado por um tempo e não entendi por que insistia em ficar ao meu lado, já que metade das poltronas estava vazia.

O curioso é que ele falou bastante sobre uma funcionária da mãe que estaria à espera, mas ele não tinha ideia de quem era. Só iria saber na hora do desembarque como ela era.

Reencontrei-o uma outra vez apenas. Na Feira do Livro, me tocou o ombro e conversamos um pouco. Falou sobre a existência de uma comunidade de cariocas em Porto Alegre, que costuma se juntar para festas e jogos de futebol. Antes de ir embora, deixou comigo um número – eu já morava aqui. Nunca liguei.

**12/5/16**

Conversa com meu orientador. Ele sugere um charuto, um hábito que eu mesmo tive em certa fase da vida, e também que nosso assassino visite as noites de quinta no Jockey Club, dia em que acontecem as corridas. Conheço o Jockey de ir apostar em cavalos anos atrás. É bom clima. O problema é que seria algo que o personagem faria voluntariamente ou seria levado por alguém, mas não parece se encaixar na premissa dele vagando sem controle do que vai acontecer ou onde está indo. Visito duas tabacarias, reaccessando um universo que ao mesmo tempo é o mesmo, mas diferente, com câmaras climatizadas para os charutos mais caros, algo inimaginável por 1995. Gostaria de oferecer algum hábito estranho mesmo.

Dois fatores pessoais depõem contra o charuto. O primeiro: torço pelo Vasco e Eurico Miranda fuma charuto. O segundo é um grupo de fumantes de charuto que frequenta a mesma padaria do que eu. Eu mesmo fumo charuto, mas esses, caras têm arruinado tudo.

**25/5/16**

Uma reflexão sobre este trabalho: uma das opções para a dissertação final, fui orientado dois meses atrás, é a apresentação de um diário. Em todas as anotações, por saber que vão ser lidas, me vejo corrigindo o estilo, mudando as palavras. O quanto isso pode ser considerado um relato sincero?

A este respeito, lembrei de um texto antigo, de Emílio Fraia, que resgatei.

O diário, antes algo que se mantinha, até segunda ordem, restrito à dimensão do privado, passa a ser concebido para publicação. Ou seja: enquanto Kafka relatava para si, e somente para si, suas noites de raios e trovões, Gombrowicz sabia que seu diário seria lido, escrevia justamente para isso. A espontaneidade passa a ser um efeito, fruto de operações e procedimentos<sup>32</sup>.

Diários, conclui Fraia, são gêneros literários artificiais, construídos minuciosamente pelo autor. Algo inevitável aqui, só tenho a lamentar. Mas não vejo outro. Só queria poder manter os palavrões.

**6/6/16** – Aula de hoje:

- O leitor deve entender o caráter do personagem.
- Todo romance deve ter uma transformação.
- Reiterar o caráter do personagem mais de uma vez.
- Sem transformação, não há romance.

**13/6/14**

A falta de trabalhos afetou minha produção nas últimas semanas. Freelas que antes surgiam com facilidade começaram a rarear. Isso me afeta, me vejo gastando

---

<sup>32</sup> FRAIA, Emílio. "Literatura enjoa". Blog da Companhia das Letras. São Paulo: 22/5/2014. Disponível em <<http://historico.blogdacompanhia.com.br/2014/05/literatura-enjoa/>>

mais tempo indo atrás de trabalhos do que realmente trabalhando e sendo, assim, volto a escrever reportagens, algo que acaba consumindo minha energia para pensar na história quanto mais escrever. Mas não tem jeito.

A política também não ajuda. Li que Flaubert só soube muito depois da “restauração”. Nesses anos, ficou em casa escrevendo Madame Bovary e sem falar com ninguém.

Um ideal: um lugar, simplicidade, preparar minhas refeições, pouca ou nenhuma comunicação com o mundo exterior.

Ao menos as leituras avançaram na questão da ausência de nomes. O trabalho final do semestre na oficina do romance é um ensaio de 15 páginas sobre como está sendo o processo criativo. Produzo algo em que tento relacionar o que foi criado até aqui com minha decisão de não usar nomes e a estética do frio. Esse último elemento me atrai cada vez menos enquanto o anonimato me dá mais ideias.

Descubro que Joyce tinha era cético com os nomes. Assim como Kafka e Dostoievski. Encontrei também entrevistas antigas em que Saramago fala especificamente de sua dúvida a este respeito.

Não há bem uma ideia formatada, mas apontamentos soltos. O ensaio permitirá amarrar tudo

**18/6/16**

Na entrevista de admissão do mestrado, menti. Disse aos dois professores da banca que só tinha um esboço de ideia, mas na semana em que se passa o livro, de 23 a 28 de julho de 2013, já tinha feito alguns apontamentos para um romance futuro. Foi, de fato, um frio anormal, o que me motivou a coletar algumas cenas.

Acabo de reler essas notas, que somam mais ou menos umas 30 páginas de caderno. São quase só descrições de pessoas e lugares naqueles dias. O curioso é que de quase tudo eu não lembrava mais. Não tinha ideia, por exemplo, do que anotei ao caminhar na Redenção, uma brincadeira com tangerinas e cascas de tangerina. Relendo as palavras, um momento muito plástico que não sei como não ficou na memória.

Lembrei pelo menos de estar sentado em um banco e olhar o sol, refletido no colégio militar.

Dá umas quinze páginas de anotações. Não é partir do zero e isso é bom.

**30/6/16**

A ideia de prosa ideal surgiu ainda agora, depois da entrega de material de construção. O entregador me garantiu que não podia trazer tudo até dentro do apartamento, depositando na porta e se recusando a continuar mesmo quando ofereci dinheiro. Fui obrigado a fazer eu mesmo o serviço, carregando mais de 100 quilos de azulejos e sacos de cimento. Ficou uma sujeira no elevador, no corredor, no apartamento, e tive de voltar e varrer tudo. Foi muito cansativo, mas ao final, pelo menos tive uma ideia de conto de parágrafos curtos, pontuados por frases verborragias e os personagens em movimento. Batizei de “A vida dos animais”.

É como acelerar “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, meu conto favorito do Rubem Fonseca, com alguma coisa de “A força humana”. Existe algo nesses dois contos que sempre me atraiu que é a sua constância. É como se pudessem tivessem sido escritos para ser lidos no mesmo tom de voz, monótona, não muito alta.

Se conseguir esse tipo de ritmo, é um começo. .

**31/7/16**

**Biografia da garota:** tem entre 19 e 21 anos (idade indeterminada) e é filha de algum trabalhador de baixa renda e profissão tranquila, como um ourives. O pai é do tipo que se aposentou cedo e passa o dia de chinelos enquanto a filha, típico da idade, gosta de explorar o mundo, o que é típico da juventude. É óbvio que usa o sexo, mas tem completo controle sobre si.

**Observações em novembro de 2017:**

Há a opção no decorrer da escrita de a origem ser comum, ela e ele saídos desses bairros onde nada acontece. Ainda é necessário aumentar a complexidade dessa

relação, mas é minha personagem favorita. Nabokov costumava negar a possibilidade de um personagem realmente ganhar vida própria, mas ela vai além das expectativas.

**Biografia de Ruiva Relevante:** é fotógrafa e tem os cabelos cacheados, sendo do tipo que chama atenção. Até agora é do tipo garota que alguns homens consideram intimidante, fumando e emitindo opiniões radicais. Filha de uma jornalista e um iluminador, teve de trocar de colégios a vida toda por não prestar atenção ou faltar às aulas. Agora uma jovem adulta, não se sente bem com as opções de vida, mas, ainda no final da faculdade, não é o caso de se desesperar.

**Observações em novembro de 2017:** a personagem não cresceu muito além de um momento íntimo em que se conhece onde vive e que vive sozinha. Sinto que não fui capaz ainda de dar vida a ela como erece, além de estar à margem da história. Mesmo o chileno consegue mais destaque. Algum conflito há de ser acrescentado a ela.

**Biografia do chileno:** Seria um mistério para todo mundo saber a origem do chileno não fosse ele mesmo contar que veio estudar na Ufrgs e acabou ficando. Embora seja mais velho, com mais de 30 anos, o comportamento é juvenil e irritante. Seu grande elemento é a história do atropelamento.

**Observações em novembro de 2017:**

Algumas tentativas de dar existência ao chileno além dos momentos que vão entrar no livro, mas foram partes que não funcionaram e acabei descartando. Ele de qualquer maneira dá um contraponto cômico ao personagem. Numa posterior reescrita, talvez seja possível algo mais. Este personagem me agrada.

**21/9/16**

Uma conversa com João Gilberto Noll no Delfos. Pergunto a ele por que seus personagens não têm nome.

Ele junta as mãos antes de me dizer.

– Todos são a mesma pessoa e se chamam João.

**6/10/16**

Aniversário da minha mãe, café da manhã com a agente, almoço com P.H. na Cobal. Vim ao Rio, enfim.

Ele considera difícil aplicar o ritmo que desenvolvo nos contos do primeiro livro agora.

– Vai ficar chato.

É uma opinião que respeito.

Já com M. a conversa foi agradável. Expliquei o livro do mestrado. Ela ainda não está feliz por ter decidido não terminar e não publicar *Baioneta*. Devo ser seu único contratado que desde 2012 não publicou nada. Mesmo assim jamais faz pressão. Tomamos café da manhã no Parque Lage, rindo mais do que o normal. Fui depois encontrar P.H..

Depois do almoço, perco um compromisso com a minha mãe. Dois anos e quatro meses atrás, o infarto parece que tirou todo o equilíbrio, nunca foi muito, que teve. Mas agora pelo menos não tem mais alucinações (era culpa do remédio). Sinto que nos distanciamos e a culpa não é de Porto Alegre.

Voltamos para casa. Tenho que ir tirar um novo título de eleitor. O funcionário do TRE me olha espantado quando digo que faltei a 15 eleições desde 1998. Insisto que meu título continue no Rio, pago as multas – R\$ 24 com o desconto. Digo a ele que pretendo continuar sem votar. Ele pergunta por que. Explico que o segundo turno de 1998 foi entre Cesar Maia e Garotinho:

– Não sou palhaço.

Chove. À noite, aparecem alguns amigos. Pretendia escrever um pouco nesta estadia, mas todos os dias são como hoje, longos.

**14/11/16**

Relendo “Como funciona a ficção”. James Wood diz que a grande tensão da ficção de hoje é saber quem é o narrador. Peguei antipatia pelo livro por outras razões, mas todo esforço até agora tem sido justo para lidar com isso. Narrando em terceira

pessoa, o mais difícil é o que fazer com os pensamentos. Poderia usar o verbo pensar depois das aspas, mas isso seria distanciar narrador e narração.

Quero alguma outra coisa, a possibilidade de um narrador-câmera, que fique claro, quando houver pensamentos, que estes são dele, não desse narrador discreto.

**14/12/16**

Um mês sem escrever. Nesse meio tempo, Julieta, minha gata que me acompanhava desde 2004, morreu e nasceu meu afilhado.

Nas últimas três semanas, fui revisor numa agência de publicidade. Fica em frente ao shopping da Livraria Cultura, onde costumo chegar com meia hora de almoço e mais uma hora e meia para tirar. Resolvi trabalhar na cafeteria, desenvolvendo um pouco mais a ideia. Foi um jeito de compensar a falta de tempo.

Apesar da real falta de utilidade, o trabalho na agência é tranquilo. Consigo entender por que tanta gente gosta. Desde o começo quis facilitar ao máximo um romance “sobre nada”. A quantidade de dias, seis, corresponde à de capítulos. A passagem rígida do tempo faz que cada desenlace feche a história, reabrindo-a de outro ponto. Tenho para mim isso como uma garantia de que o romance chegará ao fim.

Ocorre também que veio essa ideia. O sexto capítulo correspondendo ao dia seguinte, mas também um ponto um ano e meio adiante. Ele no fim voltou à profissão. Mas como?

**12/1/17**

A ideia de fazer a história terminar em Van me veio ontem. Eu mesmo estive lá em fevereiro de 2015. Por uma ideia estúpida, quis levar minha mulher para os confins da Anatólia, numa cidade rebelde, porque queria pegar um trem e conhecer o lugar que era a capital armênia e toda a população foi morta ou exilada. É um lugar estranho e, segundo o noticiário, palco de um ataque terrorista vez ou outra. Uma pesquisa no Google e o prefeito da cidade está preso por terrorismo. Pareceu bom lugar para um matador.

A antiga Van fica ao lado da nova, criada depois da destruição da cidade armênia. A outra continua um campo vazio. Convenci a Folha e a Aventuras na História a me pagarem por um relato do local, já que o genocídio está fazendo 100 anos.

Não foi boa experiência, mas conheci sozinho o castelo e também o caminho, uma região devastada por um terremoto alguns anos atrás e que continua em ruínas. O que mais impressiona é o silêncio. Você sabe que dezenas de milhares morreram ali e agora está sozinho no palco de um genocídio. Não há monumento armênio, nem armênios em Van. Ninguém se interessa pela tragédia.

Depois, descobri que o taxista havia me deixado e tive de caminhar seis quilômetros numa região quase, vazia. Não faltasse nada, em um momento passou por mim uma picape e, atrás, dava para ver os canos de duas espingardas. Segui caminhando imaginando Simone tendo de explicar à minha mãe que o filho dela é prisioneiro dos curdos, mas o carro não voltou.

**11/2/17**

Ainda sem entender se o livro funciona melhor na primeira ou na terceira pessoa. Um conselho de Assis para pensar: o personagem na primeira pessoa deixa pouco espaço de dedução. Ao mesmo tempo sinto-o melhor para uma narrativa veloz. Tentei escrever das duas maneiras, assim como variar o presente e o passado.

O problema é que certos trechos parecem melhores em primeira pessoa e outros, na terceira. Muito do que foi tentado se baseia em ritmo, forçando as coisas numa certa direção. Ao mesmo tempo o temor de soar exagerado.

**18/2/17**

Premissas do realismo histórico segundo Wood (WOOD<sup>33</sup>):

---

<sup>33</sup> WOOD, James. Human, all too human, 2000. Nova York: The New Republic. <Disponível em <https://newrepublic.com/article/61361/human-inhuman>>

1 - Uma prosa elaboradamente absurda.

2 - Trama e a característica de uma parte e uma investigação detalhada da realidade de outra.

Ele escreve sobre a conhecida resenha de *Dentes brancos*, de Zadie Smith, que se encaixa, diz, nas características, assim como *Mason & Dixon*, de Thomas Pynchon, e *Graça Infinita*, de David Foster Wallace.

Um elemento que define este tipo de literatura, segundo Wood, é a velocidade narrativa. O grande romance contemporâneo, a seu ver, parece querer abolir a quietude (“como se tivesse vergonha do silêncio”) e tramas e subtramas brotam em todas as páginas. No que chama de cultura de narrativa permanente, aponta a “busca da vitalidade a todo custo”.

Será que tem algo que escapa a ele? A velocidade parece mais fruto da aceleração da própria vida do que mera escolha dos autores. Anos atrás, escrevi uma reportagem mostrando que hoje as pessoas caminham mais rápido do que 100 anos atrás. Por que escrever seria diferente?

**9/3/2017**

No começo, escrevia contos sem desenvolver personagens, baseado na ideia de contar rapidamente uma história. Certamente um vício do jornalismo, do qual não consegui me livrar. É uma característica que vejo em praticamente todo autor que veio do jornalismo e imagino a luta de cada um para sufocar essa tendência à brevidade extrema.

Se der certo, o que nascerá é uma tensão permanente, empurrando a história adiante como se ele estivesse um pouco alucinado. O melhor seria encontrar um jeito de fazer parecer que tudo é estranho para ele, mas ao mesmo tempo ele não estranha nada.

Não quer dizer que vá conseguir.

**18/3/17**

Terei apenas uma aula neste semestre para completar os créditos e logo numa segunda de manhã cedo. Eu pedalo os 4,6 quilômetros de casa até a PUC, percorrendo a calçada da direita da Ipiranga e volto pelos mesmos 4,6 quilômetros pela esquerda. Voltei, aliás, a ter celular no mês passado, mas deixei de usar o Spotify para pensar no que escrever. À medida em que se aproxima o prazo final do livro, sinto um pouco de desespero.

No plano original, o livro também estaria pronto agora como seis meses atrás, mas esse é um cronograma impossível de cumprir. Não é que me sinta enganado pelo otimismo ou frustrado por não ser capaz de cumprir o cronograma, mas teria sido com um pouco de sorte.

Algo que pensei hoje sobre meu “amigo” (continuam as dificuldades sobre como chamá-lo). Ele viaja de ônibus porque precisa carregar armas e a fiscalização do transporte de passageiros no Brasil é uma piada. É melhor do que o medo de andar de avião.

**14/4/17**

Dois dias de escrita boa. Avanço até o final do primeiro dia, embora a última parte, a caminhada no final, continue com problemas. Seria melhor aproveitar para apresentar algo mais dele.

Tinha uns 14 ou 15 anos, caminhei com os amigos saindo do colégio em Olaria, andando até a Avenida Brasil chutando todas as lixeiras no caminho. Fomos depois pela Avenida Brasil, algo como mais uns três quilômetros, e depois até a Penha Circular, mais ou menos uns cinco de volta, uma caminhada absolutamente inóspita, com aquelas pistas todas e um sol senegalês de quase meio-dia. Por que? O pai de um amigo trabalhava numa oficina mecânica e resolvemos ir até lá. Esse hábito de andar por andar, andar a esmo, ficou para a vida adulta. Nos anos em que trabalhei no centro do Rio, descia longe do trabalho só para ir a pé.

Uma vez andava pela Rua do Ouvidor ou a Sete de Setembro, um pai com cabelos brancos compridos e um garoto parecido com ele, uns trinta anos mais novo. O

pai apontava sobrados, hoje transformados em sapatarias, lojas de tecidos e de 1,99, um Boticário, etc, dizendo em voz alta, sem o menor constrangimento de chamar atenção, o que antes havia naqueles mesmos lugares: um café, uma livraria, uma leiteria, outra livraria, outro café. Seria perfeitamente compreensível questioná-lo onde ficava então o resto do comércio: as lojas de gelo, os armarinhos, butiques, pastelarias populares e etc. O recado, claro, era de que o mundo já não é mais como antes e a culpa é do garoto, que estragou tudo.

**1/6/17**

Questão colocada pelo Reginaldo (Pujol), durante uma apresentação (não anotei as palavras exatas na hora, é o que consigo lembrar, mas o sentido está preservado):

– Se você só troca um nome por uma profissão, por exemplo, o advogado, não vai acontecer a mesma coisa e a pessoa vai ver esse advogado como um advogado que já conhece?

Resposta:

– O truque para isso é usar marcações e tentar fixar essas pessoas através de alguma outra característica.

Isso – não disse – inclui a luta constante para fazer o narrador refletir as atitudes e pensamentos. Não uso quase o verbo “pensar” para não apontar um narrador externo.

**11/8/17**

Descartada toda a primeira abertura. Era imponente demais.

**8/9/17**

Algo inesperado nesse processo foi a sensação de ter um rascunho de romance lido pela banca, no ano que vem. Lembro de Chico Buarque numa entrevista à Caros Amigos. “Não mostro rascunho”, disse.

02/11/17

Abertura descartada:

“No fim, morrer não é difícil. Você está vivo uma hora, na outra, não. Está bem agora, depois não está mais. Existem muitas causas e razões e não é preciso ser um especialista para declarar algumas: a peste negra, que ceifou um terço da vida na Europa séculos atrás por conta de um bacilo invisível ou uma série de doenças conhecidas, como aids, tuberculose, pneumonia, gripe, dengue, malária, tifo, gripe, câncer e meningite, para citar algumas. Mesmo uma crise incontrolável de riso tem o poder de levar alguém à cova simplesmente por achar graça em dada piada ou situação, a boca escancarada numa máscara de felicidade. Outras vezes é preciso apenas ter nascido na época, local ou grupo étnico errado, assim como ou ter as ideias consideradas perigosas por um facínora para sua vida se tornar motivo apenas para historiadores, agrupada a partir de então numa grande estatística, não raro na casa dos milhões. E também há os acidentes, atropelamentos e fatalidades diversas, como ser vítima da queda de um avião ou ser atingido por uma ferramenta caída de um prédio. Ou ser atingido por um raio. Em última instância, isso se dá porque, na condição de humanos, produzimos sem parar esse tipo de acontecimento.

Quanto a matar alguém, tampouco envolve um grande problema se você tem a convicção de que a vida não vale tanto. Ou pelo menos pode ser transacionada por dinheiro, honra, necessidade ou um motivo qualquer. Um pouco de prática também não vai mal e é por essa razão, por ter cumprido as exigências necessárias, depois de quase um dia e uma noite ouvindo o carioca falar sem parar dentro desse ônibus, que já não tenho mais dúvidas: se fosse pago para isso, tiraria sua vida com prazer”.

Foi talvez o corte mais difícil de fazer, pois continuo achando boa. Mas ao mostrar a um amigo, publicitário, veio o veredicto que já me incomodava.

– Massa, parece o Karl Ove.

**27/11/17**

Estava atrasadíssimo com a produção, mas sexta Simone foi a um jantar e eu sentei para escrever às 5 da tarde, me levantando às 3 da manhã (na real, tomei banho, fritei um bife de hambúrguer caseiro e comi com pão no meio disso). Algo como 15% do livro escrito numa noite. É lógico, claro, que metade disso vai fora no dia seguinte, mas deu saudade de quando era assim duas ou três noites por semana, uns 15 anos atrás,

**5/12/17**

Um mês e meio atrás, fui comunicado de que agora sou bolsista do CNPq, o que me dará 1.500 mensais até 28/2. Recebi hoje o valor da primeira bolsa, o que me dá a chance de parar os outros trabalhos e me dedicar ao romance.

Agora vai. :)

**8/12/17**

Uma observação que me veio hoje quando estava escrevendo. Se ele conhece lugares frios, certamente não vai sofrer tanto assim em Porto Alegre. Parei o que estava fazendo para trabalhar nisso. O livro é sobre o horror de um morador do Sudeste em um frio descontrolado. A solução – uma mala cheia de agasalhos sendo transportada no bagageiro – e consumiu a segunda metade da tarde, tendo de reescrever o primeiro capítulo para inserir a explicação. No fim, uma solução satisfatória, mas também um dia perdido.

**12/11/17**

Finalmente, o final do terceiro dia. Ele passa a noite com Ruiva Relevante. Numa reescrita posterior, planejo alguma importância maior. Ela é, como o chileno, pouco mais do que uma marcação cômica. Sinto que pode dar mais.

**26/1/18**

Hoje saí de casa pela primeira vez em três dias. Fui à defesa de um colega, Celso. Vendo os elogios, surgiram diversos tipo de medo. O medo principal de não acabar esse trabalho ou chegar a um bom termo com meus objetivos. Uma certa inveja também de quem já terminou e pode fazer outra coisa enquanto ainda tento terminar.

### **8/2/18**

Não tinha muitos planos para esse relato, mais ainda diante do fato de que as últimas semanas foram caóticas. Uma sequência de complicações – uma morte, doença da mãe e do pai, crise familiar, trabalhos antigos para editar – se entrelaçou, como seria inevitável, com o final do trabalho. Nas últimas semanas, sair de uma situação tensa, sentar e começar a pensar em situações com certa graça começou a tornar a rotina um pouco surreal.

Não pretendia, apesar de encorajado por meu orientador, mesmo no fim, cumprir o acordo inicial de apresentar este relato na forma original. Estava até hoje de manhã, a um dia do prazo de entrega, convicto de que o melhor era esquecer, pedir mais uns dias e formatar algo mais acadêmico. Fui convencido do contrário esta manhã, por volta das 10h, quando, entre discussões com a Net por me deixar offline desde ontem, surgiu o fecho perfeito.

Estava irritado, mas quando ouvi meu nome, Simone disse estar grávida.

### **16/2/18**

Minha semana consistiu em tentar escrever, confirmar a gravidez e dar conta de uma mulher com enjoo permanente. O exame de sangue apontou alguns níveis de hormônios altos demais. Na sexta (9), significavam gêmeos, um embrião mais desenvolvido do que as seis semanas ou uma falsa gravidez. Tudo se confirmou em um coração batendo, experiência vivenciada com um médico muito parecido com Gustavo Faraon, editor da Dublinense. Simone passa mal sem parar. Eu vivencio essa sensação permanente entre choque, euforia e desespero, este último dividido na preocupação

com minha mulher, por na zona da gravidez incerta e a dor lancinante nas costas por de permanecer sentado o tempo. Lógico, a angústia de terminar isso aqui.

Converso com meu orientador, envio mensagens aos participantes da banca, escrevo mais cinco ou seis horas. Na última revisão, as transições de quando ele está pensando ou é a narração são mais suaves. Acho que o começo do capítulo 2 tem o clima mais parecido com o ideal para usar na narrativa inteira. Permanece, no entanto, todas as minhas tentativas de não escrever um romance “de humor” (no sentido que o objetivo seja fazer com que as pessoas riam).

**18/2/18**

Uma última observação é mais uma vez sobre política. *Maldito Frio* foi escrito no valor de alguns dos momentos mais turbulentos em toda a minha vida. Tentei, no entanto, usar o contexto político de maneira mais humana. Tendo sido iniciada nas cinzas das jornadas de 2013, é lógico que a produção do livro foi influenciada pelo clima. Me envolvi com ardor nos debates, tendo defendido a eleição de Dilma Rousseff e, depois, seu mandato contra o impeachment. Continuo exercendo a crítica contra os grupos que assumiram o poder no país. No que isso influenciou a produção do livro é mais difícil definir.

Não sinto necessidade de levar minha ideologia política à literatura. Se isso aconteceu, se no fim soar panfletário, é porque errei. Tentei ser crítico e, muito mais, tentar manifestar desencanto. Sua participação numa manifestação e suas reflexões sobre a política foram adotadas de modo a ser coerentes com certa visão de mundo, a de um homem numa crise de meia idade cujas ilusões políticas se foram junto com as demais.

## ANEXOS

# 1. Hotel Confort – Rua Coronel Vicente – Centro de Porto Alegre



